UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação — FaE

ROSANA DA SILVA PEREIRA

ENEGRECENDO O JALECO BRANCO: TRAJETÓRIAS NEGRAS EM CURSOS DE SAÚDE DE UNIVERSIDADES NORDESTINAS INTERIORIZADAS

Belo Horizonte
2023

ROSANA DA SILVA PEREIRA

ENEGRECENDO O JALECO BRANCO: TRAJETÓRIAS NEGRAS EM CURSOS DE SAÚDE DE UNIVERSIDADES NORDESTINAS INTERIORIZADAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus

Belo Horizonte
2023

P436e
T

Pereira, Rosana da Silva, 1996-

Enegrecendo o jaleco branco [manuscrito] : trajetórias negras em cursos de saúde de universidades nordestinas interiorizadas / Rosana da Silva Pereira. -- Belo Horizonte, 2023.

154 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Rodrigo Ednilson de Jesus.

Bibliografia: f. 141-148.

Anexos: f. 149-154.

1. Educação -- Teses. 2. Ensino superior -- Políticas públicas -- Avaliação -- Teses. 3. Ensino superior -- Democratização da educação -- Teses. 4. Programas de ação afirmativa -- Avaliação -- Teses. 5. Educação -- Políticas públicas -- Avaliação -- Teses. 6. Índios -- Educação -- Políticas públicas -- Avaliação -- Teses. 7. Negros -- Educação -- Políticas públicas -- Avaliação -- Teses. 8. Bahia -- Educação -- Teses. 9. Bahia -- Ensino superior -- Teses.

I. Título. II. Jesus, Rodrigo Ednilson de, 1979-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.96081

Catalogação da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

FOLHA DE APROVAÇÃO

ENEGRECENDO O JALECO BRANCO: TRAJETÓRIAS NEGRAS EM CURSOS DE SAÚDE DE UNIVERSIDADES NORDESTINAS INTERIORIZADAS

ROSANA DA SILVA PEREIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 14 de março de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Rodrigo Ednilson de Jesus - Orientador
UFMG

Prof(a). Dyane Brito Reis Santos
UFRB

Prof(a). Bárbara Bruna Moreira Ramalho
UFMG

Belo Horizonte, 14 de março de 2023.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas ao longo da minha vida, foram e são importantes para a minha existência neste universo. Portanto, agradeço a todas as pessoas que foram descritas nesta dissertação que me auxiliaram na vida. Como diz Zeca Pagodinho em “a gira girou" -eu não teria chegado a lugar nenhum se não fosse vocês’, portanto sou imensamente grata àqueles que *me deram a mão,* confiança e companheirismo. Sabemos que para nós, pessoas negras e de origem popular, tudo neste país é abruptamente violento. São as coletividades que nos acolhem, nos perdoam e nos oferecem possibilidades de sonhar. O futuro é ancestral.

Agradeço a minha mãe, Maria Helena que ousou sonhar por uma vida digna. A sua luta e dedicação a mim e a Vitória, proporcionou que nossas vivências fossem melhores. Como defensora da educação, te agradeço Mainha por tudo!

Agradeço aos meus amigos Amanda Carvalho, Taís Lima, Josemary Silva, Aline Lopes, Amanda Santos, Layla Calmon, Lucas Amorim, Romário Nascimento, Juliet Luft, Aline Lopes, Wellison Silva, Wesley Vaz, Diana Costa, Raíssa Caldas, Ruan Sousa, Lucimeire Passos, Marina Tomás e José Nilton Messias pela amizade, companheirismo e trocas afetuosas.

Agradeço às minhas companheiras de Pós-Graduação Silvia Regina de Jesus, Luisa Nonato, Natália Colen, Aline Neves, Isis Roza, Roberta Faria, Ana Luiza Zanon, Meiriele Cruz e Trinidad Vaccarezza que tão gentilmente me acolheram e fizeram meus primeiros passos em Belo Horizonte divertidos e confortantes. Estendo os agradecimentos aos meus colegas de orientação Luana Tolentino, Josias Marinho e Matheus Freitas.

À Aline Ramos, companheira de orientação e colega no PPGE, tenho agradecimento especial. Encontrar uma conterrânea tão parecida comigo foi muito importante. Sou grata pela sua amizade, diálogos e pelas orientações de vida.

Agradeço aos meus professores preferidos e amigos Dra. Dyane Brito Reis e Dr. José Raimundo de Jesus Santos pelo apoio desde a graduação até o ingresso no mestrado. Vocês são referências de dedicação, profissionalismo e comprometimento com a educação superior.

Agradeço a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, pela sua existência como uma Política Afirmativa. Estendo os meus agradecimentos ao Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) pela formação política. Sendo um centro de ensino que

defende a diversidade, as ações de ensino, pesquisa, extensão e demais coletividades auxiliaram na construção da minha consciência política, antirracista e antifascista. Neste sentido, preciso retificar a importância dos Professores da Licenciatura em Ciências Sociais Luís Flávio Godinho, Thaís Joi Martins, Luís Paulo Oliveira, Silvio Benevides, Wilson Penteado e Antonio Matheus Soares. Não obstante, a Professora Silvia Pereira, docente do Bacharelado em Serviço Social, também perfaz esse agradecimento, sua parceria e companheirismo no Musakala estão nas minhas recordações como momentos inspiradores.

À Ana Placidino, eu agradeço imensamente, pela nossa parceria durante a minha permanência no Musakala, a senhora que proferiu palavras acolhedoras minutos antes da minha entrevista no processo seletivo do mestrado. Dizia "Já é seu!", posso te dizer que a titulação de mestra é nossa, Dona Ana, muito obrigada!

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Profissional, Tecnológica da Bahia-Campus Santo Amaro, pela formação de qualidade no ensino médio profissional. Nomeio aqui os agradecimentos especiais aos Professores Soraia Santos, Pedro Santos, Luís Carlos, Ariomar Oliveira e Bruno Moreira.

Agradeço ao Grupo de Estudos De(s)colonizando mentes feministas em territórios Afrodiaspóricos: Construção coletiva de nova metodologia, vinculado ao Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC), pelas trocas e formações. Como um espaço de afetos e vivências intelectuais me senti acolhida nestes momentos e incentivada a seguir nas leituras sobre as Relações Étnico-Raciais. Às Professoras Dra. Walkyria Chagas (UFMT) e Dra. Célia Souza (IFAP) líderes do grupo, agradeço pela condução de boas discussões e momentos aconchegantes.

Ao meu orientador, Rodrigo Ednilson de Jesus, agradeço pela orientação, companheirismo e comprometimento nestas caminhadas. Rodrigo é uma referência, e me sinto grata por tê-lo na minha trajetória acadêmica. O seu compromisso e dedicação com as ações e políticas afirmativas na UFMG se tornaram referências na minha vida.

A Universidade Federal de Minas Gerais e a Faculdade de Educação, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação, agradeço pela contribuição através das disciplinas, seminários, atividades de extensão que direta e indiretamente foram importantes para a construção desta pesquisa. Estendo meus agradecimentos ao Professores Natalino Silva pelas suas contribuições na pesquisa como docente da Disciplina de Seminário de Pesquisa II e pela gentil condução do Curso Pré- Acadêmico Afirmação na Pós (UFMG).

Agradeço ao Presidente Luís Inácio Lula da Silva e a Presidente Dilma Rousseff,

pela defesa da democracia, implementação de políticas públicas durante suas respectivas gestões. Graças a suas existências na presidência da república, foi possível que esta jovem pobre, de periferia, do interior do nordeste, pudesse acessar o ensino superior e permanecer nele.

A presente pesquisa obteve o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), na qual agradeço a possibilidade de dedicação exclusiva durante o período do mestrado.

Agradeço a Bárbara, Dyane, Natalino e José Raimundo pela disponibilidade na avaliação deste trabalho. Acolho com gratidão suas recomendações e explano que me sinto honrada por vocês estarem neste momento tão especial para mim.

Para mim o conhecimento é construído coletivamente e por isso às participantes sujeitas interlocutoras da pesquisa e aos participantes sujeitos interlocutores da pesquisa, os meus mais sinceros agradecimentos. Muito obrigada por compartilhar comigo as trajetórias de vocês. Saibam que escutá-las (los) foi uma experiência maravilhosa. As histórias apresentadas nesta dissertação.

As mulheres negras, trabalhadoras, líderes de revoltas e revoluções, que nas ruas, nas casas, no campo e nas empresas nunca se calaram frente às opressões. Que na escola, no mercado de trabalho, nas universidades e nos programas de pós-graduação estão se fazendo presentes e suas existências são essenciais para as transformações sociais. Elas que protagonizam a história deste país, são insubmissas e insurgentes. Se hoje posso estar escrevendo esta dissertação agradeço a elas!

Agradeço a mim, por ter priorizado os meus sonhos. Por ser atrevida o suficiente para acreditar que a minha existência é importante e que poderia trilhar este caminho.

Povoada
Quem falou que eu ando só?
Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma mas não sou só
(Povoada, Sued Nunes)

*Vocês não sabem o quanto **nós** caminhamos, até chegarmos até aqui*
Dedico a todas as pessoas que perfazem a minha caminhada.

RESUMO

Transcorridos duas décadas da implantação das Políticas Públicas de Ações Afirmativas de Acesso e Permanência, pudemos experimentar um expressivo impacto na composição estudantil do Ensino Superior Brasileiro. Neste período, e por meio das Políticas Públicas de Ações Afirmativas, estudantes negros, indígenas, egressos de escolas públicas e pertencentes a camadas populares, historicamente marginalizados do acesso à educação, puderam ingressar na Educação Superior. Neste processo histórico, tanto as políticas de reservas de vagas e abertura de vagas suplementares para estes públicos, quanto à abertura e ampliação de novos campus em cidades fora dos grandes centros urbanos, conhecida como interiorização, foram fundamentais. É neste último movimento histórico que se concentra a presente dissertação. Neste sentido, meu objetivo central será a análise das trajetórias de egressas negras e negros dos cursos de Medicina, Psicologia e Enfermagem da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, as técnicas de pesquisa utilizadas foram as entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo. Os principais resultados do estudo se estabelecem na constatação das Políticas Públicas de Ações Afirmativas e da Interiorização do Ensino Superior como processos que ultrapassam as vivências com o acesso, permanência material e simbólica nas universidades referidas. Desta forma, as trajetórias negras são interpeladas pela compreensão sobre a importância de suas existências nas áreas de saúde enquanto conquistas individuais e coletivas.

Palavras-Chave: Trajetórias Negras, Ensino Superior, Políticas Públicas de Ações Afirmativas e Interiorização.

ABSTRAT

Two decades after the implementation of the Public Political of Affirmative Actions of Access and Permanence, we were able to experience a significant impact on the student composition of Brazilian Higher Education. During this period, and through Affirmative Action Public Political, black and indigenous students, graduates of public schools and belonging to popular classes, historically marginalized from access to education, were able to enter Higher Education. In this historical process, both the vacancy reservation policies and the opening of additional vacancies for these audiences, as well as the opening and expansion of new campuses in cities outside large urban centers, known as interiorization, were fundamental. It is in this last historical movement that this dissertation focuses. In this sense, my main objective will be the analysis of the trajectories of black and black graduates from the Medicine, Psychology and Nursing courses at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB) and the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia (UNILAB). Because it is a qualitative research, the research techniques used were semi-structured interviews and content analysis. The main results of the study are established in the verification of the Affirmative Policies and the Internalization of Higher Education as processes that go beyond the experiences with access, material and symbolic permanence in the mentioned universities. In this way, black trajectories are questioned by the understanding of the importance of their existence in the health areas as individual and collective achievements.
Keywords: Black Trajectories, Higher Education, Affirmative Policies and Interiorization.

RESUMEN

Dos décadas después de la implementación de las Políticas Públicas de Acciones Afirmativas de Acceso y Permanencia, logramos experimentar un impacto significativo en la composición de los estudiantes de la Educación Superior brasileña. Durante este período, ya través de Políticas Públicas de Acción Afirmativa, estudiantes negros e indígenas, egresados de escuelas públicas y pertenecientes a clases populares, históricamente marginados del acceso a la educación, pudieron ingresar a la Educación Superior. En este proceso histórico fueron fundamentales tanto las políticas de reserva de vacantes y la apertura de vacantes adicionales para estos públicos, como la apertura y ampliación de nuevos campus en ciudades fuera de los grandes centros urbanos, lo que se conoce como interiorización. Es en este último movimiento histórico en el que se centra esta disertación. En ese sentido, mi principal objetivo será el análisis de las trayectorias de negros y negros graduados de los cursos de Medicina, Psicología y Enfermería de la Universidad Federal del Recôncavo da Bahia (UFRB) y de la Universidad de Integración Internacional de la Lusofonia Afrobrasileña (UNILAB). Por tratarse de una investigación cualitativa, las técnicas de investigación utilizadas fueron la entrevista semiestructurada y el análisis de contenido. Los principales resultados del estudio se establecen en la constatación de las Políticas Afirmativas y la Interiorización de la Educación Superior como procesos que van más allá de las experiencias de acceso, permanencia material y simbólica en las mencionadas universidades. De esta manera, las trayectorias de los negros son cuestionadas por la comprensión de la importancia de su existencia en las áreas de salud como conquistas individuales y colectivas.

Palabras clave: Trayectorias Negras, Educación Superior, Políticas Afirmativas e Interiorización.

LISTA DE ABREVIATURAS

BIS – Bacharelado Interdisciplinar em Saúde
CAHL – Centro de Artes, Humanidades e Letras
CCAAB – Centro de Ensino de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas
CDHAA – Coordenação de Políticas Afirmativas
CECULT – Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas
CETEC – Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas
CETENS – Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade
CFP – Centro de Formação de Professores
CNPIR – Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial
COEST Coordenação de Políticas Estudantis
CONTRAF Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro
CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
DAN Divisão de Alimentação e Nutrição
DIASE Divisão de Assistência à Saúde do Estudante
DMB – Demografia Médica do Brasil
ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
FAE – Faculdade de Educação
FAMEB Faculdade de Medicina da Bahia
FIES – Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior
GEMAA –Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa
LBHM – Liga Brasileira de Higiene Mental
MNU – Movimento Negro Unificado
PDE Plano de Desenvolvimento
PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMM – Programa Mais Médicos
PNAES – Plano Nacional de Assistência Estudantil
PNE – Plano Nacional de Educação
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PPQ – Programa de Permanência Qualificada
PROGRAD – Pró-Reitoria de Graduação
PROINTER – Pró-Reitoria de Relações Institucionais e Internacionais
PROPAAE – Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis
PROPAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
PROUNI – Programa de Universidade para Todos
PT – Partido dos Trabalhadores
REUNI – Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SEPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SISU – Sistema de Seleção Unificada
SUS – Sistema Único de Saúde
UAB – Universidade Aberta do Brasil
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFABC – Universidade Federal do ABC
UFBA – Universidade Federal da Bahia UFOB – Universidade Federal do Oeste da Bahia
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFCA – Universidade Federal do Cariri
UFCSPA – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFFS – Universidade Federal da Fronteira do Sul

UFGD – Universidade Federal de Grande Dourados
UFMG – Universidade Federal de Minas
UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará
UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFVJM – Universidade Federal do Vale Jequitinhonha e Mucuri
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas
UNILA – Universidade Federal da Integração Latino Americana
UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa
UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco
UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Captura da primeira página de busca, realizada em 31 de julho de 2022.....37
Figura 2: Doutora Dalva Damiana de Freitas.....71
Figura 3: Mapa do Território Identitário do Recôncavo da Bahia.....72
Figura 4: Mapa do Território Identitário do Maciço de Baturité.....76
Figura 5: Maria Odília Teixeira.....83
Figura 6: Neusa Santos Souza.....83
Figura 7: Virginia Leone Bicudo.....84
Figura 8: Juliano Moreira.....84
Figura 9: Carmem Pereira.....85
Figura 10: Adja Satú Camara.....85
Figura 11: Amílcar Cabral.....85
Figura 12: Percentual Raça/Cor da UFRB.....99
Figura 13: Estudantes Negros formados em Medicina em 2019.....101
Figura 14: Aspectos da Permanência Universitária investigados neste trabalho a partir das concepções de Dyane Brito Reis Santos (2009) e José Raimundo de Jesus Santos (2017).....105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estudantes Concluintes de Medicina segundo cor ou raça – Brasil.....42
Tabela 2: Enfermeiros segundo cor ou raça – Brasil.....43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Universidades Federais criadas entre 2005 a 2013.....65
Quadro 2: Sujeitas (os) da Pesquisa.....81
Quadro 3: Personalidades negras (Brasil e Guiné-Bissau) utilizadas nesta dissertação....82

SUMÁRIO

PROLÓGO.....17
INTRODUÇÃO.....20
1. CAPÍTULO I: O CAMPO DA SAÚDE EM INTERFACE COM AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS 36

1.1 Dimensão Corpo-Jaleco Branco.....36

1. 2 O eugenismo e suas implicações na Medicina, Psicologia e Enfermagem.....42
1.3 A medicina, a psicologia e a enfermagem no país: "O Brasil é um imenso hospital".....44
2. CAPÍTULO II: A PROMOÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E A INTERIORIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO NORDESTE BRASILEIRO.....53
2.1 Movimentos em prol da Igualdade Racial e da Educação no Brasil.....53
2.2 A Dimensão Políticas Públicas de Ação Afirmativa no Ensino Superior Brasileiro.....58
2.3 A Dimensão Expansão e Interiorização do Ensino Superior.....62

3. CAPÍTULO III: PELES NEGRAS, JALECOS BRANCOS: TRAJETÓRIAS NEGRAS NOS CURSOS DE SAÚDE DA UFRB E DA UNILAB.....68

3.1 Um Projeto de Universidade negra: A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e as Trajetórias Negras nos Cursos de Saúde.....68
3.2 A Universidade afro-diásporica: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.....74
3.3 Enegrecendo o Jaleco Branco: Trajetórias Negras nos Cursos de Saúde da UFRB e da UNILAB.....80
3.3.1Estratégias e motivações para o ingresso na UFRB e UNILAB.....87
3.3.2 As percepções sobre Políticas Públicas de Ações Afirmativas no Ensino Superior Brasileiro.....93
3.3.3 A Interiorização do Ensino Superior e as experiências com a UFRB e a UNILAB.....97
3.3.4 Sobre as vivências e as permanências no Ensino Superior.....104
3.3.4.1 A Permanência Simbólica nas trajetórias negras egressas dos cursos de saúde.....111
3.3.4.2 O Currículo na Saúde e a formação humanística no BIS-UFRB.....112
3.4.3.3 Desafios para a permanência simbólica no ensino superior e as estratégias de enfrentamento de existência e re (existência).....114
3.3.3.4 Re (existir) na Medicina, Psicologia e Enfermagem.....119
3.3.3.5 Eu sou porque nós somos: Aquilombamentos, afetos e coletividades.....122
3.4 Atuação no mercado de Trabalho e a presença na Pós-Graduação.....126
TECENDO CONSIDERAÇÕES FINAIS.....135
POSFÁCIO.....136
REFERÊNCIAS.....140
ANEXOS.....149

PRÓLOGO

Compreendo que enquanto pesquisadora, nossas experiências implicam o olhar sob o campo de pesquisa. Escrevi algumas páginas desta dissertação em um hospital particular na cidade de Feira de Santana, interior da Bahia. Acompanhando minha irmã durante um processo exaustivo e invasivo de internamento e meus olhares se entrecruzam com os jalecos brancos a todo momento. Caminhando entre as alas e consultórios, lá estavam devidamente incorporados os profissionais de saúde no Brasil.

Pode parecer sádico e estranho, mas imersa no nervosismo e aflição que permeou este período familiar delicado, resolvi me ocupar escrevendo e lendo, já que, ao longo da minha vida, escrever se tornou um refúgio da realidade. Como não tenho o poder da cura, caminhei para o meu lugar secreto. Como Glória Alzandua discute: "Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito da minha revolta e a mim mesma também [...]" (ANZALDÚA, 2000, p. 234). Foi assim que, naquele hospital, algumas páginas da pesquisa foram escritas e as dimensões corpo-jaleco branco e travessias negras foram pensadas.

Se, ao pensar em hospitais e em profissionais da saúde, é comum pensarmos sobre as roupas brancas, e sobre os corpos brancos vestidos pelas roupas igualmente brancas, é preciso também nos perguntarmos: onde estavam os corpos negros naquele hospital? Notei, sem estranhamento, em determinados setores: cozinha, higienização, segurança, transporte e nos serviços técnicos. Diariamente elas, técnicas em enfermagem e em radiologia, estavam ali, me ajudando no acompanhamento da paciente. Além da cor/raça havia duas distinções entre as técnicas de enfermagem e as enfermeiras deste hospital: a vestimenta e a identificação. Não havia crachá para as técnicas, o que me obrigava a perguntar o nome delas. Curiosamente, poucas se apresentaram espontaneamente, o que diferia das enfermeiras que, além de se apresentarem, eram identificadas pelo seu crachá. Ao perguntar algo relativo às técnicas, raramente as enfermeiras as chamavam pelos nomes, mas as identificavam pela profissão de técnicas, enquanto entre elas faziam questão de falar seus nomes. Por sua vez, as enfermeiras, vestidas de jaleco branco, eram facilmente reconhecidas no espaço do hospital e, consequentemente, distinguidas das demais trabalhadoras que usavam algum uniforme da empresa.

No final do internamento da minha irmã, resolvi perguntar para as profissionais de saúde sobre os significados das vestimentas. A maioria das respostas se vincularam

com a questão de biossegurança, já que, segundo elas, a cor branca possui menor incidência de proliferação de bactérias. Outra justificativa enfatizava o fato de que a utilização de jalecos pelos demais profissionais de saúde dependeria da unidade hospitalar e da dinâmica do hospital. Naquele espaço específico, um hospital privado, a política de biossegurança apenas conferia que profissionais da enfermagem e da medicina utilizassem a vestimenta apenas dentro do ambiente hospitalar. O exercício da pergunta foi interessante, primeiramente pela surpresa em seus rostos e, posteriormente, com a minha explicação, já que justifiquei apresentando a minha pesquisa de mestrado. Sinto muito por não ter pensado nesta questão desde o início da pesquisa, entretanto penso que apesar disso, a minha ação foi válida para o propósito desta experiência.

Toda vez que precisava realizar a troca de acompanhante, eu tinha que passar pelos seguranças. Neste primeiro momento, adentrar o hospital se tornava mais uma memória desagradável, isso porque antes mesmo de conseguir dizer que acompanhava uma paciente, por vezes era indagada se era funcionária terceirizada do hospital, o que já automaticamente me remetia aos serviços de limpeza, e quando sem paciência conseguia abruptamente negar e apresentar meu documento de identificação, o olhar era de desconfiança e surpresa.

Como já salientado, se tratando de um hospital particular, tanto os clientes/pacientes, quanto seus familiares e acompanhantes eram, em sua maioria, pessoas brancas. Por isso, eu sabia que minha presença e a presença da minha irmã, por tanto tempo naquele espaço era motivo de suspeita e curiosidade. Contudo, durante este processo, os atravessamentos raciais nas relações com as profissionais da limpeza, cozinha e as técnicas de enfermagem passaram a ser mais frequentes. Conversas permeadas de dicas sobre penteados, cosméticos, tranças e entrelaces passaram a estar presentes em nossas trocas e compõem a nossa relação. Foi desta forma, que me tornei próxima destas mulheres negras, a ponto de ver fotografias de suas famílias, ser ouvinte de suas histórias de vida e confidente de suas experiências no hospital.

Mesmo considerando que, desde o período de escrita da monografia na graduação, a área da saúde atravesse as minhas investigações, não imaginei que vivenciaria pessoalmente o ambiente hospitalar e as suas nuances raciais e sociais. Me deparo com o incômodo que é o não-saber, incluindo a incompreensão da linguagem médica, dos procedimentos e seus impactos, bem como as dificuldades em reivindicar outras possibilidades de tratamento. Tudo isso me deixava inconformada com a minha própria

ignorância sobre a área. bell hooks (2019) me faz refletir sobre as relações de poder, a partir da supremacia branca que cria estratégias para a manutenção das desigualdades raciais, em favorecimento da branquitude, e nesta situação, o simples ato de pedir para repetir e/ou explicar a situação clínica da minha irmã, era motivo de olhares raivosos e falas truculentas: "A médica sou eu, entendeu?". Esta última premissa deixo para a interpretação de vocês, será delírio meu ou o pacto narcísico da branquitude?

O pacto narcísico da branquitude foi conceituado pela intelectual Maria Aparecida Silva Bento (2002). A branquitude se elege como parâmetro para toda a sociedade, encarnando o progresso, a civilização, a ciência, a razão e o saber. O processo de colonialismo e colonialidade, criações brancas e eurocêntricas de dominação, aponta quem pertence à cidadania e quem está fadado à subcidadania. Imperam na medicina, nas demais áreas de saúde, no direito, na intelectualidade, na universidade e na política. Se pensarmos espaços de poder, lá estão eles muito bem vestidos, performando a moral e os bons costumes, na quais os acessos aos espaços sociais funcionam como um clube privado de reprodução de privilégios e desigualdades.

Importante mencionar também como meu olhar de mulher negra, pesquisadora e ativista a todo instante me alertava sobre a forma de tratamento da branquitude em relação ao corpo negro. Ressalto que sendo minha irmã uma adolescente portadora de Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES)[1] e Insuficiência Renal, os efeitos das medicações para o tratamento de lúpus e a realização diárias de diálises tornava o internamento na UTI mais exaustivo. Por outro lado, para a minha surpresa, o único médico pediatra negro da equipe se tornou uma boa companhia. Sua atuação gentil e humanizadora fez a diferença neste processo de recuperação.

Passados cerca de três meses, Vitória está bem. Muito se fala sobre como ela conseguiu sobreviver a este lugar. Confesso que depositei minhas esperanças na espiritualidade. Foi a fé que me fez crer que da mesma forma que ela foi admitida neste hospital, ela iria sair: com vida. Na condição de uma adolescente negra e portadora de Lúpus, sua experiência nos ambientes hospitalares que seguem ignorando as dimensões mais relevantes da saúde da população negra com certeza é distinta das demais jovens de sua idade. Contudo, fazendo jus ao seu nome, Vitória irá seguir um dia após o outro: lutando!

[1] O LES é uma doença crônica de caráter inflamatório que se institui nos ataques dos próprios tecidos pelo sistema imunológico. O lúpus é uma doença com maior incidência em mulheres negras, capaz de afetar o coração, rins, cérebro, articulações, pulmões e células sanguíneas.

INTRODUÇÃO

Nossos passos vêm de longe e irão muito além: Quando uma subalterna indisciplinada vira pesquisadora.

"*o lixo vai falar e numa boa"*
Lélia Gonzalez

Como sabido, desde 2020, o mundo precisa lidar com as implicações da Covid-19 em diferentes âmbitos da vida social. No caso do Brasil, a área da saúde tornou-se ainda mais relevante, juntamente com reconhecimento da importância em investimentos no Sistema Único de Saúde (SUS) para que vidas fossem salvas.

Mulheres, trabalhadores informais, trabalhadores de rua, moradores de rua, idosos e refugiados emergiram nas múltiplas vulnerabilidades decorrentes dos impactos nos âmbitos da saúde, trabalho, educação e qualidade de vida. Vivenciamos historicamente a dor e a luta do ser negro numa estrutura social racista em um país desigual, além de estarmos enfrentamos uma pandemia e uma crise política e econômica.

Entretanto, apesar do cenário, vale a pena esperançar! Paulo Freire (1992) que irá nos dizer que a esperança é uma necessidade ontológica, que precisa ser fundamentada na prática, isto é, "[...] precisa da prática para torna-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira assim espera vã" (FREIRE, 1992, p. 4). A esperança move as trajetórias dos movimentos sociais negros ao longo da história escravocrata. Foi pela esperança que o movimento abolicionista surgiu, bem como ao longo século XX, os movimentos sociais contemporâneos lutavam por melhores condições de vida para a população negra.

Lélia González (1984) no texto "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira" nos chama atenção para a importância da memória. E portanto resgato neste momento, a minha cidade natal: Amélia Rodrigues, sertão da Bahia, município de aproximadamente 26 mil habitantes, localizado entre a capital, Salvador e a segunda capital do estado, Feira de Santana. Carregando em seu nome uma homenagem a uma professora e poeta baiana, foi nesta cidade que minha mãe me criou sozinha. Dona Maria Helena, uma mulher branca, servidora pública vinculada à Secretaria Municipal de Educação, me proporcionou possibilidades de acessar uma educação de qualidade desde cedo.

Formada a partir do Magistério Superior, minha mãe durante muitos anos foi professora de alfabetização de jovens e adultos. Era no quintal de casa que ela realizava a alfabetização, e neste contexto aprendi a ler e a escrever. Ao longo de sua trajetória profissional, ela trabalhou na secretaria, merenda, higienização e assistência educacional,

e durante todo este trajeto ela me levava. Como uma boa incentivadora da leitura, minha mãe me deixava na biblioteca dos espaços nas quais trabalhava e era neste lugar que tive acesso às primeiras leituras sobre a literatura brasileira.

Apesar de ser uma jovem tímida e calada, a esperança que me guia e é ancorada nela que me deixei "sonhar mais alto que drones" ao sair do sertão da Bahia para o Recôncavo Baiano[2]. O Recôncavo é um lar ancestral e *amefricano*[3] na qual conheci as manifestações culturais, afro-religiosas e territórios de lutas históricas pela independência do Brasil. Um lugar que *me chama* e que me sinto tão *pertencente*, mesmo passado algum tempo, sinto muitas saudades.

Entre os anos de 2012 a 2016, fui estudante do Curso Integrado de Eletromecânica (ensino médio e profissional) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia[4], no Campus Santo Amaro. Foram quatro anos intensos e, talvez, por isso, a educação proporcionada no IF, me levou para lugares que jamais imaginaria que poderia estar ainda na adolescência. Ressalta-se que, a escolha pela realização neste campus foi meramente por questões econômicas: além de estar próximo da minha casa, o instituto possuía um programa de assistência estudantil consolidado, e portanto, tais aspectos garantiram a minha permanência material.

Em 2016, ingressei no curso de Ciências Sociais, no Centro de Artes, Humanidades e Letras[5] da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e pude conhecer de forma mais aprofundada as Políticas Públicas de Ações Afirmativas de Acesso e Permanência no Ensino Superior. Importante dizer que escolhi ingressar pelas cotas étnico-raciais enquanto uma posição política, já que, ainda no ensino médio, identifiquei a importância das discussões e das políticas de reparações históricas. Assim,

---

[2]Iremos apresentar o Recôncavo Baiano no Capítulo 3, intitulado "Trajetórias negras nos cursos de saúde no ensino superior nordestino", para consulta, visite a página 81.

[3] O conceito de amefricanidade foi cunhado por Lélia Gonzalez e pode ser revisitado no seu artigo. "O conceito político-cultural de ameefricanidade" publicado em 1988. Amefricanidade diz respeito ao conjunto de práticas e ações que visem o reconhecimento e respeito a cultura, identidade, território afrodiásporico. O Recôncavo da Bahia neste trabalho é chamado de lar amefricano porque na minha concepção a sua construção histórica, política, social, cultural e religiosa manifesta a amefricanidade.

[4] A partir da através da Lei Federal 11.892, o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) se transformou em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Na Bahia está presente em 113 cidades, possuindo a Reitoria na capital, Salvador, o IF em seu formato multicampi está presente nas diversas cidades baianas. Para mais informação sobre o IFBA acesse: https://portal.ifba.edu.br/acessoainformacao/institucional. Acesso em: 24.03.2022.

[5] O Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) é um centro de ensino localizado em Cachoeira, dividindo prédios administrativos com a sua cidade-irmã, São Félix-Bahia, na qual possui os cursos de Museologia, Ciências Sociais (Bacharelado), Ciências Sociais (Licenciatura), Comunicação Social-Jornalismo, Comunicação Social- Publicidades, Serviço Social, Artes Visuais (Licenciatura), Artes Visuais (Bacharelado), Cinema, Gestão Pública e História (Licenciatura).

ao ingressar na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)[6], encontrei um cenário consolidado sobre as discussões da temática no país, e assim me senti ainda mais motivada.

Quando entrei na universidade, já haviam se passado quatro anos da implantação da Lei 12.711/2012. Estávamos vivendo, portanto, as primeiras formações pós-cotas, e desta forma, penso na promoção das Políticas Públicas de Ações Afirmativas, como uma *revolução barulhenta*[7]. Mesmo que esteja influenciada pelos processos de impactos da política, acredito piamente nas transformações no perfil universitário brasileiro, em decorrência da sua implementação.

A formação em Ciências Sociais foi estabelecida em um projeto de universidade que tensiona a concepção de universidade branca e elitista. A UFRB tendo como premissa ser uma política afirmativa "de" e "para" o território do Recôncavo da Bahia, desse modo, com o seu corpo estudantil massivamente negro, as discussões sobre a presença negra neste espaço passaram a ser presente na minha permanência simbólica. Ademais, costumo dizer que minha trajetória na graduação teve, infelizmente, como plano de fundo o caos. Como diria Ivana Jinkings (2016), "O Brasil vive um golpe de Estado". Mesmo que anos tenham se passado após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT)[8], me permito afirmar que não foi somente ela que levou um golpe, mas a nação brasileira.

A votação a favor do impeachment de Dilma baseado em sua maioria nos discursos discriminatórios da família tradicional brasileira colocou o poder executivo nas mãos do Michel Temer (PMDB), que estabelece uma gestão governamental ilegítima alinhada exclusivamente para a burguesia brasileira[9]. O momento do impeachment do

---

[6] Iremos discutir sobre a UFRB no capítulo intitulado "Peles negras, jalecos brancos: Trajetórias Negras nos cursos de saúde da UFRB e UNILAB" para consulta, visite a página 70.

[7] Revolução barulhenta porque são as presenças desses sujeitos nas salas de aulas, corredores, pátios, auditórios, nos movimentos sociais e entre outros que é possível ver as mudanças no cenário universitário brasileiro. A ideia de revolução se caracteriza pela simbologia das significativas mudanças promovidas nas instituições de ensino superior.

[8] Em 2016, a então Presidenta Dilma Rousseff sofre um golpe de estado, e é retirada da Presidência da República, contudo é preciso explicitar que o golpe estava em curso a partir da eleição de 2014. Aécio Neves não aceitando a sua derrota eleitoral demonstra publicamente suas insatisfações com o resultado. Em 31 de agosto de 2016, o Senado Federal aprovou o impeachment da Presidenta, foram 61 votos favoráveis e 20 contrários (BRASIL, 2016).

[9] Michel Temer (PMDB) lidera um governo com a promessa de recuperação da economia. Suas ações centrais foram a controversa Reforma Trabalhista que alterou a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e a Reforma do Teto dos Gastos (AGÊNCIA BRASIL, 2018). Informações disponíveis em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-05/veja-fatos-que-marcaram-os-dois-anos-do-governo-temer. Acesso em: 24.03.2022.

Presidente escancara para o mundo, a fragilidade da democracia brasileira, se é que ela um dia existiu para as camadas populares.

Lembro-me do dia em que o Presidente Luís Inácio Lula da Silva iria receber o título honoris causa pela UFRB, entretanto a justiça baiana impediu a entrega da honraria e a entrada dele na Universidade. Apesar disso no dia 18 de agosto de 2017, ele participou de um ato público no centro de Cruz das Almas, Bahia[10], em frente da UFRB. Até o momento de vê-lo, fui permeada pela ansiedade, isso porque vivenciei a minha infância nos governos petistas, e mesmo sem a compreensão crítica necessária na época, já entendia que Lula era um presidente "do" e "para" o povo[11]. Contudo, em abril de 2018[12], ele foi preso, e tal ação se estabeleceu como uma estratégia para impedir uma possível candidatura para as eleições daquele ano. A prisão de Lula já indicava que estávamos enveredando por um caminho difícil para a democracia brasileira.

> "O estudo é a garantia de independência, principalmente para as mulheres", disse Lula durante o ato público em Cruz das Almas-Bahia (MÍDIA NINJA, 2017).

Considero a eleição de 2018 como triste, lamentável e pavorosa. Mesmo com os esforços do movimento "vira-voto"[13] no segundo turno para o candidato Fernando Haddad (PT), o país elegeu com 55,13% dos votos[14] um projeto governamental que

---

[10] O Presidente Lula foi a terceira pessoa a ter o título de Doutor Honoris Causa concedido pela UFRB, através de deliberação do Conselho Universitário (CONSUNI) (UFRB, 2017). Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/portal/noticias/4822-ufrb-entrega-titulo-doutor-honoris-causa-ao-ex-presidente-lula-nesta-sexta-18#:~:text=O%20ex%2Dpresidente%20Luiz%20In%C3%A1cio,receberam%20o%20t%C3%ADtulo%20pela%20institui%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 24. 03.22. Entretanto, por causa do impedimento da justiça baiana, não foi possível a entrega do título. Disponível em (BRASIL DE FATO, 2017): https://www.brasildefato.com.br/2017/08/18/no-segundo-dia-da-caravana-lula-critica-proibicao-de-titulo-na-ufrb. Acesso em: 24. 03.22.

[11] O governo do Presidente Lula (2003-2010) foi responsável pela implantação de programas sociais como Bolsa Família, Fome Zero, Primeiro Emprego, na área educacional alguns exemplos são o Programa Universidade Para Todos, Programa Computador para Todos, o Programa Institucional de Bolsas à Iniciação à Docência (PIBID) e o Sistema de Seleção Unificada (Sisu).

[12] O Presidente Lula foi preso em decorrência da investigação Lava Jato (BRASIL DE FATO, 2019). Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2019/04/05/por-que-lula-esta-preso/. Acesso em: 24. 03. 22. Vale ressaltar que a soltura do Presidente só se deu em 08.11.19. Lula foi considerado inocente de todas as acusações, estando elegível para a candidatura para o governo federal em 2022.

[13] O movimento Vira-voto foi intensificado no segundo turno da eleição de 2018, tendo como objetivo reverter votos para o candidato Fernando Haddad.

[14] O candidato do PSL, foi eleito com 57.797.847 votos, enquanto Fernando Haddad obteve 44,87% dos votos, correspondendo a 47.040.906 dos votos. Foram total de 115.933.451 votos, 104.838.753 validos, (90,43%), 2.486.593 (2,14%) brancos, 8.608.105 (7,43%) nulos, 31.371.704 (21,30%) abstenções. Para mais informações : https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-

admitia as violências que permeiam a estrutura da sociedade brasileira: desigualdades, discriminações, preconceitos e a supremacia branca. Esta votação evidenciou debates sobre as preferências regionais, e o que ficou claro é que o Nordeste foi a única região do país, na qual o candidato petista obteve maior quantidade de votos. Na região, Haddad registrou 69,7% dos votos, contabilizando 20,3 milhões de votos, enquanto o candidato eleito obteve 8,8 milhões de votos, correspondendo à 30,3%[15].

Apesar da democracia fragilizada desde o Impeachment da Presidenta Dilma (2010-2016), era preciso permanecer materialmente e simbolicamente na universidade, então tornei-me bolsista (2017-2020) do Programa de Permanência Qualificada (PPQ), vinculado à Pró-reitora de Ações Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE), participei de momentos e ações vinculadas ao movimento estudantil de casas de estudantes, fui representante discente do cursos de ciências sociais (2016-2017) e como também bolsista (2017-2020) do Programa de Educação Tutorial Afirmação: Acesso e Permanência de jovens de comunidades negras rurais no Ensino Superior[16], pude enveredar nas investigações sobre as Políticas Públicas de Ações Afirmativas.

Penso que minha caminhada na universidade não foi dolorosa como imaginei inicialmente, justamente porque quando ingressei no PET Afirmação, sob a tutoria da Profa. Dra. Dyane Brito Reis, me senti realmente acolhida. Tenho uma gratidão à professora pela condução das atividades do PET, e pela gentileza com suas alunas e alunos. Não obstante, finalizei minha participação no programa sob a tutoria do Prof. Dr. José Raimundo dos Santos, a quem devo divertidas conversas e orientações. Talvez não saibam concretamente, mas a forma de trabalharem e lidarem com seus orientandos faz a diferença na nossa permanência simbólica.

---

presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml.

[15] Para mais informações sobre os percentuais da eleição presidenciais em 2018: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml.

[16] O Programa de Educação Tutorial, anteriormente conhecido como Programa Especial de Treinamento em 2010 é ampliado ao Programa Conexões de Saberes, desta forma a política dos grupos se dividem nas modalidades: PET Curso e PET Interdisciplinar. O edital de 2010 do PET Conexões de Saberes proporcionou a abertura de 300 novos grupos (NASCIMENTO; SANTOS; MACEDO, 2013). O PET Afirmação é criado a partir do projeto conexões de saberes, em 2010, desde o seu início visa contribuir para as políticas institucionais de ensino, pesquisa, extensão e ações afirmativas da universidade, a partir das suas práticas metodológicas de ensino-aprendizagem se baseiam em duas perspectivas: formação acadêmica de excelência e inclusão étnico-racial e social.

A história do PET Afirmação compõem uma rede colaborativa em defesa da educação como instrumento de transformação. Celebrando em nossos passos de luta os saberes, fazeres, conhecimentos tradicionais e comunitários. Atuando em áreas de diversidade e comunidade, defendemos a educação democrática, pública, gratuita e de qualidade que resultam em conquistas. São formaturas, ingressos no mercado de trabalho, pós-graduação, docência no Ensino Superior e Ensino Básico de jovens que ousaram sonhar em ingressar na universidade.

Por fim, pertencer ao PET Afirmação foi significativo na minha formação como uma sujeita política e social. Falo no plural e no tempo verbal presente, porque estar em um grupo de jovens negros e de comunidades periféricas que nos identificávamos, nas quais a maioria eram os primeiros a cursarem o ensino superior, foi sem dúvidas importante para que compreendesse as minhas posições no campo social universitário, para que eu pudesse encarar a materialização das Ações e Políticas Afirmativas na minha trajetória pessoal e acadêmica, e portanto, sempre vou acolher este grupo como parte significativa na minha vida.

Em 2019, conheci a Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negras e Negros, e no mesmo ano participei do Copene- Nordeste em João Pessoa, Paraíba. Desde então o evento se tornou uma tradição na minha vida acadêmica. O Copene é um espaço político-acadêmico de reconhecimento da produção acadêmica sobre as relações étnico-raciais no Brasil. Através deste evento na qual pude apresentar o trabalho intitulado "UBUNTU: Mulheres negras em cursos de alto prestígio do CAHL- UFRB na Era das Ações Afirmativas[17]", em que analiso a permanência de jovens mulheres negras nos cursos de jornalismo e cinema, cursos de maior nota de corte do centro de artes, humanidades e letras. Tal pesquisa foi relevante para a pesquisa monográfica defendida em 2020.

A minha monografia na graduação intitulada "(Sobre) Vivências: A Permanência de jovens mulheres negras nos cursos de saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2020)"[18], foi um importante momento para as minhas pretensões acadêmicas e

[17] Artigo escrito em coautoria com Taís Lima Costa. Disponível em: https://www.copenenordeste2019.abpn.org.br/resources/anais/13/copenenordeste2019/1562331745_ARQUIVO_8ac2d672deebac722d446bdac1464d18.pdf

[18] A Monografia "(Sobre) Vivências: A Permanência de jovens mulheres negras nos cursos de saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia" disponível no seguinte endereço: https://www.academia.edu/63605811/_SOBRE_VIV%C3%8ANCIAS_PERMAN%C3%8ANCIA_DE_JOVENS_MULHERES_NEGRAS_NOS_CURSOS_DE_SA%C3%9ADE_DA_UNIVERSIDADE_FEDE

resultante da formação em defesa das Políticas Públicas de Ações Afirmativas no território do Recôncavo da Bahia.

Com o objetivo geral de compreender como se estabelece as ações afirmativas de permanência material e simbólica nas vivências das jovens mulheres negras nos cursos da área de saúde da UFRB, foi analisada as narrativas de 7 (sete) graduandas (cotistas e não cotistas), Stella de Oxóssi, Luíza Mahin, Dandara, Lélia González, Maria Odília Teixeira, Virginia Bicudo e Luiza Bairros dos cursos de nutrição, medicina, psicologia e enfermagem, na qual foi possível compreender a correlação entre as trajetórias escolares e o acesso ao ensino superior, o papel da UFRB para a promoção da permanência material e as estratégias criativas para fomentar a chamada permanência simbólica. Pesquisar a permanência de jovens mulheres negras nos cursos de saúde da UFRB, me proporcionou novas perspectivas sobre a universidade e o Centro de Ciências da Saúde, mediante a análise da Trajetória Escolar; Acesso ao ensino superior e a Permanência Material e Simbólica e ao fim da pesquisa, foi apresentada as perspectivas das sujeitas em relação a pós-permanência no território do Recôncavo da Bahia.

Caminhei em um projeto de universidade que apesar do corpo docente e administrativo massivamente branco e masculino, também era atravessada pela diversidade estudantil em relação ao perfil étnico-racial, gênero e sexualidade. Fui guiada por práticas de resistência e pela intelectualidade negra insurgente, conceitos criados por bell hooks (2018). São corpos, presenças, texturas, cabelos e cores, e portanto, é neste tipo de instituição superior que me reconheço, me emancipo e que evoco a educação como transgressão. Como demonstra bell hooks em "Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade":

> [...] Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento que transforma a educação na prática da liberdade (HOOKS, 2018, p. 24).

Aprendi muito com a chamada Pretagogia[19] e com o Feminismo Negro

RAL_DO_REC%C3%94NCAVO_DA_BAHIA

[19] A Pretagogia é compreendida como referencial teórico-metodológico para a formação antirracista. Criada como uma proposta para que pessoas negras e não negras possam manifestarem em suas ações e práticas a africanidade. Conhecimentos sobre a história, a cultura, ciência africana e afro-brasileira para a pretagogia são essenciais na prática docente antirracista (MENDONÇA, 2021).

Afrodiásporico[20] compreensão de uma geopolítica do conhecimento corporificado em dinâmicas que tenham como centralidade a libertação das mentes e a construção de ações emancipatórias. Por isso, para mim a caminhada no mundo da pesquisa se torna uma aventura. Sabemos que qualquer trabalho investigativo exige que a pesquisadora possa emergir no campo científico Os passos que venho traçando ao longo dos anos na pesquisa sobre políticas públicas de ação afirmativa vem me defrontado com a necessidade de conhecer diversas narrativas.

A resistência negra percorre minha trajetória e é nela que escoa as minhas escolhas epistemológicas e atuação profissional. Compreendo o Brasil, como um país racista e racializado, e todos os meus olhares, passos, entradas e saídas irão ser também racializados. Irei contar quantas pessoas negras estão nas salas de aula, nos congressos, nos restaurantes e demais lugares que acesso. Conto toda vez que vou a qualquer lugar. Todas as minhas leituras, verifico quem escreve, de onde e porque possivelmente escreve. Confiro as referências e novamente conto se há mulheres, negros e indígenas. De tanto contar, virou algo automático, que não percebo que faço, mas ao refletir sobre isso há duas opções: falo em tom de crítica ou me calo. Será esse calar mais uma violência simbólica?

Ao narrar minha história até aqui, penso também na simbologia das mochilas e das malas que carreguei. Mochilas que contém o mundo, malas repletas de livros e cadernos, ajudas de amigas e amigos, uma mãe sozinha, uma irmã com lúpus e insuficiência renal, viagens de Amélia para Santo Amaro, uma graduação em Cachoeira, de Cachoeira para Belo Horizonte. Ônibus lotado, assédios, racismos, escritas de artigos, leituras e mais leituras. Compras de livros e participações em congressos. Pausa para colocar fones de ouvidos e caminhar. Ao som de Emicida “levanta e anda”, a todo momento “levanta e anda”, pausa para abrir a janela do sonho da docência no ensino superior, “levanta e anda”. Disso tenho que agradecer por poder fazer a minha presença existir na universidade e ainda ajudar a família.

Será que há tempo para me sentir cansada e reclamar? Há tempo para reivindicar nas escritas as intelectuais negras insurgentes: Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Neusa Souza Santos, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Ana Célia da

[20] O Feminismo Negro Afrodiásporico é uma corrente de pensamento heterogênea que compreende as experiências cotidianas de mulheres negras africanas, negras e afrodescendentes como essenciais para o entendimento da vida social. A diáspora africana é uma dimensão central para feminismo negro afrodiásporico (FIGUEROA, HURTADO, 2020).

Silva, Luiza Bairros, Matilde Ribeiro, Conceição Evaristo, Petronilha Beatriz Gonçalves, Maria Aparecida Bento, Jurema Werneck, Virgínia Bicudo, Dyane Brito Reis Santos e Angela Figueiredo. São suas existências que me confortam e assim posso minimamente acreditar que é possível estar em espaços de prestígio social.

Sendo assim, penso que a promoção das Políticas Públicas de Ações Afirmativas e a inserção de estudos sobre a temática tensionam o campo universitário, visto que destacam a existência de sujeitos historicamente subalternizados, como protagonistas de suas travessias universitárias. Além disso, a presença negra na universidade demarca sujeitas e sujeitos que enunciam seus processos de existência e resistência dentro do campo social universitário- instituição social constituída a partir da lógica meritocrática. Como Nilma Lino Gomes (2006) discute:

> As cotas representam, no conjunto das Ações Afirmativas, uma tomada de posição explícita contra o racismo. Os discursos equivocados sobre a política de cotas, a que assistimos nas universidades e na sociedade de um modo geral, podem ser considerados como uma atitude irresponsável daqueles que os proferem. As cotas se fazem necessárias em nosso País porque a nossa sociedade padece de um racismo estrutural que precisa ser superado. Durante séculos, o Brasil tem adotado uma postura cínica diante do racismo. É chegada a hora de romper com o pacto velado de manutenção do racismo existente em nosso País, alimentando pelas elites e introjetando em nosso imaginário social (GOMES, 2006, p. 44).

Investigações sobre as trajetórias de estudantes negros cotistas se fazem necessárias e portanto, destaca-se a obra “Reafirmando Direitos: trajetórias de cotistas negros (as) no ensino superior brasileiro” (JESUS, 2019), na qual traz um panorama dos consequencias das políticas de ações afirmativas no ensino superior brasileiro. É perceptível na obra, que a política de cotas nestas quase duas décadas, modificou o perfil estudantil de ingresso, permanência e pós-permanência. O estudo além de compreender uma sucessão de múltiplos acontecimentos individuais que se enlaçam no âmbito coletivo, também demonstra as transformações que permeiam as trajetórias dos cotistas e papel da universidade a partir de tensionamentos vinculados à pluralidade e multiculturalismo no ensino superior:

> Percebemos, ainda, no conjunto das entrevistas, que aqueles estudantes ingressantes por meio de cotas e que desenvolveram, ou intensificaram, a percepção de sua identidade racial, ao longo da vida universitária, relatam um posicionamento mais crítico em relação aos modos de organização das universidades brasileiras, de seus currículos, de seus modos de avaliação e reconhecimento de mérito acadêmico. Constroem-se, dessa forma, não apenas como alunos universitários,

> mas como intelectuais engajados na produção do conhecimento e na luta antirracista (JESUS, 2019, p. 282).

A questão proposta por Lélia Gonzalez “O lixo vai falar e numa boa” transcrita no início desta introdução, é compreendida nesta dissertação como dimensão de reconhecimento identitário da existência negra como essencial para o pensamento contra colonial no contexto universitário. Quando a classe estudantil negra reconhece a sua relevância e existência em espaços universitários, narrando as suas trajetórias, como produtoras de conhecimento, se estabelece o afastamento do fenômeno que Du Bois chama de “sensação de estar sempre a se olhar com o olhar dos outros”. Neste caso há o olhar do negro sobre o negro imerso em múltiplos processos de afiliação universitária, identidade e sociabilidade.

Por meio das Políticas Públicas de Ações Afirmativas de acesso e permanência, a universidade cria novas possibilidades para estudantes negros, pobres, cotistas, vindos de escolas públicas numa instituição que se estabeleceu historicamente “das” e “para” as elites. Se referindo às políticas de ações afirmativas como direitos coletivos, o intelectual Kabengele Munanga (2016) afirma que elas não se configuram apenas como uma questão exclusiva da população negra, mas também como uma problemática da sociedade brasileira “[...] Quem é brasileiro, quem é consciente, negro ou branco, deve lutar para transformar essa sociedade [...]” (FERNANDES *et al*, 2016, p. 40). O autor indaga, portanto, a responsabilidade de toda a sociedade com as lutas antirracistas.

Desse modo, partindo da constatação que a Lei 12.711/2012, às ações afirmativas de permanência material e simbólica juntamente com as Leis 10.639/03 e 11.645/08 formam um conjunto de Políticas Públicas de Ações Afirmativas que possibilitaram a democratização do ingresso das minorias sociais historicamente marginalizadas na educação brasileira juntamente com a ampliação dos debates decoloniais no Ensino Superior Brasileiro, é possível compreender que o cenário acadêmico aos longos dos últimos anos tornou-se um campo diversificado.

Tal diversificação do campo acadêmico, bem como mencionado anteriormente na minha trajetória acadêmica é expressa através de possibilidades epistemológicas que se distanciam da ciência considerada clássica, branca e eurocêntrica. As Políticas Públicas de Ações Afirmativas no Ensino Superior Impactaram nas produções acadêmicas com a intensificação de pesquisas sobre as mesmas, e demais estudos sobre as relações étnico-raciais, sobre gênero, classe e sexualidade e negritude.

Quando reflito sobre este movimento de enegrecimento das universidades brasileiras, penso justamente na escrita acadêmica como um ato político. Como um corpo-político em movimento que emerge em palavras, linhas, frases, parágrafos, ideias, sentidos e reflexões. A escrita nos dimensiona ao direito da razão e ao tempo. Razão como um processo denso e o tempo como uma travessia. E por isso, afirmo que tenho o compromisso social com a educação antirracista, enquanto uma mulher negra, cisgênero, pobre, nordestina, primeira da família a ter o diploma de nível superior através das cotas étnico-raciais, assistida pelo Programa de Permanência Qualificada promovida pela UFRB e ingressante no Mestrado em Educação: Inclusão e Conhecimento Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGE/FaE/UFMG), também pela Reserva de Vagas Étnico-Raciais.

Em 2021, quando ingressei no Mestrado, conheci o Coletivo de Cotistas Andréa Marques, e logo me contaram quem era Andrea Marques, uma baiana que se organizou coletivamente para permanecer na Pós-Graduação. Apesar de não tê-la conhecido, foi um grande conforto ouvir sobre ela. O Coletivo de Cotistas durante este primeiro ano no mestrado foi uma importante presença para suscitar a minha permanência simbólica na pós-graduação. Neste mesmo ano, atuei como formadora no Curso Pré-Acadêmico Afirmação na Pós[21], uma experiência importante para minha trajetória em defesa de ações afirmativas na pós-graduação do país.

Durante meu ingresso e permanência no PPGE me questionava porque deveria estar aqui. Confesso que não foi fácil permanecer em Belo Horizonte, mas que apesar dos desafios, a convivência com pessoas negras e da camada popular foi me ajudando a recordar os meus propósitos. Em um contexto de cortes nos investimentos na educação superior, ter o privilégio de ser bolsista pelo CNPq, foi essencial para a minha permanência material na pós-graduação.

Narro nesta dissertação que os descaminhos da política brasileira atravessam a minha trajetória, e portanto, o ano de 2022 foi muito importante. Resgato as palavras de Carolina Maria de Jesus que na obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” apresenta a seguinte perspectiva que contempla o meu posicionamento político: "O Brasil

[21] O Curso Pré-Acadêmico Afirmação na Pós tem como objetivo preparar candidatos negros, indígenas e quilombolas para a seleção em programas de pós-graduação, a nível de mestrado.

precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora".

A eleição do Presidente Luís Inácio Lula da Silva foi emocionante e uma vitória gigantesca. Em seu primeiro pronunciamento como Presidente Eleito, Lula proferiu as seguintes palavras:

> Chegamos ao final de uma das mais importantes eleições da nossa história. Uma eleição que colocou frente a frente dois projetos opostos de país, e que hoje tem um único e grande vencedor: o povo brasileiro. Esta não é uma vitória minha, nem do PT, nem dos partidos que me apoiaram nessa campanha. É a vitória de um imenso movimento democrático que se formou, acima dos partidos políticos, dos interesses pessoais e das ideologias, para que a democracia saísse vencedora. É preciso ir além. Fortalecer as políticas de combate à violência contra as mulheres, e garantir que elas ganhem o mesmo salários que os homens no exercício de igual função [...]

Posteriormente o Presidente diz:

> Enfrentar sem tréguas o racismo, o preconceito e a discriminação, para que brancos, negros e indígenas tenham os mesmos direitos e oportunidades.

Penso que estar do lado certo da história ao defender cotidianamente os direitos humanos, sociais e educacionais de mulheres, negros, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência e da Comunidade LGBTQIAPN+[22]. Como dito anteriormente, cresci nos governos petistas e por isso percebi os significados de eleições democráticas. Para mim, como nordestina e baiana, os últimos seis anos foram difíceis, então acordar no dia 31 de outubro de 2022, foi um alívio, sabendo que Lula era o presidente do país com 50,9% dos votos correspondendo a 60.345.999, sendo 69,3% correspondente à votação no nordeste, única região do país na qual todos os seus estados elegeram a candidatura do petista.

Quando a interlocução nos chama: Sujeitas (os) Interlocutoras (es) da pesquisa

Ao mesmo tempo que acompanhava as emoções do processo eleitoral em 2022, enveredava pelos rumos metodológicos da pesquisa, na qual fui percebendo que pesquisar e ser pesquisadora se institui como verbo e condição que emerge em nossas vidas

[22] A sigla LGBTQIAPN+ corresponde a abreviação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

cotidianas e em intensas reflexões diárias sobre a questão e o campo de pesquisa, a coleta de dados foi dimensionada com a busca por (6) seis estudantes que atendessem os seguintes critérios: (1) autodeclaradas negras e autodeclarados negros (cotistas e não cotistas) e (2) egressos dos cursos de medicina, psicologia e enfermagem da UFRB e UNILAB.

Para a realização desta coleta de dados, foram feitas entrevistas semiestruturadas entre os dias 2 de setembro a 24 de outubro de 2022 por meio de links exclusivos enviados com antecedência de 30 minutos para os contatos disponibilizados pelas entrevistadas (os) para o ingresso na Plataforma Google Meet. As entrevistas tiveram duração de 50 minutos a 2 horas. Antes de iniciar a entrevista realizei uma explicação sobre a pesquisa, a partir dos seus objetivos, o termo de consentimento e esclarecido, me disponibilizei para sanar dúvidas e pedi autorização para a gravação da entrevista.

Se tratando de uma pesquisa que tem como centralidade a compreensão sobre trajetórias, faço um parêntese para a explicação sobre os estudos de trajetória de vida, que segundo Suely Kofes (2001, p. 27) se constituem como "o processo de configuração de uma experiência social singular". Para a teoria bourdiana a noção de trajetória diz respeito a uma série de posições sucessivamente ocupadas a partir de um mesmo indivíduo em um espaço social submetido às transformações sociais (BOURDIEU, 1996 apud MONTAGNER, 2007, p. 254).

A intelectual Beatriz Nascimento reivindica os termos "transatlântico" e "transmigração", na qual reconhece os movimentos que compõem as trajetórias negras no país, exemplificando tais deslocamentos entre continentes, entre territórios de cativeiro e liberdade, do Nordeste ao Sudeste. A pensadora defende a memória entrelaçada à identidade coletiva nas trajetórias negras. Nesta dissertação as trajetórias negras são apresentadas por meio de 4 (quatro) dimensões: (I) trajetória escolar e tradição familiar universitária (II) acesso ao ensino superior (III) permanência material e simbólica ao ensino superior (IV) pós-permanência.

Para a localização das potenciais entrevistas, se estabeleceu de duas maneiras: (1) Ao que se chama de técnica de bola de neve, na qual a partir de uma rede de colaboradores foi possível encontrar sujeitas e sujeitos da pesquisa egressas (os) da UFRB; (2) Realizei buscas a partir do Instagram, Facebook e LinkedIn, utilizando a

palavra-chave “Enfermagem na UNILAB”, e desta forma consegui contatos que através da técnica bola de neve também indicaram possibilidades de sujeitas(os) para esta pesquisa. Como técnica de análise dos dados utilizei a análise de conteúdo do Laurence Bandin (1977).

Metodologicamente esta pesquisa tem como objetivo analisar as trajetórias negras nos cursos de saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no contexto de Políticas Públicas de Ações Afirmativas, Expansão e Interiorização do Ensino Superior Brasileiro. A escolha por trajetórias negras nos cursos de saúde é justificada pela histórica concentração de estudantes brancos na área, e por conseguinte, a constatação da significativa relevância das Políticas Públicas Educacionais no Ensino Superior para as mudanças nos perfis estudantis nesta área. Então, lançamos mão da seguinte questão norteadora: Como se compreende as travessias negras dos cursos de saúde da UFRB e UNILAB?

Os objetivos específicos são:

- Investigar as trajetórias educacionais das (os) estudantes autodeclaradas (os) negras (os) nos cursos de saúde da UFRB e UNILAB.
- Compreender os processos que constituem as travessias universitárias nos cursos de saúde da UFRB e UNILAB.
- Identificar as percepções e sentidos atribuídos sobre as Políticas Educacionais de Interiorização do Ensino Superior e Políticas Públicas de Ações Afirmativas nas trajetórias das (os) sujeitas (os) da pesquisa.

Inicialmente para que pudéssemos abranger a questão norteadora e os objetivos da pesquisa, pensávamos que também poderíamos abarcar a Universidade Federal do Cariri (UFCA), contudo, enfrentamos dificuldades de acesso aos potenciais sujeitas (os) interlocutoras (es), e desta forma resolvemos nos concentrar apenas com a discussão sobre as trajetórias negras vinculadas às UFRB e a UNILAB. Além disso será possível perceber que o gênero é um elemento importante nesta pesquisa, mesmo que não seja uma categoria analítica previamente escolhida, houve uma aderência maior de mulheres negras à

pesquisa e este elemento é um dado importante[23].

Ademais durante a busca por sujeitas e sujeitos egressos da UNILAB, houve duas constatações: (I) o curso de medicina da UNILAB, não está a no campo da pesquisa porque não há turmas de graduação iniciadas, e portanto, nos concentramos apenas nas trajetórias egressas do curso de enfermagem; (II) compreendendo que se trata das trajetórias de pessoas negras em território brasileiro e os atravessamentos das Políticas Públicas de Ações Afirmativas e da interiorização, foi entendido que a participação de estrangeiros era viável em virtude dos objetivos da pesquisa. Neste sentido apresento as (os) sujeitas (os) da pesquisa, egressas de escolas públicas, oriundas de camadas populares e impactadas pelas ações afirmativas de reserva de vagas e permanência material e simbólica.

Para tanto, esta dissertação apresenta a seguir quatro capítulos. O capítulo 1 intitulado *O campo da saúde em interface com as Relações Étnico-Raciais* inicia com a dimensão jaleco branco como uma representação simbólica da presença branca na saúde no Brasil. Percorremos o capítulo com a discussão teórica sobre a institucionalização da medicina, psicologia e enfermagem no final do século XIX e início do século XX, trazendo as concepções teóricas sobre as relações étnico-raciais na área da saúde.

No capítulo 2 *A Promoção das Políticas Públicas de Ações Afirmativas e a Interiorização do Ensino Superior no Nordeste Brasileiro* apresenta-se uma breve reflexão sobre as desigualdades raciais e sociais no país e a importância dos movimentos negras para os avanços na diversificação estudantil na educação superior. Prosseguimos o capítulo discutindo sobre a significativa relevância da promoção das políticas públicas de ação afirmativa no Brasil, o processo de estabelecimento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) concomitantemente com a reflexão sobre as consequências das transformações no ensino superior brasileira nas áreas de saúde.

O capítulo 3 *Peles negras, jalecos brancos: Trajetórias Negras nos Cursos de Saúde da UFRB e da UNILAB* apresentamos as trajetórias negras nos cursos de saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Universidade da Integração Lusófona Afro-Brasileira, na qual caminhamos entre as narrativas sobre trajetórias o acesso na universidade, permanência material e simbólica e a pós-permanência no

[23] Pela maior aderência de mulheres negras à esta pesquisa, optamos pela escrita no feminino ao mencionar as narrativas apresentadas.

contexto de promoção de Políticas Públicas de Ações Afirmativas e interiorização do ensino superior.

Por fim, nas considerações finais apresentamos perspectivas sobre a contribuição das Políticas Públicas de Ações Afirmativas e a Interiorização do Ensino Superior e as percepções sobre os desafios enfrentados nas trajetórias negras nos cursos de Medicina, Psicologia e Enfermagem da UFRB e UNILAB pelas sujeitas da pesquisa.

CAPÍTULO I: O CAMPO DA SAÚDE EM INTERFACE COM AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A centralidade deste capítulo se estabelece na reflexão sobre o campo da saúde em interface com as relações étnico-raciais. Demarcarmos temporalmente a discussão entre os séculos XIX e início de XX, visto que são períodos importantes para a formação ideológica sobre o pensamento social brasileiro. Ademais, é neste período que os primeiros cursos de saúde são criados e regulamentados no país. As trajetórias negras apresentadas nesta pesquisa são imersas na Medicina, Psicologia e Enfermagem, e por isso longe de realizarmos uma discussão sobre estas áreas profissionais no Brasil, este capítulo tem como finalidade apresentar argumentos que demonstram que são nestas profissões que a branquitude manifesta as suas crenças e ideologia. Talvez seja um dos importantes campos, não o único, onde ser branco é carta de entrada para um universo de possibilidades prestigiosas. Apresentaremos neste capítulo, uma breve análise sobre as relações étnico-raciais no Brasil e a manutenção da Medicina, Psicologia e Enfermagem.

1.1 Dimensão Corpo-Jaleco Branco

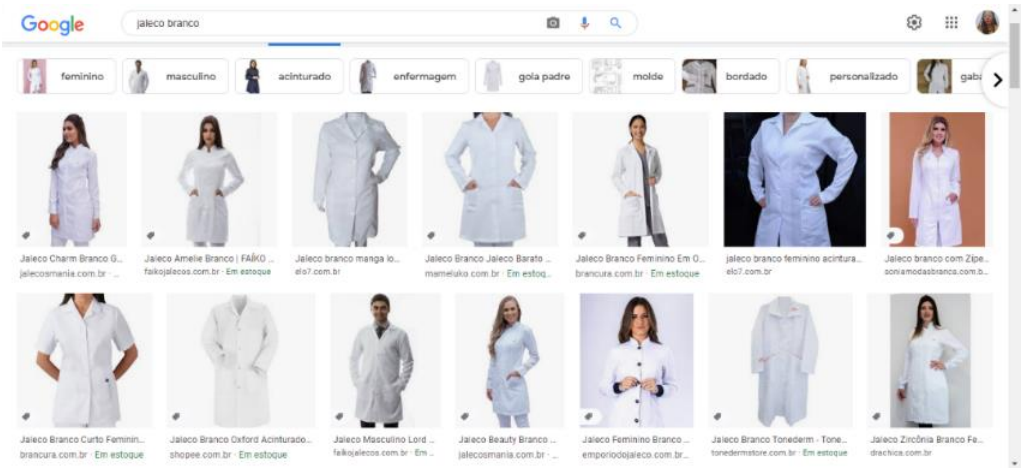
> Os corpos dos libertos eram vistos, no imaginário racista, como incapazes de aprender e de serem domesticados pelo trabalho assalariado. Essa interpretação social e de Estado reforçou a ideia de que era preciso importar outro tipo de mão de obra que possuía o ritmo do trabalho livre incorporado; a saber, os imigrantes. Para o imaginário racista construído desde a colonização, os ex-escravizados eram corpos rebeldes, que só entendiam o trabalho como imposição e só faziam debaixo de chibata (GOMES, 2017, p. 104-105).

Iniciamos esta discussão, a partir da argumentação histórica sobre os corpos negros após a abolição da escravatura em 1888. A intelectual Nilma Lino Gomes (2017, p. 104) na obra "O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação", afirma que o fim do regime escravocrata - mesmo que tenha sido um acontecimento muito importante, como uma possibilidade emancipatória, a partir da liberdade e dignidade da população negra - não significou a cidadania plena para estes sujeitos. A promulgação da Primeira República e o avanço do capitalismo no século XX, não significaram políticas de inclusão da população negra em ocupações profissionais que os distanciasse da subalternização.

Por outro lado, como a história também denuncia, a branquitude em interface com o colonialismo e a colonialidade criou o seu mundo majestoso, seus códigos, seus símbolos, ritos e profissões. Forjaram médicos brancos, enfermeiros brancos, advogados brancos, juízes brancos, professores universitários brancos, intelectuais brancos[24]. Logo, quando penso em qualquer uma dessas ocupações profissionais, logo me veem a imagem de que são pessoas brancas que ocupam estas profissões.

A partir destas reflexões, para a construção desta pesquisa, escolhi que o "jaleco branco" estivesse no título, isso porque quando penso neste campo, de imediato as representações do jaleco branco me vêm à mente. Em uma busca no Google Imagens, utilizando a palavra-chave jaleco branco encontrei os resultados da busca como demonstra a Figura 1 a seguir:

Figura 1: Captura da primeira página de busca, realizada em 31 de julho de 2022.



Fonte: Autoria, 2022.

Na Figura 1 é possível visualizar os jalecos brancos vestidos por corpos brancos. Será *Quase* que uma associação direta ao corpo branco? Como se constrói a busca pelo uso profissional do jaleco branco? As indagações acima podem ser refletidas na minha leitura mediante a seguinte premissa: O racismo produz sujeitos racializados, como um fenômeno social, estrutural e institucional no Brasil, atravessa as relações sociais e

[24] Nota-se que as ocupações descritas se remetem aos homens brancos, e tal escrita é proposital. Sabemos que na pirâmide social são eles que estão ocupando as primeiras posições e mesmo que muitas transformações tenham sido realizadas, eles ainda estão nos espaços de poder.

categoriza aqueles que fenotipicamente possuem disposições para estarem vinculados a determinadas simbologias, signos, rituais e representações sociais.

Para Bruno José Barcellos Fontanella *et al.* (2012) o uso profissional do jaleco médico em si, pode ser justificado por medidas de biossegurança, facilidade na relação entre pacientes e os profissionais da saúde. Contudo, na bibliografia especializada não há comprovação sobre tal afirmativa (LOH; NG; HOLTON, 2000 *apud* FONTANELLA; SILVA; GOMES, 2011, p. 509). Entretanto ressalta-se que ele é indicado como Equipamento de Proteção Individual pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que deve ser utilizado apenas em ambientes hospitalares e que a partir do final do século XIX, o uso do jaleco branco começa a estar presente nos espaços de saúde, sugerindo a ideia de limpeza e pureza (KAZORY, 2008 *apud* FONTANELLA; SILVA; GOMES, 2011, p. 508).

Embora estivesse realizando as pesquisas necessárias para a compreensão do jaleco como uma dimensão deste trabalho, resolvi conversar com uma amiga de infância, Amanda dos Santos Pereira, Terapeuta Ocupacional[25]. Como já salientado neste trabalho, o campo profissional da saúde é distante da minha realidade, e portanto, seu *status quo* está sendo desvendado por mim mediante as minhas vivências pessoais e concomitantemente a partir da pesquisa. Nestes diálogos, ela me chama atenção para dois elementos: o poder simbólico do jaleco e a perspectiva negativa sobre o seu uso.

Contudo, mesmo que o jaleco não seja considerado pelo Ministério do Trabalho como um equipamento de proteção individual (SILVA; LOPES; MAIA, 2019), o seu poder simbólico pode ser refletido desde o início da graduação, na qual muitos cursos de saúde ainda realizam a cerimônia do jaleco, na qual os estudantes recebem orientações sobre o curso e os equipamentos de proteção, demarcando o início das suas trajetórias profissionais.

O uso do jaleco também traz à tona o chamado síndrome do jaleco branco, também chamada de hipertensão do jaleco branco, na qual a vestimenta mesmo em ambientes hospitalares pode dificultar a relação médico-paciente. Sendo identificado pela primeira vez na década de 80, também chamada de fobia irracional de médicos, é caracterizado como o medo de alguns pacientes ao ambiente hospitalar, na qual um dos sintomas mais

[25] Amanda dos Santos Pereira é Terapeuta Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), mestra em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Doutoranda Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Lattes: http://lattes.cnpq.br/4563595279392236

relevantes é a hipertensão pontual, que de acordo com o Hilton Chaves Júnior (1996) é a forma mais comum e menos grave desta síndrome:

> A definição ampla de hipertensão do jaleco branco ou white coat hypertension é uma elevação persistente da pressão arterial no consultório médico ou clínica e uma pressão normal em outros momentos. Ela não pode ser diagnosticada simplesmente com base nas pressões de consultório e domiciliar, já que a pressão poderia estar elevada no ambiente de trabalho, por exemplo (JÚNIOR CHAVES, 1996, p. 139).

Experiências negativas no ambiente hospitalar podem ocasionar traumas, então desta maneira as representações vinculadas às relações de médico e paciente podem contribuir para o desenvolvimento da síndrome do jaleco branco. E neste sentido, como apresenta Stuart Hall (2016) as relações sociais são formadas historicamente mediante as construções das representações. Para ele, a representação social condiz com o processo de construção de significados, em que os seres humanos atribuem sentidos às coisas. Deste modo, as representações sociais ao se tornarem amplamente visíveis, também são condizentes com a realidade social. No caso brasileiro, a representação social da população negra está relacionada com o processo escravocrata, subalternidade e marginalidade, e que tem no racismo a marca do estigma e a criação de barreiras econômicas, educacionais, emocionais, culturais e simbólicas estruturantes e estruturadas na sociedade.

Da mesma forma que o jaleco torna-se o manto real destes profissionais, o endeusamento das profissões médicas pode ser conferida a partir da medicina, que evocando a sua memória seletiva do passado colonial, reivindica o título de doutora/doutor utilizando o extinto Decreto de Dom Pedro n.11.530 de 1915, na qual obrigava mencionar este título a estes profissionais. Mesmo que a legislação brasileira atualmente não tenha nenhuma menção a respeito deste assunto, culturalmente a distinção social entre profissional-paciente aparece através desta nomeação.

É possível refletir sobre a distinção social a partir da medicina com a leitura do artigo “Pele negra, jalecos brancos: racismo, cor(po) e (est)ética no trabalho de campo antropológico”. No texto, a antropóloga Rosana Castro relata a sua experiência como pesquisadora de doutorado em um centro médico de São Paulo. Fazendo uso do jaleco branco, a autora acompanhou médicas brancas em suas consultas. Destaca-se seu relato sobre a percepção da paciente Maria sobre a sua presença no espaço médico:

> A chegada de mais uma médica com esse perfil chamou a atenção de Maria e, para minha sorte, ela compartilhou suas observações comigo. Sobre o balcão da recepção e em tom de cochicho, disse-me: **"a gente quase não vê médico da nossa cor, né?".** Concordei prontamente, fazendo sinal afirmativo com a cabeça e lhe devolvendo uma pergunta: **"quantos médicos negros você conhece?". Maria não assumiu a pergunta como retórica, e tomou alguns segundos para consultar a memória, procurando por algum exemplo. Aparentemente sem sucesso em sua busca, respondeu-me: "é mesmo... é o sistema, né? O sistema já elimina". Disse-lhe que concordava e que, por isso, eu via as cotas para ingresso no ensino superior público como fundamentais para contrapor essa inércia sistêmica, comentário ao qual, por fim, Maria respondeu dizendo: "eu também acho. O pessoal às vezes fala que o negro tá se diminuindo, mas não tá nada**" [...] (CASTRO, 2022, p. 2, grifos nossos).

Com o objetivo de investigar como se estabelecem as relações entre profissionais de saúde e pacientes, a pesquisadora em sua etnografia traz discussões sobre a normalização da branquidade no ambiente clínico, em contraste com a sua presença no local, na qual em determinadas ocasiões era confundida com a recepcionista e enfermeira, e em algumas vezes como a médica.

Rosana Castro ao longo do seu texto sinaliza que em 2013, com a vinda de médicos cubanos pelo Programa Mais Médicos (PMM)[26] em Fortaleza houve uma série de conflitos causados pelos profissionais brasileiros da medicina (CASTRO, 2022, p. 4). O acontecimento em questão foi reportado pela Folha de São Paulo, na qual no primeiro dia do curso para o PMM, médicos brasileiros fizeram um protesto contra os médicos cubanos, os vaiando e chamando-os de escravos. O Portal da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (CONTRAF-CUT) apresenta este caso por meio da entrevista do médico cubano Juan Delgado, de 49 anos, uma das vítimas deste caso[27]:

> **"Isso não é certo, não somos escravos**. Os médicos brasileiros deveriam fazer o mesmo que nós: ir aos lugares mais pobres para prestar assistência"; que sirva de lição aos médicos que agiram com selvageria em Fortaleza e também a seus detratores na mídia brasileira [...] (Médico Juan Delgado, 2013, grifos nossos).

[26] O Programa de Mais Médicos (PMM) foi criado em 2013 no Governo da Presidenta Dilma Rousseff, se caracterizando como uma política pública de saúde, o PMM com o recebe apoio dos estados e municípios para que os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). A partir desta política pública de saúde foi possível que regiões com escassez ou inexistência de profissionais de saúde, pudessem também ter acesso aos serviços básicos de saúde. Para mais informações: http://maismedicos.gov.br/conheca-programa

[27] Para mais informações em: https://contrafcut.com.br/noticias/seremos-escravos-da-saude-diz-medico-cubano-vaiado-no-ceara-2d45/#

Considerando que, de acordo com as discussões de Hustana Maria Vargas (2010) e Edmundo Coelho (1999), a medicina foi um dos primeiros cursos criados durante o período imperial, chamada de profissão imperial. Ao longo dos séculos, a branquitude, para não perder a majestade, continuou criando estratégias para manter sua dominação. Podemos refletir sobre isso, a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020), que apresenta que 56% da população brasileira é negra, porém apenas 28% dos estudantes egressos dos cursos de Medicina são negros (SCHEFFER, 2020).

Analisando o Estudo Demografia Médica publicado em 2018 apresenta que a maioria dos graduados em medicina são pessoas brancas que possuem renda familiar elevada. Segundo os dados de Mário Scheffer (2018, p. 65), a maioria dos médicos recém-graduados além de brancos, são solteiros, sem filhos, dependem dos pais financeiramente na graduação e continuam vivendo com eles, cursaram ensino médio privado, fizeram cursinhos pré-vestibulares e possuem pais com ensino superior.

No relatório sobre a Demografia Médica no Brasil, publicado em 2020, se apresenta dados referentes aos concluintes de 2019 no curso de medicina. Quando se trata da categoria analítica raça e cor, o relatório apresenta que 61,1% destes estudantes se autodeclaram brancos, 24,3% se declaram pardos, 3,4% são pretos, amarelos corresponde a 2,5% e indígenas representam 0,3%. Outro aspecto analisado no documento diz respeito ao aumento no percentual de autodeclaração de negros, na qual em 2013 correspondia a 23,6%, em 2016 estava representava pelo percentual de 26,1% e em 2019 tais autodeclarações eram de 27,7% do total.

Tabela 1: Estudantes Concluintes de Medicina segundo cor ou raça - Brasil

Cor/Raça	2013	2016	2019
Branca	73,6%	68,2%	67,1%
Preta	2,3%	3,0%	3,4%
Parda	21,3%	23,1%	24,3%
Amarela	2,3%	2,7%	2,5%
Indígena	0,4%	0,2%	0,3%
NR	–	2,8%	2,4%

Elaboração própria. Fonte: Enade 2013, 2016 e 2019; Scheffer M. *et al.*, Demografia Médica no Brasil 2020.

A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, publicado no ano de 2017, em parceria entre o Concelho de Enfermagem (COFEN) e a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), demonstra a partir de dados de 2013 que a maioria dos profissionais da enfermagem são em maioria pessoas brancas, correspondendo a 57,9%, pardos corresponde a 31,3% e pretos são de 37,9%. Os dados sobre enfermeiros indígenas, de acordo com a pesquisa, correspondem a 10 mil, isto é, representando 0,3% de profissionais indígenas. A seguir a Tabela 2 apresentado pela Pesquisa:

Tabela 2: Enfermeiros segundo cor ou raça - Brasil

Cor/Raça	**V.Abs**	**%**
Branca	240.153	57,9
Preta	27.500	6,6
Parda	129.701	31,3
Amarela	10.237	2,5
Indígena	1.171	0,3
NR	5.950	1,4
Total	414.712	100,0

Elaboração própria. Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, 2017.

Tais dados podem ser vislumbrados na prática, isso porque mesmo vivendo 26 anos de vida na Bahia, nunca fui atendida por uma enfermeira negra e/ou enfermeiro negro, médica negra e ou médico negro em um estado com 81,1% pessoas negras, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2018). A primeira médica negra que conheci foi justamente María Odília Teixeira, a quem tenho contato até agora, sendo também sujeita desta pesquisa e participante da minha monografia.

1. 2 O eugenismo e suas implicações na Medicina, Psicologia e Enfermagem

O século XIX em questão, foi marcado pela proliferação de epidemias e pela corrente ideológica eugenista, esta última tendo sua importância discursiva neste trabalho, visto que o Brasil foi o primeiro país da América Latina a ter o movimento eugenista

organizado (STEPAN, 2004, p. 334). Criado por Francis Galton, o movimento eugenista constitui-se pelo conjunto de práticas que definem hierarquias raciais, visando um possível aprimoramento da raça humana. Tal proposição no campo do cientificismo teve grande aderência. A terminologia eugenia vem do grego "bem nascido", sendo empregado pela primeira vez no livro "Investigações sobre a faculdade humana e seu desenvolvimento", de autoria de Galton, em 1883, na qual a centralidade da discussão se estabelece no controle da reprodução humana e o aperfeiçoamento da espécie (VERZOLLA; MOTA, 2017, p. 613).

Ainda sobre os pressupostos do eugenismo, a antropóloga Maria Eunice de S. Maciel, em seu texto "A eugenia no Brasil" (1999):

> Como, segundo os pressupostos eugênicos, a hereditariedade determinaria o destino do indivíduo, ou seja, as condições de sua vida já estariam dadas de antemão, e seu futuro desenhado ao nascer segundo a classificação de determinados critérios que o colocavam numa categoria "inferior" ou "superior". Justificavam-se, assim, as condições de vida pelas condições biológicas, o que equivale dizer que o pobre era pobre por ser inferior, nascendo predestinado à pobreza. Desta forma, não havia como escapar, a inferioridade e a superioridade eram dadas a priori determinados pela própria natureza.
> **O movimento eugenista, ao procurar "melhorar a raça" , deveria "sanar" a sociedade de pessoas que apresentassem determinadas enfermidades ou características consideradas "indesejáveis" (tais como doenças mentais ou os então chamados "impulsos criminosos), promovendo determinadas práticas para acabar com essas características nas gerações futuras** (MACIEL, 1999, p. 121, grifos nossos).

Ora, no mesmo período que a abolição da escravatura finalmente é uma realidade no país, as premissas eugênicas entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX se aglutinam e explicavam o "atraso nacional" (MACIEL, 1999, p. 121). Isto é, a eugenia aqui no país se caracterizava pelas ideias racistas, tratando a miscigenação como um grande problema para a identidade nacional, sendo assim uma tecnologia de biopoder. Não obstante, além do eugenismo, é introduzido no cenário brasileiro teorias positivistas, o evolucionismo e o darwinismo social (SCHWARCZ, 1993, p. 57)[28]

[28] Apesar da reconhecida contribuição da Lilian Moritz Schwarcz para as relações étnico-raciais, e tendo escolhido o seu livro "O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930 como referência para a escrita deste capítulo, é preciso salientar que a autora foi contra a promoção das cotas em 2002. É possível verificar a Carta pública ao Congresso Nacional "Todos têm direitos iguais na República Democrática" assinada pela mesma, podendo ser verificada em: https://www.nacaomestica.org/abaixo_assinado_contra_cotas.htm. Contudo, a pesquisadora ao longo da sua trajetória acadêmica como docente da USP, mudou a sua percepção e atualmente se autodeclara

Publicações e artigos produzidos na Europa e nos Estados Unidos foram os principais disseminadores do pensamento eugenista no país. Encontrando já estabelecidas ideias sobre progresso e desenvolvimento nacional, a consolidação deste pensamento no país, se deu em decorrência do controle da população negra em processo de inserção no proletariado (SANTOS, 2012, p. 4). A sua força foi estabelecida a partir dos grupos de médicos, intelectuais e demais profissionais da saúde, em consonância com a formação Sociedade Eugênica no país, fundada pelo médico Renato Kehl (1889-1974), conseguindo reunir a elite médica de São Paulo (GONÇALVES, 2010, p. 2; SANTOS, 2012, p. 4).

Como destaca Maria Lúcia Boarini (2004), em seu texto "Higienismo e Eugenismo: Discursos que não envelhecem":

> [...] a Eugenia tinha como meta a melhoria e a regeneração racial ou a "higiene da semente germinal". Tal objetivo justifica -se pela crescente degradação dos povos em geral, da qual o Brasil não estava isento. Assim, para Kehl (1935), a pretensão de Eugenia era "regenerar os indivíduos para melhorar a sociedade". Sob esta ótica, o controle sobre a constituição biológica do indivíduo através do controle de sua reprodução é a marca registrada das propostas eugenistas (BOARINI, 2004, p. 9).

Neste sentido, a contextualização em relação ao eugenismo e a cultura brasileira em interface com as relações étnico-raciais neste trabalho é refletido a partir do pacto narcísico da branquitude que através de seus ideias vincula "higienização da sociedade", "a limpeza e a própria saúde vinculadas a cor branca" e "a hierarquia entre as raças" às práticas da saúde. Tais premissas disseminadas no imaginário social a partir do movimento sanitarista reforçam ações e práticas racialistas, que impactavam diretamente nas percepções sobre a população negra.

1. 3 A medicina, a psicologia e a enfermagem no país: "O Brasil é um imenso hospital".

"O Brasil é um imenso hospital". Esta frase, proferida em 1916 pelo médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Miguel Pereira, se tornou

---

defensora das cotas nas universidades brasileira, é possível ler mais sobre seu posicionamento em: https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/08/29/me-tornei-defensora-das-cotas-raciais-na-sala-de-aula-diz-lilia-schwarcz.htm.

representativa para o movimento higienista/ sanitarista que visava propagar seus ideais no país, atuando intensamente nos interiores dos estados (LIMA; HOCHMAN, 1996, p. 24). Neste sentido, considera-se que as áreas da saúde - medicina, enfermagem e psicologia - tornaram-se palcos para a demarcação da branquitude e da supremacia branca ao longo do século XX.

A medicina no Brasil a partir do século XIX ganhava novos contornos mediante suas práticas vinculadas ao eurocentrismo e demais articulações com o positivismo e cientificismo. As elites médicas formadas objetivamente conduziam ações de reformas sociais (MARINHO, 2014, p. 20). Contudo, ressalta-se que a profissão médica em si, entre o século XIX e XX se consolidava a partir do êxito vinculado ao status e a riqueza, como capitais sociais para a constituição da autoridade do médico como produtor de verdades (MOTA, 2014, p. 19; ANDRADE JÚNIOR, 2016, p. 5).

A identidade branca no contexto histórico de colonização e construção do Brasil, está atrelada a uma norma que não é problematizada. A representação do "branco" vinculada a superioridade e por isso, o acesso massivo de pessoas brancas na medicina se torna dentro da lógica racialista estruturante no país, uma estratégia de manutenção da sua hegemonia. Ao acessarem os cursos de medicina ao longo dos séculos, tendo inicialmente o fenótipo como uma porta de entrada, somando-se com os atributos como poder aquisitivo e heranças familiares, tais sujeitos evocam a sua posição dominadora.

A institucionalização da Medicina no Brasil se inicia a partir da criação da primeira escola de medicina, a Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB). Nomeada em 1808 por D. João VI, como Escola de Cirurgia da Bahia, que em 1946 se torna Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (SCHWARCZ, 1993). No mesmo ano, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi criada, nas quais ambas se tornaram importantes para a consolidação dos pensamentos vinculados à estratificação e diferenciação socioprofissional.

A função dos intelectuais e profissionais da medicina, ancorados com os ideais eugenistas e positivistas vinculavam-se com os pressupostos das instituições. Os médicos do Rio de Janeiro buscavam por intermédio dos chamados programas higiênicos solucionar as doenças tropicais, como a doença de chagas e a febre amarela. De outro lado, a medicina baiana se preocupava com a miscigenação no estado, a população estava

doente, eram levados a loucura e criminalidade potencialmente (SCHWARCZ, 1993, p. 249). Como também argumenta Dyane Brito Reis Santos (2009):

> A escola baiana terá sua análise centrada em entender o cruzamento racial como nosso grande mal e ao mesmo tempo a "nossa suprema diferença". **O doente (a população) é que estava em questão, já que era a partir da miscigenação que se previa a loucura, se entendia a criminalidade** e mais tarde (entre os anos 20 do Século XX) se previam programas eugênicos de limpeza social. Eram frequentes nas publicações médicas relatos médicos e dados estatísticos, além de imagens e/ou fotos que expunham de forma, muitas vezes cruel, as moléstias contagiosas na população mestiça brasileira. (SANTOS, 2009, p. 87, grifos nossos).

Entre os médicos baianos reconhecidos nacionalmente, destacamos o Médico Legista, Antropólogo e Professor da Medicina Legal Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), tão aclamado pelos cursos de medicina da Bahia e membro da Faculdade de Medicina da Bahia. Nascido no Maranhão, o médico contribuiu para a intelectualidade brasileira dos séculos XIX e XX, criando uma escola de pensamento eugenista, tendo como intuito de transformar a sociedade (SANTOS, 2009, p. 86-87).

Entre minhas lembrança não consigo lembrar acerca do meu conhecimento sobre a Primeira Médica Negra do Brasil, a baiana Maria Odília Teixeira, mas admito que desde cedo reconhecia Nina Rodrigues como alguém devia ser importante, isso porque, seu nome esteve em minha memória mesmo antes de conhecer a sua história como pensador da realidade social brasileira. Cresci assistindo os programas de jornais diários da Bahia e entre as reportagens sobre homicídios, chacinas e demais ações violentas, o nome do médico aparecia sendo homenageado a partir do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, na qual os cadáveres, em maioria de pessoas negras, são depositados.

Não obstante, Nina Rodrigues também foi homenageado pela Academia Nacional de Medicina, sendo dono da cadeira 59 da academia, além de integrar a pesquisa denominada "Heróis da Saúde na Bahia: evolução e diversidade do conhecimento sobre a saúde humana na Bahia" , como uma das doze personalidades heroínas da saúde pública da Bahia. A pesquisa é vinculada a Escola de Medicina e Saúde Pública Baiana e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB (NASCIMENTO, 2022).

Outro elemento importante que deve ser pontuado na trajetória de Nina Rodrigues é a Medicina Legal, que se promove em nossas terras, ao se distanciar das falas técnicas da medicina, para alcançar os discursos dos juízes de direito, cabendo lembrar que a medicina e o direito estabeleceram uma duradoura parceria na perpetuação do racismo científico (SCHWARCZ, 1993).

A medicina, portanto, através das escolas médicas disseminou o racismo científico, criou estratégias de manutenção da dominação, não obstante, a psicologia também se une à medicina como instrumento de controle social. Salienta-se para a consolidação da área, a grande influência da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM). Criada em 1923, a LBHM foi fundada pelo médico psiquiatra Gustavo Riedel no Rio de Janeiro, que além de ter como objetivo transformar o Brasil em uma nação "moderna" como a Europa (FAGGION; BOARINI, 2018; SEIXAS; MOTA; ZILBERMAN, 2009), também teve influência em seu desenvolvimento de ideais vinculados a degeneração (SEIXAS; MOTA; ZILBERMAN, 2009). A Liga, portanto, contribuiu para a produção de estudos sobre os processos mentais, auxiliando no reconhecimento da psicologia como um saber propedêutico e importante para o desenvolvimento de práticas vinculadas à higiene mental, além da contribuição de critérios vinculados a normalidade e o desvio (NASCIMENTO; MANDELBAUM, 2019, p. 1150; BORGES, 2020). Como destaca João Ítalo Silva (2008):

> A eugenia figurou como tema desde a fundação da Liga em 1922, e conquistou mais espaço com a entrada de Renato Kehl em 1925. Um dentre os objetivos de seus fundadores era tratar de maneira mais humanizada os pacientes dos manicômios e implantar medidas preventivas para evitar o aumento do número de "doentes mentais". O combate ao alcoolismo esteve entre as medidas preventivas. O apoio da Liga Brasileira de Higiene Mental ao movimento eugênico foi muito importante e possibilitou a divulgação da eugenia principalmente no final dos anos 1920 e primeiros anos da década de 1930 (SILVA, 2008, p. 31).

A degeneração, bem como a eugenia e o movimento higienista/sanitarista se tornaram instrumentos dos primeiros anos do século XX, justamente para a consolidação científica nas áreas de saúde. Na psicologia, iniciativas como a defesa da tese na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitulada "Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados (1900)", o médico e professor Henrique Belford Roxo (1877-

1969) contribuiu de forma significativa para que a psicologia estivesse atrelada à discriminação, medição, estudos sobre comportamentos e aspectos positivistas (ALBERTI, 1999 *apud* FAGGION; BOARINI, 2018)[29].

Então como demonstra Lia Vainer Schucman *et al.* (2012) ao realizarem uma pesquisa sobre o pensamento psicológico brasileiro e as relações-étnico raciais, o primeiro momento da psicologia no país conforme explicitado anteriormente está vinculado ao modelo biopsíquico da Medicina, já o segundo momento está atrelado como o início da década de 30, na qual os primeiros cursos de Psicologia Social foram sendo estabelecidos, e Arthur Ramos e Donald Pierson foram pioneiros na Psicologia, contudo, suas contribuições versavam teorias racistas e eurocêntricas. Nesta primeira fase, Virgínia Leone Bicudo, Aniela Ginsberg e Dante Moreira Leite nas décadas de 40 e 50 por meio de seus estudos desconstroem as visões biologizantes sobre as raças no campo da psicologia.

A década de 90 é marcada pelo terceiro momento de institucionalização da psicologia no Brasil a níveis de profissionalização e formação teórica é atravessada pelas contribuições Iracy Canone, Maria Aparecida Bento, Edith Piza e Jurandir Freire Costa, primeiros estudiosos sobre a Branquitude Crítica na Psicologia Social Brasileira. Não obstante é preciso ressaltar na década de 80, a colaboração teórica de Neusa Souza Santos, psicanalista e psicologa que em sua obra "Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social" publicada em 1983, na qual a intelectual traz dimensões sobre o racismo, identidade negra e o sofrimento psíquico (MEIRELES *et al*, 2019, p. 7).

Como também destaca a Psicológa Samilly Valadares que em uma entrevista para a Revista Diálogos (2022) discute que mesmo que a psicologia enquanto área do conhecimento e profissionalização ter sido diretamente vinculada à profissionais brancos, profissionais e intelectuais negras e negros emergem neste campo cientifico, e através de seus estudos e atuações contribuem para as reflexões raciais na área:

> Hegemonicamente falando, a gente entende e muitas vezes reproduz a ideia de que a Psicologia foi escrita por mãos brancas. E manteve, sim, um compromisso com as elites e muitas vezes desconsiderando, naturalizaram vários fenômenos. Um deles, o racismo.
> Isso não significa que intelectuais pretos e pretas não estavam existindo,

[29] Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/42234/29279.

> presentes, resistindo. Afinal, nós tínhamos e temos Virgínia Leone Bicudo, Neusa Santos Souza que, mesmo não sendo uma psicóloga, sua obra foi fundante para se pensar, por exemplo, os efeitos psicossociais do racismo na subjetividade de pessoas negras. A Isildinha Batista Nogueira, Maria Aparecida Silva Bento, Jesus Moura e tantas outras intelectuais negras e negros que tiveram e estão nos possibilitando compreender, por exemplo, as insuficiências metodológicas, estruturais, práticas do próprio fazer ciência e do próprio fazer psicologia (VALADARES, 2022, p. 25).

No caso da enfermagem, embora não haja uma vasta discussão sobre a composição racial dos profissionais da área[30], revelando uma espécie de ocultação historiográfica e silenciamentos sobre as existências negras na enfermagem, ressaltamos que desde o período colonial mulheres e homens negros exercem a profissão (PIRES, 1983; GERMANO, 2011; MENDES; COSTA, 2019). Em sua dissertação "Ser enfermeiro negro na perspectiva da transculturalidade do cuidado", Bárbara Barrionuevo Bonini (2010), dialoga sobre as dificuldades de admissão de pessoas negra na profissão:

> [...] Em relação à seleção dos candidatos à profissão, tínhamos uma experiência pautada no racismo e sexismo, na medida em que o modelo de formação/ensino impedia a inclusão de mulheres negras, e de homens de qualquer etnia, nos quadros discentes das escolas que adotavam o padrão proposto pela precursora da enfermagem moderna. **Assim sendo, as escolas de enfermagem no Brasil que assumiam o modelo nightingaleano não admitiam mulheres negras e tampouco homens, esses brancos ou negros, na formação profissional, extra ou oficialmente instituída** (BONINI, 2010, p. 17, grifos nossos).

A própria criação da profissão está diretamente vinculada a história de um mulher branca e nascida em Cachoeira, Bahia: Anna Justina Ferreira Nery[31] (1814-1880), que pelas suas contribuições como voluntária na Guerra do Paraguai, se tornou a primeira pessoa reconhecida enfermeira do Brasil. Contudo, a enfermagem no país, iniciou sua institucionalização nas primeiras décadas do século XX, com a criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, que passou a se denominar

[30] Cabe ressaltar que é possível definir que a área possui participação massiva de mulheres, visto que segundo o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), de acordo com os dados sobre o perfil profissional, 84,6% do quadro profissional é composto por mulheres. Historicamente, a enfermagem está diretamente vinculada com a presença feminina, visto que as construções histórico-sociais direcionam o instituto materno à mulher, e desta forma, também é delegado o cuidado com o outro (PASSOS, 2012, p. 18).

[31] A grafia do seu nome se diferencia em diferentes trabalhos: Ana Néri, Ana Nery e Anna Nery, escolha-se esta última neste trabalho.

Escola de Enfermagem Anna Nery, em 1922 criada pelo médico sanitarista Carlos Chagas. Com o estabelecimento desta escola que se passa a formar as primeiras profissionais da enfermagem diplomadas e elites no país (RIZZOTTO, 2006).

A própria escolha pela figura da Anna Nery vinculada à enfermagem moderna se estabelece, de acordo com Maria Manuela Cardoso e Cristina Miranda (1999, p. 346) é uma estratégia de:

> [...] elevar o status social e moral da enfermeira do século XX, tão degradado nos séculos anteriores. Haveria de encontrar, dentre tantas enfermeiras, aquela que pudesse identificar profissionalmente a enfermeira, que se destacasse socialmente, que possuísse boas condições sócio-econômicas, que detivesse uma formação moral e mantivesse um comportamento disciplinado.
> Anna Nery atenderia a todas as exigências, tornou-se símbolo da enfermagem brasileira (CARDOSO; MIRANDA, 1999, p. 346).

Até o século XIX, a chamada enfermagem pré-profissional no Brasil se estabelecia através da atividade doméstica, vinculada aos empirismos da maternidade e das práticas escravocratas desprovidas de conhecimento específico, prestígio social, reconhecimento e remuneração salarial (SILVA,1986, *apud* PEREIRA, 2015, p. 41-42). Como destaca Maria Lúcia Frizon Rizzotto (2006, p. 6), em seu texto denominado "A origem da enfermagem profissional no Brasil: Determinantes Históricos e Conjunturais", a Escola de Enfermagem Anna Nery, localizada em Rio de Janeiro, tem como modelo moderno de ensino o sistema nightingaleano[32], originário dos Estados Unidos e demais países da Europa. Este modelo tem como objetivo a formação de profissionais para a atuação como educadores na saúde pública, entretanto na prática não foi assumido este papel de atuação. Neste sentido, a enfermagem foi se institucionalizando nos hospitais, no chamado modelo hospitalocêntrico, biologista e tecnicista, demarcando a hegemonia da medicina sob a área (RIZZOTTO, 2006; TEIXEIRA *et al.*, 2006).

Como também ressalta Elizabeth Teixeira *et al.* (2006), o ensino de Enfermagem possui uma influência direta do movimento sanitarista/higienista no país, e tornou-se direcionado para o modelo clínico a partir de sua institucionalização em 1923, sendo

[32] O sistema de ensino nightingaleano foi inspirado por uma senhora inglesa, reconhecida como precursora da enfermagem, Florence Nightingale (1820-1910), que acreditava no cuidado meticuloso, na limpeza pessoal, ar fresco, ambiente limpo e arejado, boa iluminação, boa nutrição e repouso como estratégias principais para a cura do paciente (CORENS, 2012). Para mais informações: http://ms.corens.portalcofen.gov.br/primeiras-escolas-de-enfermagem_832.html

vinculado ao mercado de trabalho na área hospitalar. Ressalta-se que o crescimento deste modelo de ensino, esteve diretamente vinculado à institucionalização da política de saúde, assim a partir da Lei nº 775 de 06/08/1949[33], na qual tornou obrigatória o ensino de enfermagem em faculdades de medicina e centros universitários.

A enfermagem tem uma importante contribuição para a expressiva presença de pessoas brancas na profissão, contudo é preciso considerar que nesta área há a presença massiva de mulheres. A autora Bárbara Bonini (2010), apresenta em sua argumentação, Martha Cristina Nunes Moreira (1999), na qual a autora apresenta que as primeiras candidaturas para o ingresso na Escola de Enfermagem Anna Nery, além de depender do diploma no curso normal, havia um pré-requisito não formalizado: ser pessoa branca. Bonini exemplifica utilizando um caso de discriminação racial:

> [...] Cabe ressaltar um incidente **ocorrido já na primeira turma, em que uma aluna teria sido impedida de se matricular por ser negra e, assim, permitir que a escola estabelecesse uma imagem mais "branca" da enfermagem.** O fato tomou notoriedade e trouxe à público uma realidade que viria desvelar a questão da discriminação racial na enfermagem. Após o incidente, o acesso da candidata foi garantido, sob protesto das colegas e com a condição estipulada pelas próprias alunas de que não mais se permitiria o acesso de estudantes negras (BONINI, 2010, p. 19, grifos nossos).

Contudo, mesmo que a enfermagem definisse o corpos das profissionais da saúde através das mulheres brancas e filhas da elite e apesar das dificuldades, Maria Rosa Lombardi e Veridiana Parahyba Campos (2018, p. 33) discutem que as mulheres negras persistiram e estavam representadas na profissão, porém em cargos como técnico e auxiliares de enfermagem. Como também destacam Valdeci Silva Mendes e Candida Soares da Costa (2019) no artigo "Branquitude e Branquidade na Enfermagem Brasileira: Racismo Sistêmico e Perverso a serviço de privilégios às mulheres brancas"

> Suas exclusões à formação profissional em enfermagem se alinhavam ao interesses por motivações racistas em destituição das mulheres negras à continuidades de ocupação dos espaços de trabalho na enfermagem enquanto ocupação lhes atribuídas por saberes práticos, reorganizando-o na investidura pelo ascensão facilitada das que foram privilegiadas o acesso à formação profissional em enfermagem, as

[33] Lei nº 775 de 06/08/1949 dispõe sobre o ensino de enfermagem e outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l775.htm#:~:text=LEI%20No%20775%2C%20DE%206%20DE%20AGOSTO%20DE%201949.&text=Disp%C3%B5e%20s%C3%B4bre%20o%20ensino%20de%20enfermagem%20no%20Pa%C3%ADs%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias. Acesso em: 20.10.2022.

> mulheres brancas. Politicamente e em uso da ciência, a partir daí, se dá a construção histórica de uma identidade profissional em enfermagem vinculado a imagem de mulheres brancas, reservando a elas privilégios tantos históricos e sociais, como acesso aos privilégios econômicos, além de valores simbólicos histórico e socialmente construídos reservados a elas, exclusivamente (MENDES; COSTA, 2019, p. 3).

Naquele período tais ações e práticas racistas condiziam com a sustentação de estratégias de segregação racial, logo se a base cientifica biologizante diluída nas ciências médicas era pautada na categorização daqueles – sujeitos brancos - considerados normais, inteligentes, aptos para serviços e carreiras profissionais em uma sociedade mestiça, aqueles indivíduos que não se "enquadrassem" nesta norma, eram considerados desviantes, degenerados, loucos e criminosos: sujeitas negras e sujeitos negros, e desta forma estes corpos eram não eram desejados como profissionais encarregados pela saúde e cuidado.

Entretanto, apesar do negro estar associado a representação do não humano, da irracionalidade, do ruim, feio, sujo, suspeito e resistente fisicamente, sendo eles considerados "mulas do mundo ocidental", seria ilógico pensar nestes sujeitos como médicos, enfermeiros e psicólogos? Se pensarmos utilizando a lupa racista, seria improvável a existências destes corpos como agentes do cuidado, atuantes em diversos cargos na área da saúde, bem como nas possibilidades de ascensão social. Contudo, a história deste país é também a história da luta negra, uma luta constante, e por isso, "de suspeitos", estes corpos-políticos reivindicam a si próprios a posição "de sujeitas negras e sujeitos negros" que podem sonhar em serem médicas (os), enfermeiras (os) e psicológas (os). Portanto, o ingresso, a permanência e a pós-permanência nestas áreas de saúde também propiciam mudanças individuais e coletivas em torno das percepções sobre a população negra.

CAPÍTULO II: A PROMOÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E A INTERIORIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO NORDESTE BRASILEIRO

José Jorge de Carvalho (2006a, 2006b) dialoga sobre a histórica compreensão da

universidade como um espaço social privilegiado. Todavia, a universidade, ao longo dos anos, tornou-se também um campo de disputa em virtudes de novas demandas criadas. Neste capítulo buscamos refletir sobre as lutas da população negra na educação brasileira, aprofundando a discussão sobre os avanços na educação superior e os impactos na região nordeste do Brasil. Deste modo, este capítulo está organizado da seguinte maneira: (I) compreensões sobre as desigualdades raciais e os reflexos na educação brasileira; (II) discussão sobre a promoção das Políticas Públicas de Ações Afirmativas, a Expansão e Interiorização do Ensino Superior; (III) e, por conseguinte, apresentação de um breve panorama do ensino superior após as políticas públicas de ações afirmativas e a interiorização.

2.1 Movimentos em prol da Igualdade Racial e da Educação no Brasil.

O ano de 2022 foi marcado por uma série de discussões em ambientes universitários sobre a revisão da Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012. Completados 10 anos da Lei de Cotas, tendo a sua revisão prevista para este ano sob responsabilidade do atual governo. Contudo há o Projeto de Lei 1788/21 que está em tramitação[34] propõe a transferência da revisão das Cotas para 2042, mudando assim de 10 anos para 30 anos o prazo da revisão desde a sua publicação. A complexidade dos processos que culminaram na Lei 12.711/2012 foram traçados essencialmente pelas lutas dos movimentos sociais negros ao denunciarem a ausência negra na Educação Superior. Tais coletividades demarcaram a necessidade de admissão oficial e comprometimento do Estado Brasileiro no combate e superação do racismo na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as formas correlatas de Intolerância, em 2001, na cidade de Durban na África do Sul.

Como dialoga a intelectual Nilma Lino Gomes (2012, 2017, 2020), para que a Reserva de Vagas se tornasse realidade, foi preciso o estabelecimento de uma luta incansável e histórica dos movimentos negros, que compreendem as desigualdades sociais como estruturantes no país em consonância ao relicário da branquitude brasileira. na qual há a compreensão. As ações de resistência do movimento negro brasileiro, legitimamente vinculadas as maneiras de pensar, agir, sentir em prol da negritude, sempre estiveram preocupadas em articular a educação política com o enfrentamento das

[34] Para mais informações: https://www.camara.leg.br/noticias/781991-proposta-transfere-de-2022-para-2042-a-revisao-da-lei-de-cotas-no-ensino-superior/. Acesso em 10.10.22.

desigualdades (GOMES, 2018, p. 8).

Para refletirmos sobre as desigualdades raciais e sociais no país, é importante dialogarmos sobre os estudos nas quais os atravessamentos da raça e classe estão presentes. Como destaca, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães "[...] as desigualdades sociais no Brasil têm um fundamento racial, ou seja, a cor explica parte importante da variação encontrada nos níveis de renda, educação, saúde, etc. dos brasileiros [...]" (1999, p. 201).

> No Brasil, esse sistema de hierarquização social - que consiste em gradações de prestígio formadas por classe social (ocupação e renda), origem familiar, cor e educação formal - funda-se sobre dicotomias que, por três séculos, sustentaram a ordem escravocrata: elite/povo e brancos/negros são dicotomias que se reforçam mútua, simbólica e materialmente (GUIMARÃES, 1999, p. 149).

A história escravocrata e colonial do país demonstra seus resquícios na formação da sociedade moderna. Neste limiar o racismo científico e biológico demarcou por muitos anos o pensamento social brasileiro, já que, a partir do poder que constitui a ciência e seu discurso de autoridade, houve a produção de uma verdade absoluta e incontestável branca e eurocêntrica (ALMEIDA, 2017). Tal discurso, produzido por esta ciência positivista, pode ser identificado nas narrativas dos intérpretes do pensamento social, desde o final do século XIX.

De acordo com Edward E. Telles, a concepção de Arthur Gobineau, defensor da eugenia, era a de que "[...] a miscigenação tivesse afetado todos os brasileiros (exceto o imperador, de quem se tornara amigo), em todas as classes, até mesmo nas melhores famílias, tornando-os feios, preguiçosos e inférteis" (2004, p. 45). Ao se desenvolver nos primeiros anos da década do século XX, o eugenismo foi capaz de produzir efeitos significativos na política social do país (TELLES, 2004, p. 45).

Por outro lado, é importante ressaltar neste trabalho, as contribuições de intelectuais ao compreenderem a raça como um elemento importante no campo da estratificação social, ao denunciarem o racismo e demais violências contra negras no campo social brasileiro. Entre eles, está o intelectual Oracy Nogueira (1985) que discute como o racismo se estrutura no Brasil e argumenta em "Tanto Preto, quanto branco: estudos de relações raciais", que o racismo no Brasil é de marca, e o preconceito racial está vinculado às características fenotípicas, diferentemente dos Estados Unidos, em que o racismo é de origem. Deste modo, a sociedade brasileira que ao longo das décadas, orgulha-se da harmonia racial disposta na Teoria Freyriana (SANTOS, 2009, p. 25),

precisa encarar estudos que divergem do chamado mito da democracia racial, e escancaram as tensões entre negros e brancos na sociedade.

O intelectual negro e marxista Clóvis Moura em "Sociologia do Negro Brasileiro" (1968) argumenta que o negro na sociedade capitalista é condicionado à mão de obra subalternizada, enquanto os brancos atrelavam-se as atividades laborais que representavam o desenvolvimento do país:

> Está divisão do trabalho, reflexa se uma estrutura social rigidamente estratificada ainda persiste em nossos dias de forma significativa. Assim como a sociedade brasileira não se democratizou nas suas relações sociais fundamentais, também não se democratizou nas suas relações raciais. Por esta razão, aquela herança negativa que vem da forma como a sociedade escravista teve início e se desenvolveu, ainda tem presença no bojo da estrutura altamente competitiva do capitalismo dependente que se formou em seguida. Por esta razão, a mobilidade social para o negro descendente só antigo escravo é muito pequena no espaço social. Ele praticamente imobilizado por mecanismos seletivos que a estratégia das classes dominantes estabeleceu. Para que isto funcionasse eficazmente foi criado um amplo painel ideológico para explicar e/ou justificar essa imobilização estrategicamente montada [...] (MOURA, 1968, p. 72).

O branqueamento como uma estratégia positivista, vinculando-se a ideologia do progresso, tem o seu auge através da substituição do trabalho escravo pelo assalariado. É neste limiar que as posições sociais continuam sendo reforçadas a partir da raça:

> [...] O governo imperial investe no imigrante porque ele não era mais um simples trabalhador, mas uma peça importante nos mecanismos que dinamizavam via interesses de uma burguesia mercantil ativa e ávida de lucros essa substituição [...] (MOURA, 1968, p. 88).

Para o intelectual contemporâneo Silvio Almeida (2017, p. 186), Clóvis Moura apresenta em suas obras argumentações que enfatizem que a luta negra é uma luta de classes. Almeida dialoga que no contexto capitalista, a manutenção do racismo é necessária, justamente porque é elemento constitutivo e indissociável da modernidade e do capitalismo:

> [...] O racismo, de acordo com esta posição, é uma manifestação das estruturas do capitalismo, que foram forjadas pela escravidão. Isso significa dizer que a desigualdade racial é um elemento constitutivo das relações mercantis e de classe, de tal sorte que a modernização da economia e até seu desenvolvimento podem representar momentos de adaptação dos parâmetros raciais a novas etapas da acumulação capitalista (ALMEIDA, 2017, p. 112).

Portanto, em um país permeado pela desigualdade, miséria e violência, a ideologia da democracia racial juntamente com a negação do racismo é amparada a partir do discurso da meritocracia no país (ALMEIDA, 2017, p. 52). A meritocracia e o racismo histórico permitiram que a desigualdade racial fosse cotidianamente vivenciada a partir da pobreza, do não reconhecimento e da subcidadania. Deste modo, as desigualdades educacionais se relacionam com as desigualdades raciais e sociais, nos concursos públicos, nos processos seletivos de acesso à educação superior, nas ausências negras e presenças brancas nos cargos de prestígio social através do pacto narcísico da branquitude[35].

Portanto, um país permeado pelo mérito que associados à branquitude, masculinidade e heterossexualidade e cisnormatividade unidos aos instrumentos institucionais (ALMEIDA, 2017, p. 51) estratificam as pessoas racialmente, criando barreiras para o acesso legítimo a setores da vida social que possam auxiliar na ascensão social dos menos favorecidos economicamente.

Contudo, como Lélia Gonzalez (1984) argumenta que a memória é uma potencialidade importante de reconhecimento. Ela diz "[...] Consciência exclui o que a memória inclui. [...] consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória [...]" (GONZALEZ, 1984, p. 226). A memória é imprescindível no contexto desta dissertação exatamente para que haja o reconhecimento das lutas em prol da igualdade racial e, portanto, as lutas dos movimentos negros precisam estar em nossas memórias, justamente, para conservar as suas conquistas.

Em sua obra "Retrospectiva de uma trajetória de ações afirmativas precursoras à Lei nº 10.639/2003", a intelectual Ana Célia da Silva (2017), apresenta uma coletânea de textos escritos desde o seu ingresso no Movimento Negro Unificado, nas palavras da intelectual o MNU:

> Identifico como uma das maiores contribuições desse movimento para o desenvolvimento social do povo negro a sua luta constante pela conquista da educação, inicialmente como meio de integração à

[35] O pacto narcísico da branquitude demonstrado pela intelectual Cida Bento (2002), se caracteriza em linhas gerais como a forma de organização da branquitude na estrutura racial, que o privilegia. Torna-se uma esfera de privilégios que além de proteger, tem o objetivo de criar uma fortaleza que legitima a dominação em todos os segmentos da vida social.

> sociedade existente e, depois, denunciando a instituição educacional como reprodutora de uma educação eurocêntrica, excludente e desarticuladora da identidade étnico-racial e da auto estima desse povo, apresentando através de suas entidades uma educação paralela, pluricultural, colocada nas escolas através da ação dos seus militantes. Uma retrospectiva do processo educativo do Movimento Negro torna evidente o seu esforço para instituir uma educação que contemple o processo civilizatório e desenvolva a identidade e a auto estima negra (SILVA, 2017, p. 190).

A educação é escolhida como pauta do movimento negro a partir da compreensão do direito social e com a finalidade de emancipação social (SILVA, 2017, p. 190; GOMES, 2017, p. 24). Ora, negras e negros que historicamente vivenciam o racismo estrutural, tem no acesso à educação, possibilidades de uma vida melhor nos âmbitos individuais e coletivos. Nilma Lino Gomes na obra "O Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação", discute como a produção de conhecimentos e saberes auxiliam na construção de práticas emancipatórias.

Como salienta Petrônio Domingues (2009), Nilma Lino Gomes (2017) e Ana Célia Silva (2017), o movimento negro, ao longo de sua história, vem contribuindo através de ações, práticas e políticas com o campo educacional brasileiro. Destacamos que ainda na década de 80, o então Deputado Federal Abdias Nascimento, propôs o projeto de Lei nº 1.332, a primeira proposta política sobre as ações compensatórias de caráter racial. O projeto defendido por Abdias, que estabelecia a reserva de vagas de 20% de vagas para mulheres negras e 20% para homens negros para a seleção de candidatos ao serviço público, para bolsas de estudos, incentivos às empresas do setor privado para a eliminação da prática da discriminação racial e a incorporação da representação da imagem da família afro-brasileira na educação brasileira, foi arquivado (MOEHLECKE, 2002, p. 204).

Paulo Alberto de Souza Vieira (2016, p. 105) disserta que o Movimento Negro é a maior referência histórica da política desde a década de 70, que conseguiu participar da Carta Cidadã de 1988 e posteriormente de dois acontecimentos que se tornaram referenciais para a admissão das desigualdades raciais no país e a adoção das políticas de ações afirmativas: A Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida, ocorrida em 1995, e a III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas em Durban, no ano de 2001.

O marco para a promoção das Políticas Públicas de Ações Afirmativas foi a Conferência de Durban, e de acordo com a Declaração e Programa de Ação adotados na III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas em Durban foi reunido 173 países do mundo para a discussão de ações nacionais e internacionais que auxiliassem no combate ao racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata, para que as populações das nações envolvidas, possam ter pleno acesso aos direitos universais, indivisíveis, interdependentes e interrelacionados.

A Conferência teve um significativo impacto para o reconhecimento público da existência da discriminação racial pelo Estado Brasileiro, que passou a reconhecer o racismo e as desigualdades raciais no país; o que possibilitou a proposição de ações de reconhecimento (CARVALHO, 2004).

> Reconhecemos a necessidade de ser adotarem medidas especiais ou medidas positivas em favor das vítimas de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata com o intuito de promover sua plena integração na sociedade. As medidas para uma ação efetiva, inclusive as medidas sociais, devem visar corrigir as condições que impedem o gozo dos direitos e a introdução de medidas especiais para incentivar a participação igualitária de todos os grupos raciais, culturais, linguísticos e religiosos em todos os setores da sociedade, colocando a todos em igualdade de condições [...] (CONFERÊNCIA DE DURBAN, 2001, p. 33).

A declaração foi importante para que a pauta racial fosse incorporada nas agendas dos candidatos à presidência no ano de 2001 (SANTOS, 2009). O programa de governo do candidato Luís inácio Lula da Silva, nomeado “Brasil sem racismo”, destaca ações de proteção às comunidades remanescentes quilombolas, ingresso de estudantes negros nas universidades, fomento de desenvolvimento de programas que visassem a inclusão racial para empresas (FERES JÚNIOR; DAFLON; CAMPOS, 2012, p. 403).

Após a eleição, o Governo Lula introduziu ações substanciais em relação à políticas de promoção racial. Exemplo disso foi a criação da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) em 2003, a criação do 20 de Novembro, data em comemoração da Consciência Negra, a criação da Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial, através do Decreto nº 4.886; o Decreto nº 4.885 que institui o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial/CNPIR, Decreto nº 4.887 que

apresenta indicativos de políticas às comunidades quilombolas e em 2010 através da Lei 12.288/10 foi aprovado o Estatuto da Igualdade Racial (RIBEIRO, 2018, p. 115).

Para o avanço das Políticas Públicas de Ação Afirmativa é preciso considerar a importância de um projeto governamental que conseguiu fornecer possibilidades de diálogos e aproximações como os movimentos sociais negros e a efetivação de ações práticas e programas que visassem a igualdade racial na educação como a Lei 12.711/2012 e o Programa Bolsa Permanência criado em 2013, que tinha como objetivo auxiliar na permanência material de estudantes indígenas, quilombolas e em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

2.2 A Dimensão Políticas Públicas de Ações Afirmativas no Ensino Superior Brasileiro.

Trabalhamos nesta dissertação com o conceito de Políticas Públicas de Ações Afirmativas. Diferentemente das políticas antidiscriminatórias, puramente punitivas, as Políticas de Ações Afirmativas atuam no enfrentamento das desigualdades sociais, em defesa das coletividades dos grupos discriminados e a favor da reparação social. Tal entendimento está atrelado à ideia de que as políticas de inclusão, que também são estratégias de reparação e está ancorado nas reflexões de: Valter Silvério (2002; 2007); Petrônio Domingues (2005); Nilma Lino Gomes (2003; 2007; 2021); Kabengele Munanga (2002) e Flávia Piovesan, (2005). Contudo, ressalto também que não é possível falar sobre as Ações Afirmativas e Políticas Públicas de Ações Afirmativas no Brasil[36], sem mencionar as contribuições da intelectualidade negra, movimentos sociais negros e os movimentos de mulheres negras do Nordeste Brasileiro[37]. E por isso as reflexões dispostas sobre as Políticas Públicas de Ações Afirmativas também estão ancoradas as seguintes colaborações intelectuais: Ana Célia da Silva (2017) e Dyane Brito Reis Santos (2009, 2016, 2020)

Como uma política pública, a Lei de Cotas se estabelece a partir no *modelo Top-Down*, que de acordo com Roberta Romanini (2013), neste modelo há uma relação direta

[36] Quando adentramos na produção intelectual de qualquer área do conhecimento é possível notar as hierarquias de conhecimento delimitadas geopoliticamente. Mesmo nesta dissertação é possível perceber isso. As contribuições na área de pesquisa e investigações sobre as ações e políticas afirmativas por intelectuais negras e negros é factual, contudo a presença de intelectuais negras e negros do nordeste brasileiro nesta produção intelectual é significativa e por isso reitero aqui meu compromisso nas produções acadêmicas posteriores por referenciar de forma mais equilibrada territorialmente.

[37] Especificamente o Grupo de Mulheres do MNU, formado por Ana Célia da Silva, https://www.geledes.org.br/perfis-femininos-luiza-bairros/

entre as políticas públicas e seus consequentes resultados, compreendendo que os resultados destas políticas públicas independem das ações e práticas burocráticas, mas se vinculam em contextos políticos, sociais e institucionais. Mesmo que as ações afirmativas no ensino superior brasileiro, tenham sido implementadas antes da Lei 12.711/2012[38], a mesma tornou-se um marco histórico e significativo para a promoção da igualdade racial nos últimos 10 anos.

Para ilustrarmos o entendimento de Políticas Públicas de Ação Afirmativa dimensionado nesta dissertação, apresentamos a perspectiva das Ações Afirmativas e da Lei de Cotas por Valter Silvério (2003):

> Uma das possíveis consequências imediatas da adoção das ações afirmativas, enquanto um remédio contemporâneo, seria a inclusão de forma não subalterna de parcelas da comunidade negra no mercado de trabalho, em posições estratégicas, e nas universidades. Isso poderia representar uma rápida desracialização das posições de maior status e renda desproporcionalmente ocupados por homens brancos. Assim, ao contrário do que os detratores da ação afirmativa andam dizendo, a meta das cotas não é racializar a sociedade ou a universidade, mas justamente iniciar o processo de desracialização das elites, o que efetivamente pode nos colocar na direção da construção de uma democracia em que a presença de grupos étnico-raciais não tenha a menor relevância para a convivência social harmoniosa e pacífica (SILVÉRIO, 2003, p. 72).

Mesmo que as Políticas Públicas de Ações Afirmativas tenham se instaurado em território nacional de forma tardia, é inegável a sua relevância para a admissão das desigualdades raciais no Brasil. É imprescindível destacar que o Pós-Durban teve um significativo impacto para a operacionalização de propostas de reparações públicas das desigualdades raciais e sociais no país. Nilma Lino Gomes (2017) nos chama atenção sobre a importância das ações afirmativas no ensino superior:

> Nunca a universidade, os órgãos governamentais, sobretudo o Ministério da Educação, produziram, debateram e aprenderam tanto sobre as desigualdades raciais como no atual momento da luta pelas ações afirmativas. Tais ações afirmativas tocam, de maneira nuclear, na cultura política, nas relações de poder. Seja para confirma-las, seja parar refutá-las, a universidade passou a dedicar parte do seu tempo a perceber que os jovens negros existem, que grande parcela deles não está presente nos bancos das universidades públicas e que eles lutam pelo direito de entrar nesse lugar e partilhar desse espaço de produção do conhecimento (GOMES, 2017, p. 114).

[38] Ressalta-se que anterior a promulgação da Lei 12.711/2012, ainda em 26 de abril de 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a constitucionalidade do sistema de cotas, através do julgamento das cotas raciais instituídas pela Universidade de Brasília (UnB) (GUIMARÃES, 2016, p. 94).

De acordo com o levantamento realizado pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA, UERJ, 2017), sobre a Evolução da Lei nº 12.711 nas universidades federais (2003-2017), na qual a partir do ano de 2012 se torna obrigatório que todas as 63 Universidades Federais implementem a Lei de Cotas, destas seis reservaram mais de 60% das vagas: Universidade de Brasília (UnB), 63%; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), 89,1%; Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 60,6%; Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), 88,2%; Universidade Federal do Pará (UFPA), 77,2%; Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), 63,8% (FERES JÚNIOR *et al.*, 2017, p. 12).

O Nordeste, espaço geográfico desta pesquisa, é a região do país com maior número de estados e a segunda região com mais matrículas em 2020 no ensino superior - aproximadamente 1,8 milhão de matriculados no ensino superior presencial e EAD, correspondendo a 21,3% das matrículas do Brasil. Composta por 42 mesorregiões e por 1.794 municípios, com população de 57 milhões de habitantes (INEP, 2019), o Nordeste foi impactado diretamente e indiretamente com a democratização do ensino superior.

Importante frisar que apenas na década de 1940 a região Nordeste recebe as primeiras universidades: em 1968 foi criada a Universidade Federal de Sergipe (UFS), em 2002 foram criadas a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Em 2005, foram criadas a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Em 2010 foram criadas a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com sede no Ceará e no campus na Bahia, e a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), com sede em Pernambuco e campi nos estados da Bahia e do Piauí. Em 2013 foi criada a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) (SANTOS, 2020, p. 32).

Ao pensar na dinâmica das desigualdades no Brasil, é importante compreender que a educação é uma dimensão central em diversas políticas sociais no país, e seu acesso é uma possibilidade significativa de mobilidade social. Se no século passado, a entrada massiva de pessoas negras e indígenas nas instituições de ensino superior se tratava de um sonho dos movimentos sociais, nesta era se torna uma realidade. Por isso, a promoção da reserva de vagas no nordeste brasileiro tem importância significativa para o combate às desigualdades sociais e raciais na região.

2.3 A Dimensão Expansão e Interiorização do Ensino Superior

Nesta dissertação, refletir sobre a ampliação do acesso às universidades federais é importante para a compreensão sobre a implantação da UFRB e da UNILAB nas cidades do interior do nordeste. A reflexão, portanto, sobre o conceito de democratização se expressa de diversas formas na sociedade mediante as diversas percepções políticas e ideológicas vinculadas aos interesses da sociedade. Para Jaana Flávia Fernandes Nogueira (2008) o conceito de democratização no ensino superior possui distintas dimensões: (I) associada a expansão das vagas, compreendendo expansão e democratização como sinônimos, na qual a ampliação ao ensino superior sendo entendida como a criação de vagas novas; (II) além da abertura de vagas, as classes menos favorecidas consigam ingressar efetivamente no ensino superior; (III) o entendimento da dimensão étnico-racial como preponderante para a democratização, que além do nível social, estudantes indígenas, quilombolas e negros possam ingressar.

Partindo do contexto sociopolítico da sociedade brasileira, as políticas públicas educacionais são necessárias para as transformações justamente para a viabilidade da democratização do acesso ao ensino superior, já prevista na Constituição Federal de 1988. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (LDB) também indica a apresentação de propostas de diversificação do ensino superior, a partir do art. 45 "A educação superior será ministrada em instituições de ensino superior, públicas ou privadas, com variados graus de abrangência ou especialização" (BRASIL, 1996).

O Plano Nacional de Educação torna-se um marco, ao fundamentar metas afins de melhoria de acesso ao ensino superior. A expansão da educação superior se estabelece em três fases. A Fase I da política que abrange o PNE (2001-2010), é concebida entre os anos de 2003 a 2007, tendo como objetivo a interiorização do ensino superior federal, a partir da criação de novas universidades e aumento de ofertas de vagas. Os resultados destes procedimentos foram a ampliação em 2003, de 114 municípios a 237 municípios em 2011 (BRASIL, 2014).

Considerando a Meta 12 do PNE (2014-2024) especificamente, há objetivamente o aumento da taxa bruta de matrículas para 50%, em virtude da taxa líquida para 33% de acordo com a população com faixa etária de 18 a 24 anos até 2024 (BRASIL, 2014). De acordo com o Observatório do PNE, o resultado parcial da taxa bruta de

matrículas do ensino superior em 2020 é de 48,6%. O Observatório do PNE apresenta os seguintes indicadores de estratégia para o cumprimento da meta: Estrutura física e recursos humanos; Oferta de vagas na rede federal; Fluxo; Formação de professores para Educação Básica; Fomento à diversidade; Financiamento estudantil; Créditos curriculares para extensão universitária; Estágio; Ações Afirmativas; Acessibilidade; Estudos e Pesquisas; Mobilidade estudantil e docente; Atendimento à educação do campo, comunidades indígenas e quilombolas; Formação em ciências e matemática; Acervo digital e referências; Processo seletivo; Vagas ociosas; Redes estaduais e municipais; Autorização de cursos e instituições; FIES; Laboratórios multifuncionais (OBSERVATÓRIO DO PNE, 2014).

Iniciativas como Programa Expandir, Programa Universidade para Todos (PROUNI), Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior (FIES), Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), Sistema de Seleção Unificada (SISU), Universidade Aberta do Brasil (UAB) e Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) integram as políticas públicas de educação no ensino superior e importantes para objetivar as metas para o ensino superior brasileiro (NASCIMENTO, 2013, p. 15).

Desde o governo militar, há a preocupação em relação à ampliação do ensino superior, o setor privado é utilizado como possibilidade de resolução da problemática, além disso, a articulação com o mercado que resulta no crescimento das Instituições de Ensino Privadas, torna-se central neste período (MACIEL, 2014, p. 20). Portanto, na década de 80, há o crescimento de matrículas no ensino superior, sendo considerado a primeira onda da expansão. A segunda onda de expansão se estabelece na década de 90, entretanto, ao perceber tal crescimento é possível observar que há uma distinção entre as instituições privadas e públicas (NEVES, 2012, p. 6). Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) a expansão do ensino superior é possível identificar justamente essa maior abrangência no setor privado a partir da ampliada predominância de modelos institucionais de cursos superiores (NEVES, 2012, p. 6).

Entre as ações governamentais na história da expansão do ensino superior, no início dos anos 2000, destaca-se no Governo Lula da Silva (2003-2010) o Programa Expansão I, que entre os anos de 2003 e 2007, na qual a maioria das universidades nesta

primeira fase as universidades estabelecidas eram em centros urbanos (BRASIL, 2012). A reforma universitária como um dos principais projetos no primeiro mandato do Governo Lula, pretendeu-se a democratização do ensino superior, a autonomia universitária, o acesso e a permanência nos cursos, a discussão da gestão, avaliação, estrutura da educação superior e análise dos programas dos cursos (MANCEBO, 2008, p. 1).

A Fase 2 na expansão do ensino superior, se inicia em 2007, no segundo mandato do Governo Lula, a partir da criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) a partir do Decreto 6096, em 24 de abril de 2007, e sua continuidade no Governo Dilma Rousseff (2011-2016), como uma das ações do Plano de Desenvolvimento (PDE) do Ministério da Educação. O REUNI em sua proposta de democratização apresenta a partir dos planos e metas, o acesso das camadas populares, ampliação da assistência estudantil, a redução da evasão e a ampliação dos cursos noturnos. De acordo o art. 1 das diretrizes do REUNI, tem como objetivo: *criar condições para ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais* (BRASIL, 2007).

Quadro 1: Universidades Federais criadas entre 2005 a 2013

Ano de criação	Fase de Implantação	Região do País	Universidades Federais
2005	Fase 1	Nordeste	Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
2005	Fase 1	Sudeste	Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Universidade Federal do ABC (UFABC).

2005	Fase 1	Sul	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).
2005	Fase 1	Centro-Oeste	Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD).
2008	Fase 2	Sul	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Fundação Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).
2009	Fase 2	Sul	Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS).
2009	Fase 2	Norte	Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).
2010	Fase 2	Nordeste	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).
2010	Fase 2	Sul	Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA).
2013	Fase 3	Nordeste	Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Universidade Federal do Cariri (UFCA) e Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Elaboração própria, 2022. Fonte: BRASIL, 2014; TROMBINI, ROCHA, LIMA, 2020.

Ana Lúcia Borba de Arruda (2011) aponta que a democratização do ensino superior, ao mesmo tempo que são concebidas pelo Governo Federal e organizações internacionais, também são fruto dos tensionamentos dos movimentos sociais. No período entre os anos de 2005 a 2010, foram criadas 14 universidades federais, promovendo mudanças significativas no desenvolvimento regional dos territórios de faixa de

fronteiras, nas mesorregiões e no semiárido nordestino (TISCHER; ROCHA, 2019, p. 10). Wellington Tischer e Isa de Oliveira Rocha (2019) assinalam que as universidades federais novas - não incluindo as instituições de ensino desmembradas, possuem uma característica funcional que é o formato multicampi na qual as instituições federais se difundem nas faixas territoriais da região na qual são promovidas.

Vale ressaltar que no período entre os anos de 2007 e 2013, houve um aumento na oferta de vagas para cursos de graduação de 23.896 a 32.049. Vale ressaltar que o Programa de Expansão garantiu no período de 2003 a 2011 um crescimento de 111% na oferta de vagas nas Instituições Federais de Ensino Superior (TROMBINI, ROCHA, LIMA, 2020, p. 96).

Como apresenta Wellington Tischer e Isa de Oliveira Rocha (2019) a expansão das universidades compreende diferentes processos que impactam na promoção do desenvolvimento regional. As autoras elencam as categorias de análise importantes para o presente projeto: a) universidades federais criadas por meio de transformação e ou desmembramento; b) universidades federais criadas a partir do Reuni, sendo consideradas "novas"; c) universidades federais criadas com coincidência de atuação de Políticas de Desenvolvimento Regionais (Promeso, PDFF e Conviver); c) Universidades federais para Integração Internacional; d) Universidades federais multicampi e interestaduais; e) o modelo norte-americano de universidades federais funcionalistas (TISCHER; ROCHA, 2019, p. 3).

Para além disso podemos discutir que se há algumas décadas as metrópoles e o eixo Sul-Sudeste concentravam instituições de ensino superior, após a implementação da proposta de expansão, além do aumento do número de vagas, houve uma incessante melhoria na distribuição da oferta nas zonas urbanas e rurais das cinco regiões brasileiras (PAULA, 2018, p. 22). No caso da interiorização, os seus reflexos podem ser percebidos não exclusivamente nas mudanças econômicas na região nordestina, mas também nos processos sociais e espaciais, Leonardo Chagas de Brito (2014) exemplifica a relevância da interiorização ao pensarmos a mobilidade populacional através do estabelecimentos novas sociabilidades.

Por fim, é preciso compreender que é no contexto de promoção de Políticas de Ação Afirmativas e expansão do ensino superior, que os interiores dos estados nordestinos

recebem as universidades. Nestes lugares há pessoas negras, pobres, indígenas, do campo, ribeirinhos, quilombolas e trabalhadores que ao ingressarem na universidade transformam suas trajetórias. As universidades nascem em territórios nas quais sequer foi imaginado suas presenças. Elas se movem em concepções e percepções diferentes e diversas.

No capítulo anterior, faço menção ao Programa Mais Médicos, e deste modo o retomo para uma discussão mais abrangente em relação a interiorização e as implicações das Políticas Públicas de Ações Afirmativas no Ensino Superior. Um dos grandes problemas em relação ao acesso universal da saúde no país, é a falta de profissionais da medicina em determinados territórios como acentua Raphaella Postorivo (2017, p. 26). Contudo, o Programa Mais Médicos como uma política pública de saúde, tornou-se uma estratégia de enfrentamento deste problema aliada à presença de cursos de saúde no interior do país.

Com o avanço da criação e abertura de vagas nos cursos de saúde nos interiores do Brasil, profissionais recém-formados possuem como possibilidade a atuação na própria região de formação acadêmica e/ou em demais cidades interiorizadas do país, neste sentido, a escolha nesta pesquisa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira está dimensionada através da compreensão destas instituições como promotoras de mudanças nos âmbitos políticos, econômicos e educacionais em seus territórios. Além disso, se trata de Instituições de Ensino Superior que materializam em suas concepções políticas e identitárias a promoção de Políticas Públicas de Ações Afirmativas.

CAPÍTULO III – PELES NEGRAS, JALECOS BRANCOS: TRAJETÓRIAS NEGRAS NOS CURSOS DE SAÚDE DA UFRB E DA UNILAB.

Inicio este capítulo apresentando uma reflexão: no início da década de 1920, período de criação da primeira universidade no Brasil, a atual Universidade do Rio de Janeiro, seria possível imaginar que, décadas depois, haveria no interior do nordeste duas universidades com projetos políticos voltados para pessoas negras, pobres, oriundas de comunidades tradicionais e originárias? A UFRB e a UNILAB possuem um compromisso na efetivação das Políticas Públicas de Ações Afirmativas a fim de garantirem a promoção da igualdade racial. São projetos políticos que contemplam as possibilidades de transformações sociais no país.

Neste capítulo iremos apresentar a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, compreendendo a história de criação destas instituições de ensino superior e o formato multicampi, portanto, pretende-se: (I) refletir sobre os aspectos constitutivos das IES considerando tais elementos interseccionais às trajetórias negras (III) apresentar e analisar as trajetórias negras na Medicina, Psicologia e Enfermagem.

3.1 Um Projeto de Universidade negra: A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e as Trajetórias Negras nos Cursos de Saúde.

Meu sabiá, bem-te-vi não tem coroa
eu vou sambar
na casa de gente boa.
Samba de Roda de Dona Dalva

Lembro-me da minha experiência como professora de uma escola de ensino fundamental em São Félix-Bahia. Em dado momento, enquanto discutia sobre negritude, educação e o território do Recôncavo, fui interpelada com as seguintes questões: "- Professora, a UFRB paga?"; "- Como faço para entrar na universidade?". Confesso que por alguns minutos fiquei em silêncio. Era um silêncio que misturava surpresa e constrangimento. Para mim, que desde do ensino médio era incentivada a ingressar em universidades públicas, era difícil compreender e aceitar que aquelas crianças que nasceram com a UFRB tão perto, não obtinham nas suas vivências a informação do que simboliza a universidade: Ela é pública, gratuita e de qualidade.

Esse momento na sala de aula foi significativo para que pudesse perceber a importância da discussão sobre as possibilidades de vida que a juventude negra e do interior podem ter. Como muitos dos meus colegas da UFRB dizem “fiz universidade no quintal de casa”. Tal frase, mesmo que simples, compreende muitos dos sonhos realizados por esta instituição de ensino no território do Recôncavo da Bahia.

Criada em 29 de julho de 2005, pela Lei Federal nº 11.151, a UFRB é fruto do desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e iniciou as suas atividades no segundo semestre de 2006, ofertando 15 (quinze) cursos - desses 11 (onze) novos, já que os demais eram ofertados pelo Centro de Ciências Agrárias da UFBA. O Vestibular Especial conduzido pela UFBA, deu início às atividades. No período de 2007 a 2009, criou-se novos cursos e foi ampliado o quadro de oferta de 1.790 (SANTOS, 2013, p. 19).

Durante sessenta anos, a Bahia tinha apenas uma universidade federal, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando em 2006 a UFRB iniciou suas atividades. Sendo assim, a criação da UFRB amplia as possibilidades para que estudantes do interior do estado possam realizar o ensino superior. E neste sentido, como egressa da referida universidade e beneficiada pela democratização e interiorização, ressalto que pensar, pesquisar e escrever sobre este território que me trouxe tantos acolhimentos, é também deixar a escrita atravessada pelo meu apego emocional.

Por isso, iniciamos nossa caminhada sobre a Recôncavo da Bahia, com um trecho da canção “Meu Sabiá” do Samba de Roda de Dona Dalva, liderado pela Doutora Dalva Damiana Freitas. Compositora, sambadeira, cantora e Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, candomblecista e integrante da Irmandade da Boa Morte[39], ela que dedicou a sua vida à cultura popular, pela defesa e preservação do samba de roda no Recôncavo da Bahia. Dona Dalva nascida e criada em Cachoeira, simboliza em sua história de vida a força da mulher negra.

> [...] Eu fui uma simples operária da Fábrica Dannemann, ultimamente até em casa de família eu também trabalhei, tive uma vida perigosa, criei cinco filhos sozinha, fiz o que Deus me deu direito, graças a Deus, a minha família deve estar se sentindo orgulhosa, honrada com esse maravilhoso título que eu recebi. Estou orgulhosa, a partir de hoje, eu me chamo Dalva Damiana de Freitas, Doutora (risos e gargalhadas).

[39] A Irmandade da Boa Morte é uma confraternidade religiosa afrocatólica que historicamente se manifesta no território do Recôncavo da Bahia. Para saber mais, acesse: https://www.geledes.org.br/irmandade-da-boa-morte-2/.

> Feliz daquele cachoeirano, que receba esse título que eu recebi [...]. (Doutora Dalva Damiana de Freitas, 2012)[40].

Figura 2: Doutora Dalva Damiana de Freitas

Fonte: Divulgação/Prefeitura de Cachoeira[41]

O samba de roda como Patrimônio Cultural Imaterial reconhecido pela Unesco, se estabelece no Recôncavo da Bahia, como elemento característico da identidade do território baiano. É neste lugar permeado pela resistência da cultura afro-descendente, que nasce a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O Recôncavo da Bahia permeado pelas comunidades indígenas, africanas e portuguesas foi constituído em um contexto de diversidade cultural, conflitos e desigualdades sociais. Mesmo que as culturas indígenas e africanas tenham sido elementares para a formação do território, até a década 70 os terreiros de candomblé precisavam pedir permissão da política para a realização de suas atividades religiosas. A luta contra a intolerância e o colonialismo português tornou-se a marca do Recôncavo da Bahia, que a nível nacional consolidou a sua importância nas lutas pela independência do Brasil (RELATÓRIO PARCIAL DO QUARTO CICLO AVALIATIVO 2018-2020, p. 40).

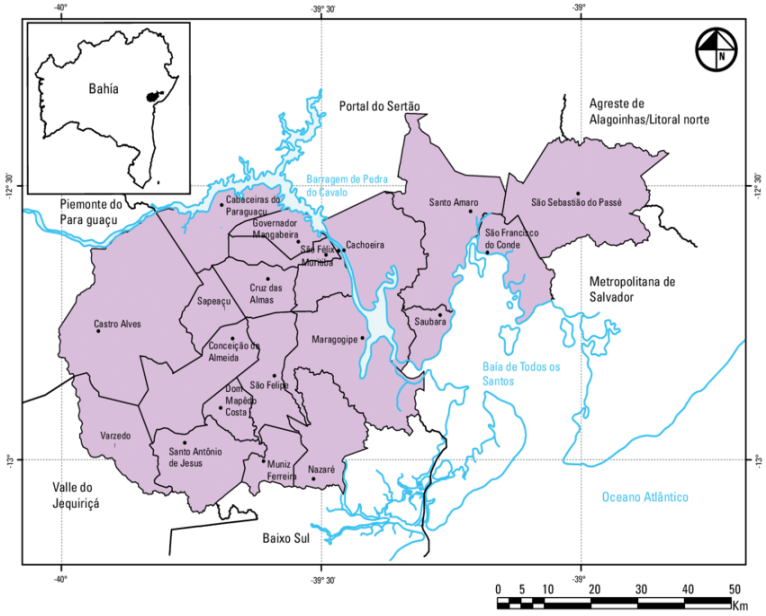
> A palavra Recôncavo significa terra em redor de qualquer baía. No Brasil ela terminou se vinculando mais fortemente à região que circunda a Baía de Todos os Santos. O processo de ocupação da região seguiu

[40] Entrega do Título de Doutora Honoris Causa à Dona Dalva disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WUWgofglCgI. Acesso em: 08.09.2022.

[41] Disponível em: https://www.sociedadeplural.com.br/2021/09/cachoeira-dona-dalva-completou-94-anos.html. Acesso em: 08.09.2022.

> determinados vetores que por muito tempo definiram os caminhos e percursos que ligavam a capital da Bahia às localidades mais distantes do litoral. Quando o governo português decidiu ocupar em definitivo o território que mais tarde se chamaria Brasil, o Recôncavo foi a primeira região da América Portuguesa a ser sistematicamente colonizada (Trecho do Livro "UFRB 5 anos: caminhos, histórias e memórias").

Figura 3: Mapa do Território Identitário do Recôncavo da Bahia



Fonte: BORGES; ARAÚJO, 2015 apud SEI 2013a.

Nesta região, enriquecida por elementos históricos e culturais, a UFRB é fruto das mobilizações das comunidades locais e dos ativistas negros. Como o Relatório Parcial do Quarto Ciclo Avaliativo (2018-2020) apresenta:

> [...] A UFRB faz parte e se reconhece como parte dessa história, pois é fruto das aspirações e da mobilização das comunidades locais. Daí que ela também é herdeira das tradições culturais de luta do povo do Recôncavo. Mas como lugar de encontro e de diversidade, o Recôncavo sempre foi terreno fértil para a invenção e reinvenção. Não por acaso um dos compromissos fundadores da UFRB é com a invenção de outra perspectiva de desenvolvimento que promova a melhoria da vida das pessoas e o exercício pleno de suas capacidades humanas (RELATÓRIO PARCIAL DO QUARTO CICLO AVALIATIVO 2018-2020, p. 42).

Em seu formato multicampi a UFRB possui como sede administrativa, a Reitoria em Cruz das Almas e em sete centros de ensino: o Centro de Formação de Professores (CFP) em Amargosa, o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) em Cachoeira, o

Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) em Cruz das Almas, que também sedia o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC), o Centro de Ciência e Tecnologia e Sustentabilidade (CETENS) em Feira de Santana e o Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, em Santo Amaro (CECULT).

A UFRB ao assumir um posicionamento político comprometido com ações de reparação social e racial no país, desponta como a primeira universidade do país que a criou em 2006 a Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE), com o objetivo de articular os Assuntos Estudantis, a partir da Assistência Estudantil com as AçõesAfirmativas, atravessando em sua prática, o acesso, permanência e pós-permanência de estudantes oriundos de camada popular, escola pública, negros e indígenas (JESUS, NASCIMENTO, 2010, p. 119). A PROPAAE tem como objetivo:

> [...] articular, formular e implementar políticas e práticas de democratização relativas ao ingresso, permanência e pós-permanência estudantil no ensino superior de forma dialógica e articulada com os vários segmentos contemplados por estas políticas, pondo em prática uma ação de co-responsabilidade e mutualidade no trato com as demandas da comunidade acadêmica (UFRB, 2022).

Como Rita de Cássia Dias e Cláudio Orlando (2010) afirmam:

> Em síntese, a PROPAAE foi criada com o propósito de articular, formular e implementar políticas e práticas de democratização relativas ao ingresso, permanência e pós-permanência estudantil no ensino superior, de forma dialógica e articulada com os vários segmentos contemplados por estas políticas, pondo em prática uma ação de co-responsabilidade e mutualidade no trato com as demandas da comunidade acadêmica (JESUS, NASCIMENTO, 2010, p. 119).

No que tange a estrutura institucional da PROPAAE foi estabelecida com base na sua descentralização, de modo para que possa atuar em todos os Centros de Ensino da UFRB através dos Núcleos de Apoio que funcionam com uma equipe administrativa responsável pela sua missão:

> Assegurar a execução de Políticas Afirmativas e Estudantis na UFRB, garantindo à comunidade acadêmica condições básicas para o desenvolvimento de suas potencialidades, visando a inserção cidadã, cooperativa, propositiva e solidária nos âmbitos cultural, político e econômico da sociedade e o desenvolvimento regional (UFRB, 2022).

O Programa de Permanência Qualificada (PPQ) subsidiado pela PROPAAE, torna-se um dos eixos essenciais de articulação com a permanência universitária. Como ressaltam Orlando e Dias (2010) o PPQ garante possibilidades de permanência material e simbólica, articulando em suas ações o ensino, pesquisa e extensão, integrando estudantes em atividades de ensino, pesquisa, monitoria e demais atividades que associam o desenvolvimento regional, político e a disseminação do conhecimento. Através da PROPAAE e do PPQ, a permanência torna-se uma política institucional que tem as seguintes modalidades de auxílios: Transporte, Residência Estudantil, Pecuniário a Moradia, Pecuniário à Alimentação e Apoio às Atividades Pedagógicas.

As candidaturas para o PPQ podem ser feitas por estudantes de qualquer semestre, a comprovação da vulnerabilidade socioeconômica é um quesito crucial para a classificação no processo seletivo, além disso os estudantes não podem ter vínculo com qualquer outra bolsa vinculada a agências de fomento do país e não obtiveram vínculo empregatício formal.

Ao longo dos seus dezessete anos de existência, a UFRB foi responsável pelo desenvolvimento econômico, cultural e educacional nas cidades que abarca seus sete Campis, e por isso devemos retificar que de acordo com o Relatório de Autoavaliação Institucional (Relatório Parcial I e II do Quinto Ciclo Avaliativo 2021-2023), são 10.529 estudantes matriculados, 816 estudantes egressos, 905 professores, 696 técnicos administrativos, 310 colaboradores terceirizados, 64 cursos de graduação, 34 cursos de pós-graduação, 877 estudantes de pós-graduação e 2215 profissionais titulados (mestrado e doutorado).

Mas precisamente em relação ao perfil estudantil da UFRB, segundo os dados da Secretaria de Integração, Avaliação e Desenvolvimento Institucional (SIADI/UFRB 2018-2019): 57,6% do corpo estudantil é composto por mulheres, 86,5% possui renda mensal per capita de até 1,5 salário mínimo, 92,3% tem origem baiana, 73,2% cursaram escola pública durante o ensino médio. Em relação ao perfil os dados demonstram que 81,8% estudantes são autodeclarados negros.

Segundo estes dados, a UFRB é uma universidade jovem, negra, feminina e com a renda familiar vinculadas às camadas populares, esta última informação pode ser refletida também através dos dados de renda familiar per capita a nível nacional que corresponde à R$ 916,80 e de R$ 486,38 na região do Recôncavo de acordo com dados

da UFRB em 2017. São marcadores sociais na qual é possível compreender que o público que majoritariamente acessa a UFRB são provenientes de espaços territoriais pobres, e estes estudantes representam em maioria, a primeira geração de suas famílias a terem a possibilidade de se tornarem graduados na universidade.

3.2 A Universidade afro-diaspórica: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

É uma forma de o Brasil, aos poucos, pagar a dívida com os povos africanos, que não pode ser mensurada em dinheiro, mas em parceria, em solidariedade
Lula, 2010[42].

O primeiro município do Brasil a proclamar a liberdade dos negros da condição de escravos em 1883 foi Redenção, no estado do Ceará. Em sua etimologia Tupi-Guarani Redenção significa *caminho dos peixes.* Fundada em 1868, ainda como Vila Acarape, localizada na região do Maciço de Baturité, a 55 quilômetros da capital Fortaleza, este município do interior do Ceará é símbolo da abolição da escravatura no estado, e também recebeu, a partir da Lei nº 12.289 de 20 de julho de 2010, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Fruto do Plano de Reestruturação das Universidades (REUNI) e iniciando suas atividades em 2011, a UNILAB com a proposta de inserção regional, nacional e internacional foi a 14º universidade criada no Governo Lula, com sede administrativa na cidade de Redenção, e centros de ensino nos municípios de Redenção e Aracarape no Ceará e na Bahia no município de São Francisco do Conde. A escolha por estas cidades, como apresentado em seu Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2021, se institui a partir do compromisso com a valorização da população afrodescendente e do desenvolvimento regional (PDI 2016-2021, p. 9).

A UNILAB está estruturada em 4 (quatro) campus: Campus Liberdade e Campus Auroras na cidade de Redenção e Campus Palmares na cidade Aracape, estes 3 (três) campis no Ceará, que estão no território do Maciço de Baturité na qual abrange treze municípios: Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Itapiúna, Guaramiranga, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia, e Redenção como demonstrada na

[42] Para mais informações: https://institutolula.org/relembre-a-criacao-e-a-proposta-da-unilab. Acesso em: 08.09.22.

Figura 17. O Campus Malês se localiza na Bahia, em São Francisco do Conde, território do Recôncavo Baiano. Esta Instituição de Ensino Superior possui 15 (quinze) cursos de graduação ofertados na modalidade presencial, 1 (um) curso a distância, 5 (cinco) cursos de pós-graduação lato sensu e 5 (cinco) cursos na modalidade pós-graduação stricto sensu. A UNILAB está estruturada a partir de institutos, e são eles: Instituto de Humanidades e Letras (IHL), Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA), Instituto de Ciências da Saúde (ICS), Instituto de Engenharias e Desenvolvimento Sustentável (IEDS), Instituto de Desenvolvimento Rural (IDR) e Instituto de Ciências Exatas e da Natureza (ICEN).

Figura 4: Mapa do Território Identitário do Maciço de Baturité

Fonte: Relatório SEBRAE- Escritórios Regionais: Estudo Socioeconômico, 2014[43]

A Universidade Federal do Ceará (UFC) até a adesão do formato multicampi, era a única universidade federal, com um único campus em Fortaleza. Contudo, a criação da UNILAB tornou-se um marco na história do ensino superior da região, se inserindo no quarto ciclo expansionista, na qual seu movimento de criação coincide com o aumento de vagas e instituições no ensino superior federal e com a promoção de diversas ações de inclusão social e racial no país (GOMES, VIEIRA, 2013).

Como estratégia de política externa dos governos petistas, Lula (2002-2010) e

[43]Para mais informações em: https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/CE/Anexos/[Perfil%20Regional]%20Maci%C3%A7o%20de%20Baturit%C3%A9.pdf.

Dilma (2011-2016), e com o objetivo de fortalecer as relações Sul-Sul, conforme previsto em sua Lei de Criação, a Universidade da Integração Internacional Lusófona Afro-Brasileira tem como objetivo o desenvolvimento do ensino superior, a partir do ensino, pesquisa e extensão nas diversas áreas do conhecimento. Sendo concebida a partir de diretrizes que estabelecem a interiorização e a internacionalização, a UNILAB tem como missão o fomento de ações que visem a integração do Brasil com os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, principalmente países africanos, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe e os asiáticos Timor-Leste e Macau (GOMES; LIMA; SANTOS, 2018, p. 95).

Como destaca Nilma Lino Gomes *et al.* (2018):

> A mobilidade de pesquisadores, pesquisadoras, servidores, servidoras e estudantes apresenta-se como um dos pilares estruturantes da Unilab. Para isso, diversas missões foram realizadas para todos os países da CPLP visando identificar demandas similares em termo de formação. Após diálogos com representantes dos governos, universidades, instituições e organismos internacionais, cinco áreas foram priorizadas para o início das atividades da Unilab: Desenvolvimento Rural, Saúde Coletiva, Educação Básica, Gestão Pública, Tecnologias e Desenvolvimento Sustentável, presentes nas diretrizes elaboradas pela comissão de implantação. Posteriormente, foi incluída a área de Humanidades e Letras. (GOMES; LIMA; SANTOS, 2018).

Estando inserida em um contexto de internacionalização da Educação Superior, a UNILAB tem como intuito promover a Cooperação Sul-Sul através da responsabilidade científica, cultural e ambiental. Refletindo sobre a cooperação numa perspectiva solidária, a instituição de acordo com o Relatório de Autoavaliação Institucional – Período de Referência 2021[44] apresenta as seguintes perspectivas:

> Missão: Formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.
> Visão: Ser, até 2026, uma instituição de referência em educação superior, voltada para a interiorização e internacionalização, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento das regiões onde atua e dos países membros da CPLP.
> Negócio: Educação Superior de excelência, pública e universal.
> Princípios e Valores: Internacionalização - Integração - Compromisso com a Excelência - Ética e integridade Interiorização - Respeito à

[44] Para mais informações sobre o Relatório de Autoavaliação Institucional – Período de Referência 2021 acesse: https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-de-Gestao-2021_Final.pdf.

> diversidade - Responsabilidade e inclusão social pluralismos cultural - inovação - transparência.

Segundo os dados referentes ao Relatório de Autoavaliação Institucional – Período de Referência 2021, publicada em março de 2022, a UNILAB possui um total de 23 (vinte e três) cursos de graduação, 4.738 (quatro mil, setecentos e trinta e oito) matrículas na modalidade presencial, na modalidade à distância possui o curso de bacharelado em administração que contém 296 (duzentos e noventa e seis) estudantes matriculados. Em relação a pós-graduação, a UNILAB tem 8 (oito) cursos presenciais com 223 (duzentos e vinte e três) alunos matriculados e na modalidade à distância até o primeiro semestre do ano de 2021, havia 3 (três) cursos de pós-graduação com 274 (duzentos e setenta e quatro) matrículas. Desde o início de suas atividades educacionais, a Unilab tem um total de 10.861 (dez mil, oitocentos e sessenta e nove) alunos egressos e 1.108 (mil cento e oito) na modalidade à distância. Em relação a pós-graduação os dados do Relatório Institucional apresenta que a se tem um total de 537 (quinhentos e trinta e sete) de estudantes pós-graduados pela instituição na modalidade presencial e 4.486 (quatro mil e quatrocentos e oitenta e seis) egressos pela modalidade à distância.

Em relação à Assistência Estudantil, os auxílios vinculados à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROPAE) desempenham um importante papel no fomento da assistência estudantil. De acordo com o PDI-2016-2021 da UNILAB e os dados fornecidos pelo FONAPRACE, indicam que 80% dos seus estudantes da instituição são oriundos de famílias de baixa renda, sem tradição familiar universitária com baixa escolaridade, sendo estes estudantes os primeiros do núcleo familiar a ingressarem no ensino superior tornando a promoção de políticas de permanência são imprescindíveis.

> O primeiro nível de apoio à permanência dos estudantes na universidade, cuja sede está fora de seus municípios ou países de origem, tem a ver, portanto, com a sua sobrevivência, como: habitar, comer, locomover-se, vestir-se, preservar a saúde, entre outros aspectos; enfim, manter-se com dignidade como pessoas nos seus aspectos mais fundamentais da vida.
> A preocupação com a dignidade da sobrevivência e com a permanência dos estudantes deve levar em conta muito particularmente sua condição de jovens. Anseios e inquietações, sonhos e conflitos próprios dessa fase da vida apontam para a importância de ações de apoio psicossocial, que se tornam ainda mais significativos quando se trata de estudantes internacionais, que não contam com os apoios comunitário e familiar presenciais (PDI 2016-2021, p. 48).

A Pró- Reitoria de Ações Afirmativas e Estudantis (PROPAE) é organizada pela Coordenação de Políticas Estudantis (COEST) e pela Coordenação de Políticas Afirmativas (CDHAA), com seus núcleos e a Divisão de Assistência à Saúde do Estudante (DIASE) e a Divisão de Alimentação e Nutrição (DAN). De acordo com o Regimento Interno da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis da UNILAB:

> Art. 2º A Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (Propae) é responsável por planejar, coordenar, acompanhar e avaliar o conjunto de programas, projetos e ações integrantes das Políticas afirmativas e estudantis da Unilab.
> Art. 3º A Propae tem por missão viabilizar e qualificar a permanência estudantil no contexto da Unilab e ser referência na promoção de políticas afirmativas e estudantis. Art. 4º Seu objetivo geral é implementar, de maneira articulada e democrática, programas, projetos, ações e serviços de assistência prioritária; promoção e prevenção; apoio à formação e inclusão e cidadania, com ênfase na promoção da igualdade de gênero e étnico-racial; diversidade sexual e ações afirmativas para a comunidade estudantil (UNILAB, 2022, p. 2).

Administrado pela PROPAE, COEST e regido pela Resolução nº 07/2012 e nº 10/2012 da UNILAB, o Programa de Assistência ao Estudante (PAES) integra a política estudantil da universidade e como um apoio institucional tem como intuito auxiliar na permanência qualificada de estudantes com vulnerabilidade socioeconômica. O PAES possui 6 (seis) modalidades de auxílio: Auxílio-moradia: Tem como objetivo garantir um auxílio no valor de 380,00 (trezentos e oitenta reais) por mês por 24 (vinte e quatro) meses renováveis de acordo com os critérios estabelecidos pelo Programa de Assistência ao Estudante; Auxílio Instalação: Apoio de estudantes que devam se fixar nos municípios dos campus da UNILAB, tal auxílio se refere a aquisição de utensílios domésticos, mobília, eletrodomésticos e entre outros objetos e materiais; Auxílio-transporte: Possui valor máximo de 270,00 (duzentos e setenta reais) por mês por até 24 (vinte quatro) meses com possível renovação, o auxílio tem como objetivo apoiar as despesas de deslocamento para a universidade; Auxílio-alimentação: A fim de complementar as despesas com alimentação, há a concessão de 150,00 (cento e cinquenta) reais por no máximo 24 (vinte quatro) meses renováveis; Auxílio social: É concedido o valor de 380,00 (trezentos e oitenta) reais por mês com possível renovação após 24 (vinte quatro) meses, tendo como objetivo apoiar estudantes em alto grau de vulnerabilidade socioeconômica; Auxílio emergencial: Possui uma natureza eventual e é concedido em situações excepcionais em

caráter emergencial[45].

A seleção para o ingresso na UNILAB é realizada através da inscrição através do preenchimento de um formulário, mediante edital específico e a entrega nas Embaixadas do Brasil nos países parceiros e posteriormente os candidatos inscritos realizam uma prova. A responsabilidade por este processo seletivo é da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), com o apoio da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAE), Pró-Reitoria de Relações Institucionais e Internacionais (PROINTER), Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX) e a Reitoria da UNILAB.

Em suma, a UNILAB é um projeto de instituição integrativa que tem em sua constituição uma política educacional humanística e diversa. É uma universidade na qual é possível encontrar várias culturas e etnias africanas em um mesmo espaço geográfico e que também é possível a valorização da língua portuguesa e aprendizagens sobre a África nos âmbitos do ensino, pesquisa e extensão.

3.3 Enegrecendo o Jaleco Branco: Trajetórias Negras nos Cursos de Saúde da UFRB e da UNILAB.

Nesta seção apresenta-se as trajetórias de Maria Odília Teixeira, Virginia Bicudo, Neusa Santos Souza, Virginia Leone Bicudo, Carmem Pereira, Amílcar Cabral e Adja Satú Camara. As suas trajetórias nesta pesquisa foram dimensionadas pelos seguintes eixos: (I) Trajetória Escolar, Familiar e Comunitária, (II) Acesso a Universidade, (III) Políticas Públicas de Ações Afirmativas, (IV) Interiorização do Ensino Superior, (V) Permanência Universitária e (VI) Aspectos Profissionais e Acadêmicos na Medicina, Psicologia e Enfermagem. Ressalta-se que as sujeitas (o) possuem trajetórias construídas em contextos pessoais, culturais e acadêmicos diferentes e portanto as suas leituras das realidades sociais também vão se distinguir. Dito isso, é um prazer apresentar-lhes as sujeitas (os) da pesquisa:

Quadro 2: Sujeitas (os) da Pesquisa

[45] Para mais informações sobre os auxílios é possível acessar: https://unilab.edu.br/assistencia-estudantil/.

Sujeita (o)	Gênero	Raça/Cor	Nacionalidade Origem	Curso de Graduação/ Instituição de Ensino	Ano de Ingresso/ Ano de Formatura	Ocupação Profissional
Maria Odília Teixeira 29 anos	Mulher Cisgênero	Negra	Brasileira Santo Amaro Bahia	Bacharelado Interdisciplinar em Saúde/ Medicina UFRB	2012-2021	Médica
Neusa Santos Souza 25 anos	Mulher Cisgênero	Negra	Brasileira Cruz das Almas Bahia	Bacharelado Interdisciplinar em Saúde/ Psicologia UFRB	2016-2021	Psicóloga e Professora de Educação Socioemocional
Virginia Leone Bicudo 25 anos	Mulher Cisgênero	Negra	Brasileira Cruz das Almas Bahia	Bacharelado Interdisciplinar em Saúde/ Psicologia UFRB	2016-2021	Psicóloga
Carmem Pereira 27 anos	Mulher Cisgênero	Negra	Guineense Sector Autónomo de Bissau (Capital) Guiné Bissau	Enfermagem UNILAB	2014-2020	Enfermeira e Mestranda em Programa de Pós-Graduação
Amílcar Cabral 27 anos	Homem Cisgênero	Negro	Guineense Sector Autónomo de Bissau (Capital) Guiné Bissau	Enfermagem UNILAB	2015-2020	Enfermeiro, Especialista Gestão Hospitalar e Auditoria em Serviços de Saúde e Mestrando em Programa de Pós-Graduação

						e Professor de Enfermagem
Adja Satú Camara 26 anos	Mulher Cisgênero	Negra	Guineense Bula (Interior) Guiné Bissau	Enfermagem UNILAB	2016-2022	Enfermeira

Fonte: Elaboração Própria, 2023.

Desde a minha monografia, que reflito sobre o modo de apresentação das (os) sujeitas (os) da pesquisa. Na estruturação daquele trabalho optamos por utilizar codinomes que dialogassem com as narrativas apresentadas. Neste trabalho dissertamos e seguimos com a mesma posicionalidade. Levando em consideração que se trata de uma pesquisa entre sujeitas de nacionalidades diferentes, optou-se por realizar um mapeamento de personalidades negras e negros do Brasil e da Guiné-Bissau vinculadas à intelectualidade negra, área da Medicina, Psicologia e Enfermagem e ativismo negro, ressaltando-se que as (os) foram consultados em relação aos codinomes. Como referência para este mapeamento foi utilizado o acervo do Projeto Mulheres Africanas da UFRGS[46], Série Especial Falas Negras[47] e a minha Monografia "(Sobre) Vivências: A permanência de jovens mulheres negras em cursos de saúde da UFRB". Sendo assim, escolha-se também apresentar uma breve descrição biográfica destas personalidades negras e negros:

[46] O Acervo do Projeto Mulheres Africanas da UFRGS está disponível em: https://www.ufrgs.br/africanas/pesquisar-acervo/. Acesso em: 24/09/2022.

[47] Mais informações em: https://gshow.globo.com/series/falas-negras/noticia/falas-negras-conheca-os-personagens-do-especial-de-dia-da-consciencia-negra.ghtml Acesso em: 24/09/2022.

Quadro 3: Personalidades negras (Brasil e Guiné-Bissau) utilizadas nesta dissertação[48]

Intelectuais	Descrição biográfica
Figura 5: Maria Odília Teixeira (1884-1970) Fonte: HYPENESS, 2022[49]	Maria Odília Teixeira foi a primeira mulher negra médica da história do Brasil. Nascida em São Félix - Bahia, cresceu em Cachoeira-Bahia, ambas cidades do Recôncavo Baiano. Se mudou aos 13 anos para Salvador, aonde investiu em seus estudos. Em 1094, ela se tonou a única mulher entre 48 alunos da turma de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia. Seu pioneirismo também se estabelece no campo cientifico porque ela desenvolveu uma tese sobre a cirrose, campo pouco explorado por mulheres na época (HYPENESS, 2022).
Figura 6: Neusa Santos Souza	Nascida em Cachoeira-Bahia, Neusa Santos Souza formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, e posteriormente atuou no Rio de Janeiro como psiquiatra e psicanalista. Autora de "Torna-se Negro", publicada em 1983 em um contexto ditatorial, a obra se tornou pioneira no campo da psicanalise na discussão sobre o racismo na construção da identidade e subjetividades no país (NASCIUTT, 2021).

[48] É possível perceber que os codinomes escolhidos estão relacionados com a história das lutas pela libertação da Guiné-Bissau. Neste sentido brevemente discuto aqui sobre este processo. A Guiné

[49] Disponível em: https://www.hypeness.com.br/2022/01/maria-odilia-teixeira-quem-e-a-primeira-medica-negra-do-brasil/. Acesso em: 24/09/2022.

(1948-2008) Fonte: UOL, 2022[50]	
Figura 7: Virginia Leone Bicudo (1915-2003) Fonte: MULTIRIO, 2020[51]	Nascida em Luz, São Paulo, Virginia Bicudo foi a psicanalista brasileira sem formação na medicina, tem sua importância na institucionalização da psicanálise no país. Formada em Sociologia, a intelectual defendeu em 1945 a dissertação "Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo", pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, na qual ela apresenta os impactos do racismo nas subjetividades identidades dos negros de São Paulo (SANTOS; PEREIRA, 2021).
	Nascido em Salvador, Bahia, Juliano Moreira[53] foi o

[50] Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/stories/neusa-santos-fez-pesquisa-inovadora-sobre-saude-mental-de-pessoas-negras/. Acesso em: 24/09/2022.

[51] Disponível em: http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/reportagens/16846-virg%C3%ADnia-bicudo-pioneira-na-psican%C3%A1lise-e-no-estudo-de-atitudes-raciais. Acesso em: 24.09.2022.

[53] Para mais informações sobre Juliano Moreira: http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-

Figura 8: Juliano Moreira (1872-1933) **Fonte: COSTA NORTE, 2020[52]**	primeiro médico negro do Brasil. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia aos 13 anos, formando em 18 anos, é considerado o fundador da disciplina psiquiátrica no Brasil. O médico contribuiu para o combate ao racismo científico, além de ter fundado a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins em 1905, Juliano Moreira contrariando o higienismo, defendeu que as doenças mentais estariam relacionadas a elementos físicos e situacionais. Em sua homenagem, há em Salvador, o Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira que visa o atendimento especializado em saúde mental[54] (ODA; DALGALARRONDO, 2000).
Figura 9: Carmem Pereira (1937-2016) 	Carmem Pereira é autora da frase "combatendo dois colonialismos", fazendo alusão a dupla luta das mulheres guineenses pelos seus direitos e pela independência do país. Ela disse: "mas mulheres precisam lutar contra dois colonialismos: um dos portugueses, outro dos homens". Foi uma líder nacionalista da Guiné-Bissau, atuando como presidenta interina apenas por dois dias em 1984. Em 1962, foi ativista do Partido Africano de Independência de Guiné e Cabo Verde – PAIGC. No exílio em Senegal, e incentivada por Amílcar Cabral, Carmem passou a se dedicar integralmente ao movimento de libertação. Em 1963 foi para a União Soviética e ingressou no curso de enfermagem, retornando para Guiné-Bissau em 1965, tornando-se responsável pela saúde no movimento de libertação, construindo o primeiro hospital nas áreas libertadas. Posteriormente a Independência do país, ela

memoria/2014/07/17/juliano-moreira

[52] Disponível em: https://costanorte.com.br/publieditorial/ints/ints-homenageia-primeiro-medico-negro-do-brasil-1.254048. Acesso em: 18.11.2022.

[54] Para mais informações sobre o Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, acesse: http://www.saude.ba.gov.br/hospital/hospital-psiquiatrico-juliano-moreira/.

Fonte: PROJETO MULHERES AFRICANAS DA UFRGS (2018-2020)[55]	se tornou a única mulher do Comitê Executivo do Partido Africano de Independência de Guiné e Cabo Verde – PAIGC. Também foi a principal liderança da Comissão de Mulheres da Guiné Bissau e Cabo Verde (1975-1981). Vice presidenta da Assembleia Nacional Popular (1973-1984). Foi Ministra da Saúde e Serviço Social (1981-1983) e Ministra de Estado (1991-1992). (UFRGS, 2018-2020).
Figura 10: Adja Satú Camara (1948) Fonte: PROJETO MULHERES AFRICANAS DA UFRGS, 2018-2020[56]	Adja Satú Camara nasceu na Aldeia de N'Tuhana, Sector de Buba, Região de Quínara. Ativista no Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde - PAIGC e na luta de libertação nacional em 1962. Durante a guerra da libertação, Adja fez em 1964 uma preparação militar em Gana, fez um curso de enfermagem, torna-se enfermeira auxiliar durante o combate na União Soviética em 1965. Após a independência da Guiné-Bissau, ela foi nomeada Chefe de Serviço de Saúde do Hospital Bafatá em 1974. Tornou-se governadora da Região de Bafatá (1985-1990), Cacheu (1990) e Gabú (1997-1999). Entre 2008 e 2010 foi a primeira Ministra do Interior. Em 2010 foi nomeada Chefe da Casa Civil. Saiu do PAIGC em 2016, e em 2017 se tornou a primeira mulher guineense a ser nomeada General. Em 2018, ingressou no Movimento de alternância democrática. Em 2019, se tornou vice presidenta da Assembleia Nacional Popular e em 2020 se tornou a vice-presidente da Mesa Parlamentar da CEDEAO (UFRGS, 2018-2020).
Figura 11: Amílcar Cabral	Amílcar Cabral foi uma liderança política e agrônomo nascido em Bafatá em 1956, co-fundou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC, tornando-se a principal liderança do partido contra o colonialismo português, Lembrando que Amílcar foi importante na formação de mulheres revolucionárias, mesmo com a resistência do partido.

[55] Disponível em: https://www.ufrgs.br/africanas/carmen-pereira-1937-2016/. Acesso em: 24.09.2022.
[56] Disponível em: https://www.ufrgs.br/africanas/carmen-pereira-1937-2016/. Acesso em: 24.09./2022.

(1924-1943) Fonte: MARXIST, 2022[57]	Foi assassinado em 1943, por membros do próprio partido (GELEDÉS, 2020)[58].

Fonte: Elaboração Própria, 2023.

Maria Odília Teixeira tem 29 (vinte e nove) anos, nascida e criada em Santo Amaro da Purificação na Bahia. Cotista, é formada em Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS) e em Medicina, como diz '*ela é Recôncavo Raiz'*. É a primeira da família a ingressar no ensino superior na qual sua formação durou aproximadamente 10 (dez) anos. É formada em Técnica em Eletromecânica pelo Centro de Educação Federal Tecnológica, atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Santo Amaro.

Carmem Pereira tem 27 (vinte e sete) anos, nascida na Guiné-Bissau e cresceu no Sector Autónomo de Bissau, capital do país. Sua família possui tradição universitária, tendo formações na agronomia, relações internacionais e na administração pública, e isso teve uma importância muito grande nas suas escolhas educacionais. É formada em Enfermagem pela UNILAB, atualmente é Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina, em Santa Catarina e pesquisadora na área de tecnologia e avaliação de condição Pré-Diabética.

Virgínia Bicudo é uma mulher negra, tem 25 (vinte e cinco) anos, nascida e criada

[57] Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/cabral/index.htm. Acesso em: 24.09.2022.
[58] Disponível em: https://www.geledes.org.br/amilcar-cabral-ideologo-e-pedagogo-da-revolucao/. Acesso em: 24.09.2022.

em Cruz das Almas na Bahia, é formada pelo Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS) e em Psicologia pela UFRB. Atualmente atua como psicóloga no município de Camaçari, Bahia. Sua permanência material e simbólica na universidade foi marcada também pelo seu tratamento de câncer, portadora de leucemia em sua narrativa evidencia os atravessamentos da doença em suas caminhadas na graduação. '*Eu passei por uma situação complexa, foram dois cânceres e um transplante de medula que eu precisei fazer durante o meu curso'.* Ao longo dos 6 (seis) anos de curso, Virgínia Bicudo enfrentou 4 (quatro) anos de tratamento.

Adja Satú Camara tem 26 (vinte e seis) anos, nasceu em Bula, uma cidade do interior da Guiné-Bissau, filha de um professor da educação básica, tem 6 (seis) irmãos e além dela há uma irmã que possui formação universitária. É formada em Enfermagem pela UNILAB desde 2021 e atualmente mora em Londrina, Paraná.

Neusa Santos Souza nasceu e cresceu em Cruz das Almas, na Bahia, tem 26 (vinte e seis) anos, é formada pelo Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS) e em Psicologia pela UFRB. Nascida em São Paulo, mora há 15 (quinze) anos em Cruz das Almas já que seus familiares são residentes desta cidade. Ela é professora de educação socioemocional em uma escola particular de Cruz das Almas, além de estar atuando numa clínica com abordagem cognitiva comportamental.

Amílcar Cabral tem 27 (vinte e sete) anos, nasceu e cresceu no Sector Autónomo de Bissau, vive há 7 anos no Brasil, é a primeira pessoa da família a ingressar no ensino superior. É formado em enfermagem pela UNILAB, especialista em gestão hospitalar, especialista em urgência e emergência, e atualmente faz mestrado pelo programa de pós-graduação de educação e saúde na infância e adolescência na Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP, é pesquisador sobre a violência na população transgênero e transexual. Também atua como professor de enfermagem.

3.3.1 Estratégias e motivações para o ingresso na UFRB e UNILAB.

Para fundamentar esta pesquisa destaca-se "Reafirmando Direitos: Trajetórias de Cotistas Negros (as) no Ensino Superior Brasileiro" (JESUS, 2019), na qual traz um panorama dos impactos das ações afirmativas no Ensino Superior Brasileiro através da apresentação de dados quantitativos originários do Censo da Educação Superior de 2009 a 2016 e a análise de entrevistas sobre as trajetórias de cotistas do Brasil, versando dimensões como família, trajetórias escolares, sociabilidades, mundo do trabalho,

participação política, comunidade e continuidade acadêmica (JESUS, 2019, p. 25).

Desta forma compreendemos que as caminhadas negras para o ingresso no ensino superior são atravessadas pelas contribuições da educação escolar, familiar e comunitária. A escola, a família, amigos e demais redes comunitárias possuem participações decisivas nas escolhas das sujeitas da pesquisa. A princípio, Maria Odília Teixeira evidencia que a sua vida foi transformada antes de ingressar no curso de Medicina. Em 2008 ela entra para o Centro de Educação Federal e Tecnológica - CEFET[59], atual IFBA, e é nesta instituição que ela consegue compreender a importância da educação em sua vida. Ao contar a sua história na Medicina, ela deixa evidente que tudo começa ainda na educação profissional e tecnológica.

> *A educação pra mim foi a via de transformação social, pra mim a única e mais importante, seja ela educação formal ou não, mas a educação é a única via de transformação social, eu fui estudante de escola pública a maior parte da minha vida. Estudei em escola particular mas foram poucos anos, mas no ensino fundamental, na verdade até a quarta série, em alguns momentos eu estudei em escola particular. A partir da quinta série em diante foi sempre escola pública, sou fruto do processo de expansão da educação, não só da educação superior, mas da educação técnica também, então meu ensino médio eu estudei no antigo CEFET que agora é o IFBA, participei do processo de transformação do CEFET para o IFBA, que foi assim o grande elemento transformador da minha vida, não só da minha vida acadêmica. Mas também pessoal né, da minha compreensão de mundo, da compreensão da importância da educação na minha vida, a formação dos meus vínculos maiores, dos meus amigos, da minha melhor amiga ela vem comigo desde o IFBA., CEFET, e amizades, amigos, afetos e laços pra mim são elementos basilares para a transformação individual e coletivo e a educação pra mim está neste lugar então tudo começou lá no CEFET, no ensino médio* [...] (Maria Odília Teixeira).

Virgínia Leone Bicudo e Maria Odília Teixeira são mulheres negras, primeiras do núcleo familiar[60] a ingressarem no ensino superior. Naturais do Recôncavo da Bahia são jovens formadas nos cursos de saúde, como descrito pelas mesmas. Atuam nas suas respectivas áreas de formação na região metropolitana de Salvador e no interior do estado. No caso da Neusa Santos Souza, ela pontua que sua irmã já havia ingressado na universidade, e que ela possui outros familiares com graduações e estas presenças foram

[59] O Centro de Educação Federal e Tecnológica – CEFET se constitui como uma rede federal de ensino médio, técnico e superior, vinculada ao Ministério da Educação, em 2008 com a Lei 11.892/2008 a rede de institutos foram convertidos em rede de institutos federais de educação, ciência e tecnologia (IF). Atualmente apenas o CEFET Minas Gerais e o CEFET Rio de Janeiro possuem a mesma configuração.

[60] O núcleo familiar neste trabalho é entendido como as pessoas que vivem no mesmo espaço de moradia, renda e que possuem relações em um contexto familiar.

importantes para que ela pudesse prosseguir com o sonho de ser psicóloga:

> *[...] a minha família é formada majoritariamente por pessoas negras, e eu percebo que existe um diferencial muito grande, porque quando eu entrei na universidade muitas pessoas negras falavam que eram a primeira pessoa da família, a conseguir ingressar na universidade, então isso pra mim, porque eu vivia numa bolha e não sabia, meus tios, muitos já têm graduação, outros tem pós-graduações. Uma realidade que é um pouco destoante, pelo que eu vejo o meu caminhar para o mundo acadêmico, a minha vontade de entrar na universidade vem muito da minha família, porque a gente sabe que o ensino público ele não incentiva esse olhar para além da formação, não tem esse diálogo universitário, de apresentar os cursos, de ensinar mesmo, como que pesquisa, não, todo esse conhecimento, essas habilidades, até técnico, gira em busca de conhecimento, de como acessar, eu vejo muito que foi por causa da minha formação familiar, e realmente 99% da minha vontade de entrar na universidade foi por causa da minha família* (Neusa Santos Souza).

À exemplo da família de Neusa Santos Souza que foi essencial para a continuidade de seus estudos, Carmem Pereira informa que as suas irmãs, também graduadas, foram importantes para que ela pudesse escolher fazer o curso de enfermagem. Nascida e criada na capital da Guiné-Bissau, ela revela que na Guiné não há universidades públicas e gratuitas, e por isso as famílias com condições financeiras enviam seus filhos para estudarem em outros países. No seu caso, apesar de ter uma família que a incentiva-se nos estudos, não havia a possibilidade de pagar uma graduação e por isso ela escolheu realizar o processo seletivo da UNILAB:

> *Na Guiné, as pessoas costumam sair para estudar fora por conta da universidade, porque não existe Universidade Pública, tem uma universidade do estado e do governo, mesmo assim paga e as pessoas que têm condição no país de mandar seus filhos para estudar fora, sempre mandam. Então minhas irmãs mais velhas já estudaram, uma na Rússia outra em Marrocos, pode ser países da África também com condições melhores de universidade, então a gente sai para o exterior para estudar, então se tem oportunidade de estudar a Rússia, Marrocos, Senegal, Portugal, então eu também terminei o ensino médio e eu ia para Portugal mas foi no mesmo período que abriu o vestibular para a UNILAB, fiquei sabendo, a amiga da minha irmã que trabalha na embaixada do Brasil, ao lado da embaixada tem um centro cultural do Brasil.* ***Então minha irmã ficou sabendo, ela me avisou sobre ser uma universidade pública, federal, em vez de pagar uma universidade em Lisboa, é melhor vim pra cá, então eu vim fazer o teste, nosso teste não é como o ENEM, são de algumas disciplinas, eu fiz e passei****, então lá costuma ser normal as pessoas estudarem fora, e eu também pude estudar em um colégio brasileiro das missionárias, estudei em colégio adventista, estudei em colégios evangélicos e eu tinha contado com os*

> *missionários brasileiros, então acabei vindo* (Carmem Pereira, grifos nossos).

Tendo sido incentivada por seu pai que é professor da educação básica a realizar o ensino superior, Adja Satú salienta a importância do processo seletivo de ingresso da UNILAB para os jovens oriundos das camadas populares da Guiné-Bissau:

> *[...] o processo seletivo da UNILAB é muito concorrido que nem o Enem aqui, quando eu fiz o teste, 4 escolas de ensino médio foram fechadas para as pessoas fazerem prova, só pra você ter uma ideia, foram vários pavilhões, uma escola no mínimo tinha 32 salas, as pessoas fizeram de manhã, eu fiz pela tarde, era dividido pelos turnos, foram tantas pessoas que eu falei "acho que eu não vou conseguir, tem tanta gente", mas aí dá aquele desânimo, inclusive o menino me falou né "você conseguiu", então eu falei "Não, você tá brincando comigo", não que eu não acreditava que iria conseguir, mas era bem concorrido, e eu achei que não teria muita chance, aí eu vim pra cá* (Adja Satú).

Amílcar Cabral gostaria de ser médico neurocirurgião, contudo em virtude das suas condições financeiras e educacionais escolheu realizar enfermagem numa instituição de ensino privado, até que após dois semestres ele realizou o processo seletivo da UNILAB e foi contemplado. Então faz 7 anos que ele está no Brasil e também destaca a importância de ter realizado o processo seletivo e vindo para o país:

> *[...] eu entendi que a UNILAB tem mais a oferecer em termos de formação em relação a faculdade que eu estava estudando. Eu decidi cancelar lá e vim pra cá estudar, quando cheguei aqui também eu me surpreso com relação a formação na UNILAB, uma formação que queria e isso me motivou vim para o Brasil, lá no meu país eu deixei minha mãe, meu pai e meus irmãos, agora estou morando aqui com minha irmã e meu sobrinho porque o marido dela tá aqui. Da minha família eu sou a primeira pessoa a ingressar no Ensino Superior* (Amílcar Cabral).

Carmem também pontua que apesar de suas irmãs terem realizado suas graduações em Portugal e na Rússia, sua mãe ficou muito preocupada com a sua decisão de vir para o Brasil, ela diz que havia um estereótipo sobre a segurança e criminalidade em relação ao país. Contudo, ela informa que decidiu enfrentar essas questões sobre o país, e desta forma ela conseguiu perceber a UNILAB como "*a universidade mais preta do brasil, minha casa*". Neste sentido, Carmem revela que acredita que a UNILAB foi uma boa escolha porque o ensino da instituição é voltado para os estudos afro diaspóricos em uma formação progressista.

> *Como eu falei né, quando a família tem condição eles mandam pra estudar fora né, por conta da universidade e tudo mais, a UNILAB, antes de vim pra UNILAB, eu não tinha noção, eu não sabia do projeto da UNILAB, eu não sabia, eu só tava naquela época de terminar o ensino médio, só era Lisboa na minha frente e eu vi depois disse que era federal e pública então eu falei "não, eu prefiro". Eu não gosto muito do ensino de lá, o ensino de lá é mais monótono,* ***a federal daqui o ensino é mais progressista, as epistemologias são diferentes, lá na UNILAB é muito bom, a o estudo de lá é voltado pra o afro, não é aquela coisa de estudar os ocidentais, eles estudam, mas eles estudam muito mais a perspectiva decolonial. Todo mundo que sai de lá da pedagogia fica em choque porque o referencial tudo muda muito, as vezes eles têm dificuldades fora porque o ensino da UNILAB é mais voltado pra história do povo preto, tanto em diáspora, tanto lá na África, então foi muito bom poder participar disso tudo também*** (Carmem Pereira, grifos nossos).

Carmem Pereira também chama atenção para a Cooperação Sul-Sul que, como já salientado neste capítulo, foi uma importante decisão do Governo Lula para a expansão e interiorização do ensino superior, através da internacionalização. Na sua análise, a UNILAB é um projeto político que todos ganham:

> *Eu escolhi a universidade assim, por saber que é federal e por saber que é gratuita, de qualidade e gratuita, quando eu cheguei na universidade que eu cheguei a conhecer o projeto que é a UNILAB, então quando eu cheguei na UNILAB, que é um dos projetos da Cooperação Sul- Sul, eu considero que é dos projetos que mais os dois lados ganham, porque há cooperação ainda mais a relação com os países da África que existe mais a exploração, então assim, a UNILAB, a perspectiva dela é mais inclusiva, e realmente dando frutos, a UNILAB é uma Universidade da Integração Internacional da Lusofonia e foi um das últimas universidades que o Ex-Presidente Lula fez, e ela é especial para países de língua portuguesa, lusófonas, e tem também a UNILA, mas que é em especial lusófona, de África, e lá na África temos cinco países que falam português que também a UNILAB enquadra esses cinco países e o Timor Leste que há dez, quinze anos entraram por ter a língua portuguesa, só não tem portugueses ali, mas de resto todo mundo está lá. Então eu cheguei a ver o projeto e a importância do projeto UNILAB tanto para reparação histórica, tanto para o projeto atual do Sul Global e eu me senti bem porque tinham tanto pessoas que Guiné, e tinha também outros grupos conterrâneos africanos, tinha angolanos, moçambicanos, são tomenses, eram muitos, a universidade mais preta do brasil, minha casa* (Carmem Pereira).

Para Carmem Pereira, Amílcar Cabral e Adja Satú Camara o ingresso na UNILAB foi uma oportunidade da tão sonhada formação superior, que mesmo com todas as incertezas em relação a vinda para o Brasil, decidiram embarcar nesta travessia,

atravessando nas suas narrativas a contribuição das Políticas de Ações Afirmativas.

No caso de Maria Odília, Virgínia Leone Bicudo e Neusa Santos, a escolha pela UFRB tem fatores que atravessam a interiorização do ensino superior, condições financeiras e a presença dos cursos de saúde sonhados por elas. Maria Odília Teixeira informa através das suas memórias sobre seu avô, incentivos sua mãe e a educação proporcionada pelo CEFET, escolhe a UFRB em 2012:

> *[...] eu sou técnica em eletromecânica e tendo acesso a uma educação qualificada no ensino médio através de uma escola federal eu pude abrir os horizontes inclusive para conhecer a UFRB, eu já conhecia a universidade, eu tinha uma prima que ela era vestibulanda, e na minha época não era todo ano, era a prima que tinha mais condições assim, que estudou em escola particular e ela era vestibulanda de medicina inclusive, e ela tentou vários vestibulares então eu conheci o vestibular desse lugar, eu morei com essa prima a um tempo, então eu vivia essa realidade de conhecer o vestibular, até então era UFBA e UEFS, no CEFET eu conheci a UFRB e no CEFET também eu conheci o BI em saúde e foi ai que abriu os meus horizontes pra fazer medicina, eu já falava isso, "**eu quero fazer medicina, eu quero fazer medicina", eu sempre fui atravessada por olhares desacreditados, "mas como você quer fazer medicina, você não quer fazer outra coisa", e eu acho que foi a educação que permitiu galgar estes caminhos, além disso além da educação formal na minha casa a educação sempre foi muito presente, meu avô que eu conheci muito pouco passava isso para os filhos**, tanto é que a grande herança que a minha mãe trata como herança é uma estantizinha que minha mãe trata como uma mini biblioteca, então eu via o zelo de minha mãe por aqueles livros, eu me debruçava nas enciclopédias, **então eu acho que foram essas coisas que foram alimentando e construindo os caminhos para que hoje eu conseguisse dizer que sou uma mulher medica*** (Maria Odília Teixeira, grifos nossos).

Virgínia Bicudo discute que as dificuldades financeiras da sua família e a proximidade de casa foram fatores que determinaram a escolha pela UFRB:

> [...] *na hora de me inscrever eu falei "-vou tentar", coloquei a primeira opção a UFRB, e a segunda opção a UFBA, e o que for, o curso seria sabe, **e minha mãe falou "porque não estar perto?, se há a possibilidade de estar perto, porque não coloca uma que é 40 minutinhos da cidade, "nustante", e qualquer coisa a gente vai lá", e foi a melhor coisa que eu fiz porque eu não ia saber nem como eu ia fazer com o tratamento, porque eu pude ver eles próximos de mim né, não me sentir sozinha em nenhum momento**, então foi por conta desse motivo né, que eu coloquei a UFRB né, e acabei passando de primeira, acabei passando também no meio do ano em 2015.2, e aí foi a maior felicidade da vida, eu acho que a UFRB tem esse poder de acolher pelo ambiente que dá grandeza para isso* (Virgínia Bicudo) (grifos nossos).

Ainda durante o último ano do Ensino Médio, Neusa Santos Souza realizou um cursinho preparatório para o ENEM e ao sair da escola ingressou no curso técnico subsequente. Embora revele que a UFRB não tenha sido sua primeira opção, visto que acreditava que o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS) seria um empecilho em sua formação, ao passar no curso, resolveu cursar:

> *Na verdade eu queria UEFS, eu escolhi a UFRB porque foi primeiro que eu passei, tentei fazer a prova da UEFS, só que a prova da UEFS é muito dificil, muito dificil, como o cursinho não é muito voltado pra UEFS, e também tem aquela questão que você tem que estudar em casa, e o terceiro ano foi bem puxado, porque eu fazia cursinho à noite, ia pro colégio, e tinha bastante demanda no colégio, e teve um período que eu tava fazendo curso de inglês a noite aqui na UFRB de Cruz, acabou que eu não tava com tanto tempo assim, e não consegui a UEFS, ai eu tentei o enem e o mais próximo aqui era a UFRB, e aí eu fui pra UFRB. Eu não queria ir pra UFRB porque tem o BIS, o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, porque querendo ou não você fica mais um ano na graduação, então pra mim não era interessante, eu queria começar logo na psicologia, mas como eu passei e era obrigatório fazer, eu peguei e fui, porque na verdade antes de ir pra psicologia [...]* (Neusa Santos Souza).

É possível notar que mesmo que as trajetórias até o ingresso ao ensino superior sejam distintas, as narrativas apresentadas pelas sujeitas da pesquisa também revelam que a entrada no ensino superior independente da tradição familiar universitária, foi um projeto acolhido coletivamente pela família. Para as famílias sem tradição universitária, a entrada de suas filhas e filhos na universidade tem um fator de ruptura da lógica de múltiplos empecilhos para longevidade escolar, isto é, suas filhas e filhos ao ingressarem no ensino superior criam possibilidades para que demais familiares possam sonhar e ingressar na universidade.

3.3.2 As percepções sobre Políticas Públicas de Ações Afirmativas no Ensino Superior Brasileiro.

A escolha pelas cotas étnico-raciais segundo Neusa Santos Souza foi uma forma da população negra pudesse ocupar o espaço universitário, além disso ela salienta que a sua formação escolar foi precarizada e por isso as cotas foram uma oportunidade para a sua vida.

> *Eu entrei pelas cotas, porque eu sempre estudei em escola pública, estudei em escola particular até a quarta série, que hoje em dia é o quinto ano, mas desde o sexto ano até o terceiro ano eu estudei no ensino público e por isso eu não concorri pela ampla concorrência, porque realmente um ensino muito precarizado que me afetou muito, porque eu queria muito concluir o curso, será que eu ia conseguir? Porque eu percebia conhecendo pessoas ao meu redor que eram da mesma série que eu e tinham outros conteúdos bem mais avançados que eu não tinha visto, eu até fiz um cursinho no terceiro ano, particular, meus pais pagaram um cursinho pra eu ter mais conhecimentos, mais chances de passar, mas foi bem desafiador* (Neusa Santos Souza).

Virgínia Bicudo chama atenção em relação a ocupação das vagas reservadas a cotistas por pessoas não-negras e como isso implica na permanência na universidade. Ela diz que mesmo que as políticas de ações afirmativas sejam importantes para o enegrecimento das universidades, é preciso ponderar e pensar na importância das bancas de heteroidentificação, ela não concebe o fato de segundo sua análise pessoas não-negras conseguirem ingressar pelas cotas étnico-raciais *"se tem a suposta banca pra poder fazer a avaliação, mas as pessoas passam"*. Além disso, Virginia explana a sua crítica a gestão governamental federal já que houve constantes cortes orçamentários na educação nos últimos 4 anos[61], que impactaram diretamente a permanência material dos estudantes beneficiados pelo Programa de Assistência Estudantil, PIBID, PET, PIBIC, demais programas que forneçam bolsas de ensino, pesquisa e extensão, além dos reflexos estruturais na universidade:

> *[...] a gente tem no atual governo, a educação e a saúde, mas a educação especificamente, como algo que é gasto, e a educação não deveria ser gasto, deveria ser investimento, com esse corte de verbas a gente não consegue oferecer uma política de permanência para o estudante, então eu acho que precisa um pouco mais desse investimento mesmo nesta questão, porque não adianta oferecer várias vagas de um curso e a política de permanência não existir e o estudante não vai poder cursar, principalmente o estudante da pública, então eu acho que eles deveriam pautar mesmo como prioridade, na hora de se inscrever, de perguntar esta questão social, de como é para o estudante e tudo e não simplesmente ter a matrícula e fim, e acabou sabe, eu acho que devia ter mais atenção sabe para os estudantes. Eu realmente nunca pensei, nessa questão das políticas afirmativas, de como seria o ideal, mas eu sei que existe a possibilidade de ter algo que se aproxime do ideal que a gente não consiga avançar tão cedo, tão logo, mas eu acho que seria interessante a gente busca sempre se aproximar desse ideal* (Virgínia Bicudo).

[61] O destaque para os cortes no orçamento universitário se refere às gestões federais dos anos de 2016 a 2022.

Considerando que Virgínia Bicudo ingressou em 2016, sua formação foi acompanhada pelos efeitos diretos do desmonte da educação superior pelo atual governo, diferindo de Maria Odília Teixeira que ingressou na universidade durante o Governo da Presidenta Dilma Rousseff em 2012. Esse fato é considerado pela sujeita ao dialogar sobre as Políticas Públicas de Ações Afirmativas:

> *Na época que entrei na UFRB, a gente vivia os lucros da educação, a gente vivia uma época de investimento muito maior, isso é outra coisa também que me fez permanecer, que me fez ir porque essa pessoa que eu conhecia ela falava da possibilidade de bolsas, da residência, da moradia estudantil, e de outras bolsas, quando a UFRB tinha um investimento adequado a gente tinha uma cobertura de bolsas fundamental, assim absurdo, 80% dos estudantes em situação de vulnerabilidade eram cobertos por bolsas e isso pra mim e estatisticamente inclusive é fundamental para que a UFRB seja uma universidade enegrecida, a possibilidade dessas pessoas negras, de baixa renda permanecer na universidade, além disso no imaginário social essa representatividade que a UFRB trás de discutir muito questão racial, de ter um corpo docente muito mais enegrecido do que a maioria das universidades públicas do país, apesar de não conhecer a realidade da UNILAB, mas a realidade das universidades que eu conheço a UFRB é a que tem o corpo docente mais representativo do ponto de vista de negritude* (Maria Odília Teixeira).

Carmem Pereira salienta as suas percepções sobre as Políticas Públicas de Ações Afirmativas através da própria história do seu país. Enquanto uma mulher africana, ela compreende que o Brasil tem uma dívida histórica com seu povo. Enquanto cotista na Pós-Graduação, ela aponta a importância da manutenção das Cotas Étnico-Raciais no Ensino Superior Brasileiro, bem como reitera que já existiu cotas para pessoas brancas no Brasil, com a chamado Lei do Boi[62], que conferia reserva de vagas em instituições de ensino superior para os herdeiros de fazendas e do agronegócio:

> *[...]* ***um pouco de história já nos diz que aqui no já houve Lei de Cotas, Cotas de Gado, então cotas para o pessoal do Sul, do fazendeiro lá em 1900 e bolinhas, então essas cotas nos incluem, o povo preto, ela é muito importante, eu no mestrado entrei pelo sistema de cotas, porque eu acho muito importante, e se a gente não utilizar, a gente pode correr o risco de perder porque para conseguir, foi uma luta, foi preciso pessoas lutarem para isso acontecer, não é porque a gente não tem a capacidade de entrar na universidade, mas são as***

[62] A Lei do Boi é a Lei Federal nº 5.465 de 3 de julho de 1968, na qual como mencionado no texto dispunha de reserva de vagas de 50% para agricultores e seus filhos que residiam na zona rural no ensino público federal. Proposta durante o Governo de Costa e Silva, foi a primeira política de cotas implementada nas universidades brasileiras, que atendia fazendeiros e seus filhos. Contudo, a lei foi revogada em 1985. Para mais informações: https://www.geledes.org.br/lei-de-cotas-desinformacao-e-o-paralelo-historico/.

> ***oportunidades que foram nos negadas e também se a gente for voltar 400 anos atrás. A gente não pode se comparar com um povo que já tinha a casa deles, os avós já tinham casas, já tinham trabalho, há 4 gerações deles já ganhavam o dinheiro deles, e nós não, isso tanto pra nós africanos na Africa também por causa da colonização também, tanto os pretos na diáspora, que no processo de colonização foram trazidos para cá, e todo aquele processo de escravidão, então olhando pra aquele contexto a importância das cotas nas nossas vidas pretas, diasporicos ou não, porque também tem política nesse Sul Global que também inclui, tem as cotas nos PPGs, então olhando pra isso é muito importante né, eu sempre recomendo para as pessoas utilizem cotas, se tiver cotas, utilizem cotas.***
> *Porque assim tem tanto discurso contra as cotas, que muitas vezes acabam se sentido inferior, achando que não "eu posso entrar aqui", eu já vi meus colegas que juraram que poderiam entrar na universidade sem cotas, sim, entraram em primeiro lugar, mas eu já vi também pessoas que foram quase excluídas do processo porque não entraram pelas cotas. Eu sempre digo que quando tem cota entrar pela cota, porque cota é nosso direito, não é pedido de esmola, não é nada, porque em 1900 e bolinhas atrás teve cotas pro povo da agricultura e hoje ele estão como os maiores produtores da agropecuária porque tiveram essa ajuda lá atrás, e o povo preto bem recentemente que a gente tá conquistando, então é isso, é lutar pela permanência dessas políticas* (Carmem Pereira, grifos nossos).

Amílcar Cabral entende que as Políticas Públicas de Ações Afirmativas no Ensino Superior Brasileiro são imprescindíveis para a reparação histórica do país. Ele salienta que:

> *Falando nessas políticas afirmativas eu acho de grande importância, eu acompanho alguns debates, o Brasil desde os primórdios é racista, o Brasil é racista de natureza, fato que não era pra ter acontecido porque o Brasil na sua construção é na base de estrangeiros, é na base das pessoas que foram forçadamente vindas dos seus países, servindo de mão de obra para o Brasil, o Brasil foi construído com base na mão de obra da população preta, ela foi escravizada, eu penso que devia ter menos preconceito e racismo no Brasil, mas pelo visto não é* (Amílcar Cabral).

Além disso disso, ele evidencia as desigualdades sociais que impactam nas desigualdades de oportunidade na educação brasileira e o acesso ao cursos de prestígio social:

> ***Se você vê na história os cursos de enfermagem, medicina e direito, são cursos elitizados no Brasil só os filhos de pessoas ricas que conseguem estudar, mesmo sendo em universidade pública que era pra todo mundo, os filhos de pessoas ricas que estudam lá, porque eles estudam lá? Porque o ensino brasileiro de base não é muito sólido****, o que é sólido são as universidades, começando do ensino fundamental, ensino médio é fraca a participação, é fraco o*

> *investimento, as pessoas que são ricos, são as que estudam nas escolas privadas, tendo maior índice de aprendizado, então quando vão fazer o ENEM já tem visto maior conteúdo, mais matérias, de forma mais adequada e acabam ficando com a vaga em cursos de elites, e os pobres acabam ficando com outros cursos, então essas políticas afirmativas já permitiu que pessoas pobres possam estar nas universidade* (Amílcar Cabral).

Da mesma forma que Neusa Santos Souza chama atenção para os problemas de sua formação na educação básica, Amílcar Cabral também evidencia que a formação educacional brasileira possui muitos problemas vinculados às desigualdades sociais, por isso que as Políticas Públicas de Ações Afirmativas.

Portanto, de um modo geral, as percepções das sujeitas da pesquisa sobre Políticas de Ação Afirmativas reforçam a importância destas políticas públicas para as trajetórias negras. Passados 10 (dez) anos da promulgação da Lei de Cotas e 20 (vinte) das primeiras iniciativas de reserva de vagas, como já salientado nesta dissertação, é possível identificar através de estudos na área, que o perfil estudantil universitário se modificou, bem como, as percepções sobre as Cotas. O amplo avanço das Políticas Públicas de Ações Afirmativas e o aumento expressivo de formaturas negras no ensino superior demonstram que ações e práticas reparatórias são caminhos para as transformações sociais.

3.3.3 A Interiorização do Ensino Superior e as experiências com a UFRB e a UNILAB.

Para aqueles jovens estudantes moradores de cidades do interior, a ida para a capital pode ser dificultada pelas questões financeiras, familiares, culturais, emocionais e psicológicas. As entrevistadas egressas da UFRB revelam que mesmo que saibam que Salvador e demais regiões metropolitanas do estado possuem universidades e faculdades com boas qualificações, as vivências no interior se diferem da realidade da capital, e por isso que ter universidades nos territórios interioranos, se estabelece como boas oportunidades para aquelas pessoas que não possuem condições para uma mudança territorial. Desta forma, Virginia Bicudo, Maria Odília e Neusa Santos Souza discutem suas percepções sobre a interiorização em suas trajetórias:

> *E por ser um lugar perto de Santo Antônio de Jesus e Cruz das Almas, por isso eu valorizo tanto a interiorização das universidades, porque a gente pode ter a rede de apoio maior, imagine uma pessoa que sai do*

> *interior e vem morar em uma cidade grande, tipo salvador, sem condições financeiras e sem auxílio permanência da universidade, como fica? Lá eu tive essa ajuda porque minha mãe poderia me mandar toda semana potes de comida, de carne, então assim, facilitava muito a vida, e principalmente por causa da minha questão de doença. Então sempre que eu não conseguia ir pra aula direito por causa da quimioterapia e tudo, minha mãe ia tá lá, ia tá comigo, se eu tivesse morando em outro lugar, em uma cidade grande, ia ficar difícil, porque ela trabalha, e pra ajudar minhas irmãs é um pouco mais difícil porque elas moram outro estado, e aí o que pode ajudar mesmo é mandando dinheiro, não tem como mandar comida, facilitar, então fica uma situação mais complicada. Então por isso que valorizo tanto a interiorização da universidade, é muito legal neste sentido, é um quilombo mesmo que forma dentro da família pra poder fazer com que permaneça [...]* (Virgínia Bicudo).

> *As possibilidades, elas estavam na UFRB, então quando eu fui pra lá existia alguém que conhecia alguém que estudava na UFRB, pontes foram sendo criadas, por isso também que eu falo muito de afeto e amizades, porque foram isso que construíram as pontes pra que eu conseguisse chegar até a UFRB, e por ser no interior, e a interiorização ela é fundamental pensando nisso,* ***por ser no interior me facilitava, eu não conhecia Santo Antônio de jesus, inclusive é muito mais distante do que salvador, eu só conhecia uma pessoa em Santo Antônio de jesus, mas sobreviver no interior é muito mais fácil do que sobreviver na capital****. Então a UFRB veio por isso, eu não conhecia ainda o projeto da universidade, a UFRB me escolheu no início e eu escolhi a UFRB* (Maria Odília Teixeira) (grifos nossos).

> ***Eu acho importante porque isso possibilita de fato que pessoas daqui do Recôncavo tenham acesso, é muito mais difícil a gente se deslocar pra ir pra capital, porque a maioria das pessoas que são negras tem um condição social um pouco mais abaixo*** *né, de classe social mais baixa, então não tem como o pais manterem os filhos numa capital, e ainda os filhos irem estudar na capital sem poder trabalhar, então assim é muito mais desafiador, é mais próximo, o gasto acaba sendo menor* [...] (Neusa Santos Souza, grifos nossos).

A interiorização do ensino superior não somente oportunizou com que as pessoas negras e pobres conseguissem acessar os cursos considerados de prestígio social, mas também para aquelas pessoas que possuíam um poder aquisitivo melhor conseguissem realizar a graduação dos sonhos nos interiores, isto é, a classe média baixa e alta entenderam que ter uma universidade no quintal de casa, seria uma oportunidade de manutenção da sua realidade social.

Virgínia Bicudo e Neusa Santos Souza chamam atenção para isto ao discorrer sobre suas vivências na psicologia, demonstrando que para elas o Centro de Ciências da Saúde na UFRB ainda tem um perfil estudantil embranquecido, e um dos fatores condicionantes para isto é a presença de pessoas brancas oriundas de outras regiões,

sobretudo do Sul e Sudeste do Brasil.

> *[...] eu acho que é preciso prestar mais atenção no público que tem na UFRB, a* ***UFRB vende muito esse discurso que é uma universidade negra, a universidade mais negra do brasil, mas se vc chegar lá no campus da saúde, você vai encontrar muita gente branca****, a gente teve a repercussão da primeira turma de medicina a formar, que eram pessoas pretas e ali trouxe muita felicidade, mas se você vai olhar depois as próximas turmas, você fica procurando, quem é a pessoa que usufrui, que teve o direito a cota, porque não tem uma pessoa negra ali, não tem uma pessoa indígena, não tem uma pessoa quilombola, não tem, você só vê gente branca, isso me traz um incômodo maior* (Virgínia Bicudo, grifos nossos).

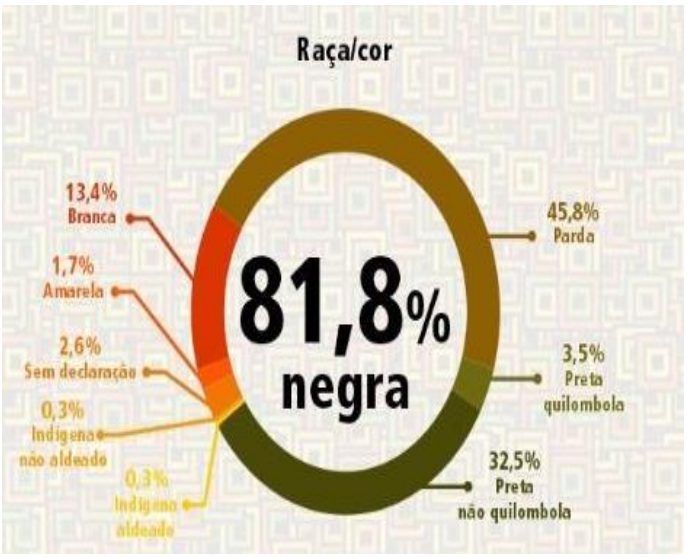
> *[...] eu sempre me senti muito acolhida, mesmo sendo um centro branco, tanto que a maioria das pessoas lá se você for observar tem um poder aquisitivo maior, quando você vai no centro da UFRB de SAJ, você vê carros, carros e carros, todo mundo ficava "o povo de lá é rico", e realmente é, muitos estudantes na época do BIS, muitos estudantes de medicina tem carro, isso é algo comum, você vê que realmente são pessoas que tem um poder aquisitivo maior* [...] (Neusa Santos Souza).

Tendo em vista suas indagações sobre a presença significativa de pessoas brancas nos cursos de saúde da UFRB, o debate sobre as cotas regionais é crescente na universidade de acordo com os relatos apresentados, e as sujeitas da pesquisa apontam como uma alternativa para que as vagas na universidade sejam ocupadas pelos moradores da região do Recôncavo e demais regiões circunvizinhas.

O discurso sobre ser "uma universidade negra" é apresentado pelas sujeitas como uma premissa política evocada dentro da instituição. Em termos documentais, a UFRB apresenta através da Secretaria de Integração, Avaliação e Desenvolvimento Institucional (SIADI/UFRB 2018-2019) apenas o percentual de autodeclarações, na qual 81,8% estudantes são negros[63]. A imagem a seguir integra o infográfico do SEADI:

[63] Essas informações podem ser conferidas também através de infográfico disponibilizado pela UFRB: https://ufrb.edu.br/portal/noticias/6230-ufrb-completa-16-anos-em-2021-confira-infografico-com-numeros-da-instituicao.

Figura 12: Percentual Raça/Cor da UFRB[64]



Fonte: SEADI UFRB, 2021

A primeira turma de medicina mencionada por Virgínia Bicudo foi um marco para a medicina da Bahia, o estado que é berço da medicina no Brasil. Em 2019 tem sua primeira turma de formandos, na qual destes, 41% de futuros profissionais da medicina são autodeclarados negros. Na época da formatura desta turma, a Figura 13 abaixo viralizou nas redes sociais e compôs matérias para a mídia tradicional baiana e dos órgãos vinculados à medicina da Bahia.

[64] Infográfico disponível em\; Disponível em: https://ufrb.edu.br/portal/noticias/6230-ufrb-completa-16-anos-em-2021-confira-infografico-com-numeros-da-instituicao

Figura 13: Estudantes Negras (os) formadas (os) em Medicina em 2019

Reprodução: Correio, 2019[65].

A formação em Medicina, Psicologia e Enfermagem na UFRB é dividida em dois ciclos: o primeiro ciclo corresponde ao Bacharelado Interdisciplinar em Saúde – o BIS e o segundo ciclo através da sua respectiva terminalidade que no caso das sujeitas da pesquisa confere na entrada nos cursos de medicina, psicologia e enfermagem. E deste modo, a formação nas áreas correspondem a 3 anos no BIS e 4 anos nos cursos escolhidos.

De acordo com o Projeto Pedagógico Curricular (PPC) do BIS tem como objetivo geral propor uma formação geral em cultura humanística, artística e científica e que seja articulada com os saberes do campo da saúde, levando em consideração o seu desenvolvimento político, ético e humanístico. Em seus princípios norteadores estão a articulação entre os campos do saber, na qual se valoriza a interdisciplinaridade, a dinâmica do conhecimento que diz respeito ao fomento dos campos da produção científica bem como a dialogicidade e o reconhecimento da diversidade de saberes. Em relação à responsabilidade social e a cidadania o PPC diz que:

> A implantação da UFRB no Recôncavo da Bahia representa, para o estado, a ampliação de IFES e, consequentemente, a interiorização do ensino superior, além da inclusão de segmentos sociais até estão ausentes ou com muito pouca participação nesse nível de ensino. Nesse contexto, essa proposta assume o homem como ser histórico e social, fundado na sua relação de pertencimento no mundo e de interdependência com os fenômenos, sendo capaz de interagir de modo reflexivo, criativo e consciente com a realidade social e natural. Buscar-

[65] Reprodução da fotografia se encontra no seguinte endereço: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/medicina-preta-primeira-turma-de-medicos-da-ufrb-entra-para-a-historia/

> se-á um processo educativo-crítico estimulado pelo espírito de cidadania, de ética, de responsabilidade social e fomentando a capacidade criadora do educando (PPC-BIS, p. 11).

A responsabilidade social e a cidadania proposta pelo BIS se alia ao princípio da flexibilidade curricular visto que o processo de ensino-aprendizagem no curso integra a articulação do ensino, pesquisa e extensão, os conteúdos devem ser compreendidas através do conjunto de atividades desenvolvidas ao longo do curso pelas relações professor-aluno. E por fim, o Projeto Pedagógico Curricular (PPC) apresenta como princípio da diversidade do olhar no campo da saúde:

> O currículo do BIS está estruturado com vistas a contemplar de forma articulada saberes do campo das humanidades, ciência, artes e saúde propiciando aos educando novas vivências relacionadas com aprendizagem voltadas para mundo real, portanto mais abrangentes e culturalmente enriquecedoras, em um nível de complexidade compatível com a educação superior (PPC-BIS, p. 11).

A interiorização do ensino superior no caso da UFRB proporcionou que profissionais de saúde negros conseguissem atuar no território baiano, acessando as comunidades e realidades que fazem partes de suas histórias, como Maria Odília diz sobre a sua atuação como médica *"Tem pessoas que falam da alegria de uma médica negra"*, a sua declaração é permeada pela emoção do seu trabalho, fruto de sonhos e lutas coletivas.

Contudo a relação entre a Universidade e a Comunidade também é apresentada pelas sujeitas da pesquisa como um elemento importante nas suas trajetórias, isso porque a cidade de Santo Antônio de Jesus recebe o Centro de Ciências da Saúde e os estudantes universitários em um contexto municipal de não-tradição universitária na região. E por isso, elas salientam que os conflitos culturais surgem, em virtude do desconhecimento sobre a presença universitária no município. Isto é, embora a universidade seja interiorizada, persiste a dificuldade de aproximação entre a instituição e a comunidade de Santo Antônio de Jesus.

Da mesma forma que pessoalmente experienciei na minha trajetória acadêmica, Neusa Santos Souza também relata a sua insatisfação em relação à disseminação do conhecimento sobre a UFRB, visto que ela acredita que há uma dificuldade de aproximação. Contudo, ela também diz que há tentativas através dos estudantes ao realizarem suas atividades de estágios, seminários, atividades vinculadas a matriz

curricular do Bacharelado Interdisciplinar:

> *[...] a UFRB tá lá já tem uns 15 anos, quando a gente ia pra a escola, para os bairros as pessoas nem sabiam que a UFRB existia, os moradores de Santo Antônio, e acabava que a gente ia nos bairros de pessoas negras, e regiões periféricas, e algumas pessoas que conheciam a UFRB não entrava porque falavam que ali não era o lugar dela [...] Lá em SAJ não, muita gente passa pela frente e diz que nunca entrou, tanto que outros colegas que entraram em alguns bairros, levaram algumas pessoas para a UFRB, as pessoas chegaram a se emocionar* (Neusa Santos Souza).

Sendo uma instituição diferente da UFRB e estando em contextos territoriais também distintos, para Carmem Pereira, Amílcar Cabral e Adja Satú Camara, a interiorização no caso da UNILAB é uma oportunidade de desenvolvimento para a comunidade local e para estudantes estrangeiros é uma possibilidade de cursarem a universidade com custos financeiros menores em relação a Capital, Fortaleza. Nesta perspectiva Carmem Pereira discute que:

> *A interiorização para mim é uma outra coisa boa, tirar as universidades das capitais, porque as capitais costumam ser mais caras também, e aí as pessoas acabam entrando mas não permanecem porque a universidade é pública, é gratuita, mas a permanência na universidade ela custa, então por isso que as ações afirmativas e a assistência estudantil são importantes, porque não basta a pessoa entrar, a pessoa entra, mas depois a permanência vira outra luta, então assim essa interiorização das universidades, como a minha UNILAB também no interior, ela favorece essa permanência dos estudantes, porque o interior costuma ser um local tem um custo de vida mais barato [...]* (Carmem Pereira).

A escolha pela cidade de Redenção como sede da Reitoria da UNILAB também é uma questão levantada por Carmem Pereira ao falar sobre a interiorização. Ela salienta que apesar da importância deste processo, permanecer em Redenção a fez recordar do passado escravocrata do Brasil:

> *[...] a UNILAB eles colocaram no interior na primeira cidade do interior a abolir a escravatura, então é a Redenção, a gente teve não se essa oportunidade ou do que posso chamar de estar nessa cidade, então foi bem pensado, foi a primeira cidade a abolir a escravatura, pensando nessa assim tudo bem, mas é um interior como outros interiores, mas ali toda hora tem traços de senzala e* ***tem um museu da casa grande e senzala que continua lá, então o racismo foi passado de geração para geração e continua lá e hoje virou um museu, assim eu nunca fui visitar, eu nunca entrei, mas as pessoas que entraram***

> ***falavam que era bizarro, tenebroso, falaram que tinha os quartos embaixo do subsolo que era desumano a condição de estar ali. Eu nunca tive coragem de visitar ali****, e hoje também é uma fábrica de cachaça, e logo me parece que é uma mulher, não sei se é a Princesa Isabel, não sei [...]* (Carmem Pereira, grifos nossos).

O relato de Carmem ao se referir ao museu em questão, revela que mesmo que Redenção seja a primeira cidade do Brasil que aboliu a escravidão e que recebe a UNILAB em seu terriório, mantém o Museu Senzala Negro Liberto, na qual mantém a estrutura escravocrata: Casa Grande, Senzala e o Engenho de Açúcar. Neste mesmo território que abriga este simbolo da escravidão no país, se tornando espaço para visitação, também é palco de conflitos entre moradores e estudantes africanos, como destaca Carmem Pereira:

> *[...] mas é uma cidade bem difícil porque o interior tem menos formadas, pessoas com menos educação e isso traz xenofobia, preconceito, racismo, a gente vivenciou tudo isso no interior, então é importante essa interiorização mas também no contexto da UNILAB ela envolve a internacionalização, ela tem essa interiorização mas ela também tem um dos tripés é a internacionalização, além dessa interiorização, ela tem a intercionalização, então as pessoas não eram apenas estudantes brasileiros, eram guineenses, angolanos, moçambicanos, então eram várias coisas e a cidade não foi preparada para isso, o pessoal lá de redenção sabia que ia ter uma universidade, mas na cabeça deles era como qualquer federal do interior, ai depois que eles se deparam que era uma universidade federal e internacional, então tinha outras pessoas, principalmente afro-lusofona também, então isso impactou mais,* ***a cidade era menos desenvolvida, então essa interiorização ela também ajuda no desenvolvimento da cidade, a cidade era um custo de vida em que alugueis eram cem reais antes da universidade, depois que a universidade chegou começou a evoluir, começou a circular dinheiro também, e as pessoas começaram a alugar casas, tiveram mais rendas, aumentando também a qualidade de vida das pessoas que moram na cidade, isso é coisa boa, mas a única parte que a gente fica triste é a parte da xenofobia e do racismo que a gente vê assim todos os dias*** (Carmem Pereira).

É possível notar que apesar das problemáticas relacionadas com a adaptação do corpo estudantil africano em Redenção, a interiorização é compreendida como uma conquista importante para a classe estudantil mais desfavorecida economicamente. Mesmo vindo de espaços territoriais diferentes, as sujeitas da pesquisa afirmam que o ingresso na UFRB e na UNILAB foi a melhor possibilidade de formação que elas poderiam ter.

3.3.4 Sobre as vivências e as permanências no Ensino Superior.

Apresentaremos o conceito de campo social de Pierre Bourdieu (2007) para darmos prosseguimento às discussões sobre a permanência nas trajetórias universitárias. O campo constitui-se como um "espaço" social que possui leis e regras específicas, simultaneamente é relacionado a um espaço social bem mais amplo. Bourdieu exprime que "[...] Compreender a gênese social de campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que os sustenta, do jogo que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram", sendo estas coisas materiais e simbólicas, essenciais para construção de campo (BOURDIEU, 2007, p. 68).

Alain Coulon (2008) na obra "A condição do estudante: a entrada na vida universitária" também nos auxilia na compreensão sobre como a entrada na universidade se trata de uma realização de um projeto:

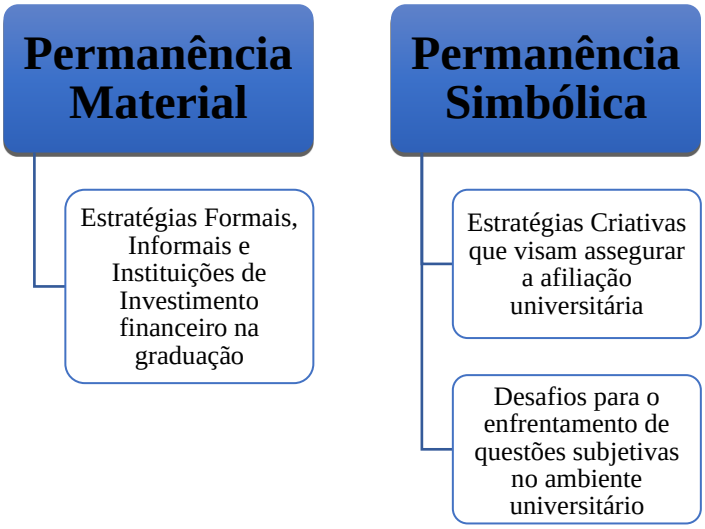
> [...] Começa uma nova vida, entra-se em outro mundo, "em uma nova casa", "uma nova porta se abre". Em vários pontos do diário, transparece uma sede de aprender, estamos finalmente matriculados na universidade, aquilo que sonhamos por tanto tempo, quer venhamos do colégio, ou sejamos trabalhadores por tanto tempo, quer venhamos do colégio, ou sejamos trabalhadores, quer entremos pela primeira vez, ou estejamos de volta, aí está, enfim, a universidade. Qualquer que seja a situação, trata-se sempre da realização de um projeto (COULON, 2008, p. 77).

Portanto, a permanência no projeto universitário é um elemento importante. Isto é, é na permanência que as estratégias de manutenção da vida universitária se manifestam. Nesta pesquisa, a permanência universitária é compreendida como uma Política de Ação Afirmativa muito importante para as trajetórias negras nos cursos de saúde.

Dyane Brito Reis Santos (2009) ao discutir sobre a permanência apresenta as seguintes dimensões: a permanência enquanto duração, que diz respeito à duração do curso de graduação, a simultaneidade da permanência e a pós-permanência na qual se trata das ações e práticas posteriores à formatura nos cursos de graduação. Tais conceituações iremos explorar ao longo das trajetórias.

Em suas pesquisas sobre permanência, Dyane Brito Reis Santos (2009, 2012, 2016, 2020) e José Raimundo de Jesus Santos (2016) irão apresentar duas perspectivas da permanência universitária: a permanência material e simbólica:

Figura 14: Aspectos da Permanência Universitária investigados neste trabalho a partir das concepções de Dyane Brito Reis Santos (2009) e José Raimundo de Jesus Santos (2016).



Fonte: Elaborada pela autora em 2020 mediante as pesquisas de Santos (2009) e Santos (2016) e reproduzida neste trabalho.

Ao ingressarem na universidade, os estudantes se deparam com um mundo novo, uma realidade repleta de códigos, símbolos, representações e comportamentos que não está aparente em qualquer documento institucional da universidade. O habitus acadêmico emerge em elementos desconhecidos para a maioria dos estudantes oriundos de comunidades periféricas, mas que perfazem a cultura universitária. Para permanecer é preciso investir financeiramente e dispor de capitais sociais, educacionais e culturais que possam garantir o letramento acadêmico, por isso que a união de diversos elementos são essenciais para que os estudantes consigam permanecer e finalizar suas graduações.

A permanência simbólica que iremos discutir posteriormente, juntamente com a permanência material na universidade podem ser viabilizadas de diferentes formas. No caso da permanência material, pode ser dimensionada seja pela ajuda financeira da família, trabalhos formais, trabalhos informais e com os auxílios, bolsas vinculadas ao Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), bolsas de iniciação científica e bolsas de outras agências financiadoras. Mesmo que tenham percorrido suas graduações em um contexto de interiorização e promoção de ações afirmativas, as sujeitas da pesquisa oriundas da classe trabalhadora, todas com renda familiar de 1 a 2 salários mínimos, relatam que a permanência material foi um desafio para as suas existência nos cursos de saúde.

O incentivo da família de Virgínia Leone Bicudo também foi importante para que

ela conseguisse trilhar a sua caminhada universitária. A sua entrada na universidade se tornou um projeto familiar, sua mãe que mantinha sozinha financeiramente ela e sua irmã, que posteriormente também ingressou na universidade:

> *Minha família sempre prezou pelo fato de a gente entrar na universidade, porque para eles a gente enquanto mulher preta para ser alguém, a gente precisa pelo menos de um diploma porque se acontecer de chegar alguém e falar alguma coisa, sabe aquela coisa do poder, que me incomoda um pouco porque a gente não precisa disso pra a gente ser alguém, mas enfim,* ***minha família sempre batalhou pra que eu permanecesse na universidade, com todos os percalços, o meu caminho todo tendo várias situações complicadas que nem essa situação de doença, eu permaneci com apoio a família, minha mãe sempre fez o muito, a participação sempre da minha mãe, a minha avó, era a família inteira assim, unida pra poder fazer com que eu permanecesse na universidade, até em Santo Antônio de Jesus, comprava a carne pra eu levar pra Santo Antônio, minha avó me dava dinheiro para eu comprar feijão, arroz, minha mãe ia lá e comprava frutas, verduras, tipo assim, é sempre uma rede bem instigante*** *para que eu estivesse na universidade já que a gente não tinha condições financeiras de manter né, minha mãe sozinha manter, porque dois salários mínimos, eu tenho mais duas irmãs, então ainda era complicado porque essas duas irmãs estudavam ainda na época na escola, então foi complicado, mas assim a base familiar ela é bem unida nesse propósito de universidade, hoje as minhas irmãs estudam fora, uma no Rio Grande do Norte e a outra na Paraíba, e a minha família toda juntou nesse proposito de vamos fazer com que todo mundo ter acesso à educação, então é na família que tem esse apoio, meus tios, todo mundo assim, sempre juntando e mandando e fazendo o que pode. Eu sou a primeira neta de minha avó a ter uma graduação, a primeira neta de parte de pai a ter uma graduação, então a gente vai construindo, hoje mesmo minha tia parte de pai, passou na faculdade agora, ela me mandou até, de psicologia e eu fiquei bem feliz com isso* (Virgínia Bicudo, grifos nossos).

O capital econômico perpassa como parte importante da relação familiar, como um quesito que se torna unificador da origem familiar e as distintas posições socioeconômicas. Inclusive, porque o contexto familiar irá influenciar no desenvolvimento do indivíduo. No espaço social, portanto, o capital cultural e econômico são decisivos na distribuição dos agentes (BOURDIEU, 2007). Então, no caso de estudantes oriundos de camadas populares, como relata Adja Satú além da assistência estudantil, seus familiares foram importantes para a sua permanência na UNILAB:

> *Eu tive ajuda, como meu pai é professor, não é aposentado e está trabalhando, o meu irmão também que está na Fortaleza, mas nem todos têm as mesmas oportunidades, condições de certas pessoas em Guiné não é tão boa assim, na época que a gente renova visto, pagava,*

> *era meu pai que mandava dinheiro, ele não mandava sempre, umas três vezes no ano ele mandava uma certa quantia, dava pra fazer algumas coisas, algumas necessidades pessoas, porque o dinheiro da universidade só dava pra pagar as contas mesmo, não era grandes coisas mas dava pra se manter* (Adja Satú).

O ditado popular "a união faz a força" é representativo para pensarmos a importância da família para o ingresso e a permanência estudantil das sujeitas da pesquisa. Primeiro porque a renda familiar é um quesito que impactará na qualidade da permanência estudantil, isso porque as(os) estudantes que provém de famílias com baixos capitais econômicos, irão sentir dificuldades para permanecer materialmente na universidade. Um segundo aspecto é que mesmo com as dificuldades financeiras, as famílias irão ajudar da forma que podem para suscitar tal permanência universitária. A simultaneidade da permanência é aplicável neste sentido porque a entrada no ensino superior torna-se um fenômeno coletivo, na qual a família e a comunidade que perfaz o círculo social das jovens são existências presentes nas suas trajetória estudantis através do apoio, acolhimento e representatividade, como Dyane Brito Reis Santos (2009, p. 70) salienta:

> Esta dimensão torna-se muito interessante, à medida em que observamos o papel que não só a política de cotas tem para a entrada destes estudantes na universidade, mas também o papel que estes estudantes passam a desempenhar enquanto referência para outros jovens. Ao ingressar na universidade a trajetória deste jovem passa a ser "reconhecida" na sua comunidade familiar ou de moradia como um "caminho possível" e isto influencia positivamente outros jovens a almejarem o ingresso na Universidade. Há aqui uma simultaneidade da permanência, vez que "eu existo no outro" que também ingressou em um curso superior. Nesta dimensão há uma transformação do indivíduo e também no meio social em que ele circula (SANTOS, 2009, p. 70).

Além da família, os Programas de Assistência Estudantil se tornam uma estratégia de permanência material para as estudantes oriundas de camadas populares. Mediante os relatos de Amílcar Cabral, o Auxílio Instalação de assistência estudantil e o restaurante universitário foram essenciais para a sua permanência na universidade:

> *Assim que você chegar na UNILAB você tem bolsa, quando a gente chegou na verdade fomos recebidos na pousada [...] então nos dois meses e pouco a UNILAB nos deu auxílio moradia, para comprar as coisas que são roupeiro, cama, essas coisas, então recebemos isso, alugamos casa e moramos, porque não tem residência estudantil,*

> *estava em construção e até agora não terminou ainda. A nossa turma mais a outra turma foram recebidos na pousada, o resto pra frente, todos chegaram e foram recebidos por um colega lá que já estava lá, mas conosco foi diferente, depois que mudamos pra casa cada mês recebemos um auxílio de 530 reais para você poder manter, pagar aluguel e as contas, e o restaurante universitário almoçávamos lá e jantávamos, o valor era de 1,10 e o Governo Federal pagava o resto. Então foi essa adaptação, eles davam o auxílio, mas atualmente está tendo muita dificuldade com o pessoal que está chegando, por todas essas questões de auxílio, para sustentar as despesas dessas pessoas* (Amílcar Cabral).

Segundo os relatos das sujeitas da pesquisa, com as primeiras turmas que chegaram no Brasil, através do Auxílio Instalação, a UNILAB se responsabilizava com os primeiros meses de moradia. A universidade custeava pousadas e hotéis, além do pagamento de um auxílio inicial para que seus estudantes pudessem realizar o aluguel e compra de móveis e utensílios domésticos. Entretanto, de acordo com tais relatos, atualmente os estudantes africanos não possuem mais essa assistência da instituição.

Ao longo de sua trajetória universitária, Maria Odília Teixeira foi assistida integralmente pelo PPQ, através da residência universitária, e para complementar a sua renda material, ela foi bolsista de iniciação científica durante algum tempo. Após o término da vigência de trabalho vinculado à iniciação científica, ela precisou trabalhar:

> *Eu nunca fui só estudante, eu morava na residência mas a bolsa é muito pouca pra nossa subsistência, pra a gente sobreviver, então eu sempre tive que estar atrás de projetos, atrás de bolsas, de rendas complementares, eu nunca deixei de fazer trabalhos paralelos, então as minhas relações políticas foram importantes, sempre que tinha uma campanha política eu trabalhava, coordenava e era remunerada por isso, fazia uns freelancer também,* ***trabalhei em uma brinquedoteca que foi um inferno, trabalhar com crianças classe média alta de Santo Antônio de jesus, nessa brinquedoteca, peguei piolho inclusive, e eu nunca me senti tão humilhada, naquele espaço, humilhada inclusive por crianças brancas,*** *o que foi mais surreal, e além disso essa necessidade de não poder relaxar para os projetos, felizmente eu fui de um grupo de pesquisa durante muito tempo que comparado com a graduação, eu fiquei na universidade 9 anos e fiquei 3 anos no grupo de pesquisa, comparado com a graduação total é um tempo curto mas foi fundamental para me trazer qualidade de vida, então era o projeto que tinha bolsas melhores, e que além disso academicamente me ajudou muito, do ponto de vista de produção, a gente produziu livros, estatísticas, mas foi muito trabalho, muito trabalho e eu ficava nessa sempre ter que dá o máximo [...]* (Maria Odília Teixeira, grifos nossos).

Em um contexto de enfrentamento da sua doença, Virgínia Bicudo relata as

dificuldades em relação a sua permanência material:

> *Eu fui bolsista em permanência, o PPQ, auxílio alimentação, e pra conseguir essa bolsa custou viu, nossa, porque se dificulta o acesso porque colocam trilhões de informações pra a gente levar e eu não sei se eles param para observar a história de cada estudante porque foi muito difícil conseguir, eu vendia junto com a minha colega lanche na universidade pra poder ter um dinheiro pra poder fazer algumas coisas porque já chegou momentos de eu ir pra UFRB e passar a semana apenas com 5 reais porque era o que eu tinha, porque eu sempre ia em busca de caronas pra poder voltar pra casa, porque eu não podia exigir muito de minha mãe porque ela tinha 2 salários mínimos para sustentar três, na época meu pai não era muito participativo, hoje ele está melhor, mas na época ele não era muito participativo nessa questão da minha universidade, era sempre minha mãe, minha avó, meu avô, o pessoal da família, e aí cada um tem sua vida também, não dá pra você ficar pedindo dinheiro sempre né, então assim, demorou muito, eu tentei bolsa de iniciação cientifica, tentei PET, mas a oferta de bolsa é sempre pouca e cada professor tem direito a um estudante bolsista, e era todo um sistema assim já montado, tipo tem a seleção mas o professor já sabia quem ele ia colocar pra ser bolsista né, isso me incomodava muito sabe, já questionei, já briguei por causa disso, mas assim nada de adiantar, os professores sempre estimulam a gente a ter a voz né, nós estudantes somos parte da universidade, então íamos lutar e eles simplesmente tamparam os ouvidos, fingiam que não estavam ouvindo o que a gente tinha pra dizer, ou então escutava sabe por um e saia pelo outro, então isso incomodava bastante, pra poder conseguir, foram 5 semestres de tentativas e eu acredito que na última tentativa só deu certo porque eu estava em uma situação de doença porque não tem outro motivo para eu ter conseguido [...]* (Virginia Bicudo).

As críticas em relação ao processo seletivo do Programa de Permanência Qualificada também são apresentadas pelas sujeitas da pesquisa, através da insatisfação em relação à comunicação e acesso à informação sobre os auxílios, bolsas e a assistência psicológica. Entretanto, também salientam que o PPQ e a referida Pró-Reitoria são importantes para a suscitar a permanência material e simbólica da comunidade estudantil da UFRB, além de pontuarem que o cenário político e educacional do país durante a gestão governamental federal (2018-2022), foi um fator determinante para os cortes nos auxílios e bolsas da PROPAAE e das demais agências de fomento de ensino, pesquisa e extensão:

> *A UFRB já foi uma universidade que tinha mais essa política afirmativa mais precisa, e depois do governo Bolsonaro, acho que tudo piorou, a verba, tudo diminuiu, a atenção pouca para o estudante. Eu acho que a universidade precisa melhorar muito neste sentido, com políticas de*

> *permanência [...] eu tenho umas críticas a fazer sobre essas questões de permanência, porque a UFRB é uma universidade interiorana muito boa inclusive, porém eu acho que ainda falta muitos recursos de políticas de permanência para estudantes que realmente necessitam, você precisa ver que a PROPAAE vive cortando bolsas, simplesmente corta, eles não avisam, então o estudante não está preparado pra aquilo e aí a gente tem que estar sempre em luta, eu participei do diretório acadêmico da universidade, ia sempre buscando fazer com que eles falem, expliquem porque tinham estudantes que precisam de bolsa mesmo, e eles sem acolher. A UFRB já foi uma universidade que tinha mais essa política afirmativa mais precisa, e depois do governo Bolsonaro, acho que tudo piorou, a verba, tudo diminuiu, a atenção pouca para o estudante. Eu acho que a universidade precisa melhorar muito neste sentido, com políticas de permanência* (Virgínia Bicudo).

Como fomento da permanência material, as sujeitas pesquisa salientam que também ingressaram em projetos de pesquisa e docência. O fato de não conseguir o auxílio do PPQ, fez com que Neusa Santos Souza se candidatasse aos processos seletivos de PIBIC, PET e PIBEX ao longo do curso:

> *A primeira bolsa que eu consegui foi do PIBEX, eu tive no total três bolsas na UFRB durante este processo, aliás 4 bolsas, porque eu fiz parte do PIBIC, do PIBEX e do PET, então sempre que acabava uma bolsa eu corria atrás de outra bolsa, ai a primeira bolsa foi do PIBEX, eu consegui por acaso, a professora falou depois, ela falou que na verdade foi um erro, que a bolsa era de um outro colega, só que acabou que deu um problema na documentação dele porque ele já era do projeto, então ia ser dele, então automaticamente foi eu, foi um acaso, foi uma sorte que eu consegui essa bolsa, e como eu continuei no projeto no semestre seguinte ela perguntou: "você tem interesse em continuar como bolsista?", ai eu disse "tenho", ai a bolsa já foi automaticamente pra mim, então tem suas vantagens e suas desvantagens neste processo, e ai depois eu participei do PET com a bolsa e depois do PIBIC, então praticamente estava sempre conseguindo uma bolsa e meus pais me ajudavam na questão de aluguel de passagem e a bolsa era usada para auxiliar neste processo* (Neusa Santos Souza).

Foi possível notar que apesar das dificuldades em relação a permanência material, as sujeitas da pesquisa persistiram, aliaram forças aos familiares, colegas e amigos, literalmente "correram atrás" de possibilidades que pudessem auxiliar no financiamento econômico de suas presenças na universidade.

3.3.4.1 A Permanência Simbólica nas trajetórias negras egressas dos cursos de saúde.

Se tratando de trajetórias negras as suas narrativas são marcadas pelas mudanças e desafios presentes na vida adulta, ao ingressarem no ensino superior precisam lidar com as mudanças físicas, psicológicas, sociais, educacionais, culturais e com o estranhamento da vida universitária, ressaltando que a maior parte do corpo estudantil negro nas universidades são os primeiros da família a ingressar no ensino superior, e desta forma não dominam previamente os critérios e habilidades para o fomento da formação superior. é preciso dividir as frases e acertar pontuação.

Neste sentido, a permanência simbólica torna-se uma categoria analítica importante para a reflexão sobre as trajetórias negras egressas dos cursos de saúde da UFRB e UNILAB. De acordo com a conceituação de Dyane Brito Reis Santos (2009, p. 159): "Permanecer simbolicamente significa para nós a constância do indivíduo no ensino superior que permita a sua transformação, a partilha com seus pares e o pertencimento ao ambiente universitário [...]".

A permanência simbólica nesta pesquisa é compreendida como as estratégias dispostas para a existência no ambiente universitário, então as vinculações acadêmicas, identitárias, políticas e afetivas criadas durante os percursos universitários compõem uma rede de pertencimento ao curso de graduação e à universidade. Logo, os instrumentos de afiliação como entrada e participação em coletividades acadêmicas, grupos de estudo, pesquisa, extensão, realização de pesquisas científicas, apresentação de trabalho em congressos e simpósios, monitorias em disciplinas, participação em eventos, integração a ações coletivas estudantis e identitárias como os movimentos estudantis e as redes de afetos e acolhimentos compõem o que chamamos de permanência simbólica.

3.3.4.2 O Currículo na Saúde e a formação humanística do BIS-UFRB.

A diversidade do olhar no campo da saúde como disposto pelo Projeto Político Pedagógico dos cursos de saúde é elemento que aparece nas entrevistas das sujeitas da pesquisa como uma vertente positiva na formação dos profissionais de saúde do território do Recôncavo e demais regiões da Bahia:

> *Estar na universidade significa a representatividade, a possibilidade de fato ter acesso ao que é nosso, pela questão da desigualdade, da questão racial, que coloca a gente no lugar do não-lugar, de não entender o espaço como nosso, tanto que lá por conta do BIS, tem uma disciplina que é o PAR, no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, o*

> *processo de apropriação da realidade porque no PAR, quando você entra, ela vai atuar no bairro, ela vai identificar o problema do bairro e vai proporcionar intervenções, quando a gente entra nesses bairros* [...] (Neusa Santos Souza).

Através do BIS, a formação sobre os fenômenos sociais são concebidas de formas críticas, então as discussões sobre a raça, gênero e classe surgem nas atividades vinculadas ao ensino, pesquisa e extensão como integradoras com a terminalidade do curso. Trazendo a experiência no curso de psicologia ao falar dos efeitos da formação no BIS, Virgínia Bicudo informa:

> *A gente tinha muitos professores brancos, mas a gente tinha alguns professores negros, então no projeto político pedagógico era isso, essa questão de raça, de gênero, era falado nas aulas, os professores sempre incluíam essa questão de raça, dentro das matérias, principalmente do BIS, porque o BIS a gente tinha o seminário integrativo que era no final do semestre, então a gente tinha que pautar todas essas questões das aulas e do semestre, pra poder chegar e levar para o seminário integrativo essa questão, de cultura, essa questão de raça e gênero, então assim, trazer essa luta política para o seminário integrativo, isso era acolhedor, porque aí alguns com um pouco de entendimento sobre, como uma alternativa para tentar entender, então isso era uma das formas que as pessoas entravam nesse campo do conhecimento do que era o racismo, do que é a questão do feminismo, mas especificamente dentro das matérias não vinha falando sobre essa questão de raça, os professores faziam essa inserção sobre essa questão de raça [...] teve um professor de psicanalise que já teve brigas sobre essa questão, a turma tencionava um pouco sobre essa questão de raça, por exemplo, Fanon ele não trazia e Fanon era um psicanalista, ele trazia sempre Freud e Lacan, essa questão bem europeia que alguns professores ainda trazem para a psicologia, uma discussão muito eurocêntrica e ai a gente tensionava para outros âmbitos, quando os professores não falavam a gente ia lá, e questionava sobre determinadas coisas pra poder inserir, então assim, diante disso dentro da sala de aula, eu acredito que a gente tinha essa parte de pensar, de fato vamos estudar isso, quando não era o professor, a gente estudante proporcionava para que houvesse esse tipo de discussão. Então o BIS mesmo era a parte melhor porque a gente já entrou na psicologia com esse olhar mais racializado, esta questão de gênero, pra este tipo de questão das minorias sociais* (Virginia Bicudo).

O pertencimento ao curso no caso das formações em saúde pela UFRB, são impactadas justamente pelas currículo no primeiro ciclo no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde são atravessadas pelas discussões sobre a temática racial, gênero, classe, sexualidade e territorialidade. As turmas que compõem o BIS são compostas por todos as terminalidades do curso, e sendo assim como destaca Nilma Lino Gomes (2009) e Dyane Brito Reis Santos (2009; 2017) o currículo é um elemento que atravessa a permanência

na graduação e na formação acadêmica e profissional das sujeitas da pesquisa. O contato com as comunidades locais através do componente curricular Apropriação da Realidade e dos estágios obrigatórios supervisionados e a residência médica, torna-se um importante instrumento de integração na prática clínica e de assistências dos estudantes com a realidade do território do Recôncavo da Bahia.

3.4.3.3 Desafios para a permanência simbólica no ensino superior e as estratégias de enfrentamento de existência e re (existência).

A comunidade acadêmica da UNILAB sendo diversa e atravessada pela internacionalização, enfatizada por Carmem Pereira, na sua permanência foi constituída por conflitos entre o corpo estudantil africano e brasileiro, nas quais tais situações influenciaram na criação do Movimento de Mulheres Africanas da UNILAB. Tais conflitos culturais começaram a ultrapassar o âmbito universitário e passaram a ser repercutidos na comunidade local, e assim ela passa a integrar este movimento:

> *[...] aí todas as mulheres africanas foram para o pátio, fizemos cartazes, gritamos, fizemos mesas, paramos a universidade, fizemos com que todo mundo fosse liberados da aula, e começamos a contar a história para esse povo que não sabia de história [...] ah fizemos grito, professoras ficaram de boca calada, professoras preconceituosas de antropologia [...] Daí criamos o movimento de mulheres africanas da UNILAB* (Carmem Pereira).

De acordo com as sujeitas da pesquisa, os estudantes africanos precisam impor as suas identidades como estratégia de sobrevivência na universidade e na comunidade local, visto que a integração é um obstáculo, justamente porque as experiências de ser "negra e africana" e "negro e africano" vão impactar nas relações acadêmicas e comunitárias. Segundo com Carmem Pereira o racismo não é um fenômeno amplamente discutido no continente africano e por isso ela e Adja Satú revelam que houve uma estranheza em relação às relações étnico-raciais presentes no Brasil, já que na Guiné Bissau, Carmem diz: "*Lá a gente tinha problema, problema de colorismo, a gente tem preconceito, preconceito todo mundo tem, a gente tem xenofobia, a gente faz xenofobia com os outros de outros países, a única coisa que não tem racismo"* Ela prossegue falando sobre os conflitos existentes por causa da diversidade internacional presente na universidade:

> *[...] única coisa que não tem na Guiné é racismo, agora em relação a*

> *etnia preconceito a gente tem, colorismo em que pessoas mais claras têm mais privilégios, isso acontece, mas a gente chega aqui no Brasil e vê um monte de coisas, muita informação: "ah, você é preta", "ah você é mulher, você é isso ou aquilo", sendo que antes nem ligava, então assim na universidade tinha grupos de mulheres feministas, e elas estavam nos chamaram, me convidaram várias vezes para o movimento, e foi o que aconteceu como a universidade era assim, era 6, 7 países ali presentes, de culturas diferentes, e voltando para os países da áfrica era mais culturas, eu como guineense não posso me dar bem como todos guineenses porque há várias etnias* (Carmem Pereira).

Mesmo que não tenha experiências pessoais que gostaria de apresentar para esta pesquisa, Amilcar Cabral salienta que o racismo e a discriminação racial são fenômenos presentes no Brasil e podem impactar as relações de africanos e brasileiros.

> *Eu já tô no Brasil há 7 anos, eu já sei como é a realidade, a sociedade brasileira neste racismo estrutural na sociedade mesmo e o racismo tem diferentes vertentes, tem racismo pelo olhar da pessoa consigo, pela fala que a pessoa dá pra você e a forma de tratamento também, ai você vê essa discriminação conosco, racismo tem em todo espaço do mundo, em todos os países, pelo menos no meu país tem pessoas que são racistas, mas aqui no Brasil é incomparável, lá no meu país o pessoal é muito acolhedor, se tiver uma pessoa que é branco que for pra lá fazer algum trabalho é um povo que acolhe de todo jeito, já que aqui no Brasil é diferente, a forma de cada um por si, ninguém ajuda um ao outro, no meu país as pessoas não passam fome, então o meu vizinho, minha vizinha, se eu tiver comida e eu soube que não tem, eu sirvo comida e levo para a família dele, vou ajudar, dou pra ele, então essas coisas é diferente, não tem pessoas dormindo na rua, aqui em São Paulo tem muito isso, quando eu vejo isso eu fico muito triste, acho também que tem muita discriminação* (Amílcar Cabral).

Ele menciona as dificuldades de integração, contudo adverte que a questão cultural é um elemento importante para a permanência e por isso que é comum que estudantes africanos realizam suas atividades acadêmicas juntos, este mesmo argumento é apresentado por Adja Satú:

> *Às vezes quando houver trabalho de grupo fazia aquela divisão, como lá na UNILAB estuda pessoas de diferentes países, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e Timor Leste, a gente acaba fazendo a nossa equipe entre os africanos, com o pessoal de timor leste, alguns brasileiros que vem em algumas disciplinas, mas sempre as turmas os brasileiros são a maioria* (Amílcar Cabral).

A relação com a cidade é uma perspectiva que atravessa as trajetórias negras desta

pesquisa. No caso de Amílcar Cabral, Adja Satú e Carmem Pereira por serem estrangeiros - africanos e guineenses - as suas dificuldades de adaptação com Aracape e Redenção se inicia ao se instalarem em residências alugadas. Sabe-se que com a chegada da UNILAB e dos estudantes estrangeiros e brasileiros, a economia da cidade passa a ganhar o incentivo de investidores de casas para estudantes e do comércio local. A relação de oferta e demanda torna-se frequente, bem como o aumento dos conflitos culturais também. Adja Satu revela que:

> *Um dos pontos que eu acho que a UNILAB não prestou atenção, não sei se foi o descuido, mas pra preparar a cidade me si, pra receber os estrangeiros, eu digo que a cidade não está preparada e não sei como eles poderiam fazer antes de a gente começar vim pra cá não sei, eu digo que a cidade não está, dos primeiros alunos aqui na UNILAB, se você ouvir os relatos que passavam, com o tempo foi melhorando, mas assim muita coisa assim, é cidade de interior, não tô dizendo que a maioria é analfabeta, ou não tem conhecimento, essas coisas, mas é um povo com mente um pouco fechada, que não é aberto a certas coisas, a gente passa por situações de casa, começando por isso, a UNILAB pagava pousada, pra minha entrada e dois editais depois do meu, a gente ficava numa pousada e a UNILAB pagava por três meses, e depois a gente saia e procurava casa para morar, os primeiros alunos falavam que a cidade tinha uma condição econômica em conta, com o tempo quando a gente foi chegando ai o aluguel foi aumentando, era 200, 200 e pouco, e ai agora quando a gente chega é 600, 500 reais, ai tudo bem, a gente ficava na pousada, mas também tinha reclamação dos alunos brasileiros que vinham de outras cidades de interior que precisavam ser acolhidos porque não eram da cidade de Acarape, e a UNILAB disse que não ia conseguir sustentar todos assim, africanos e brasileiros, e ai acabaram com esse processo de ficar na pousada, agora o pessoal tá sendo recebido por amigos, conhecidos, qualquer pessoa recebe, na cidade a renda foi aumentando, em casa não muito boa, você mora com outros colegas pra pagar, dá pra dividir, inclusive não dá nem pra você morar só, só se você ver uma kitnet e ai tem que dividir com um colega algo assim.* ***Você vai reclamar com o dono da casa, você pede para concertar uma torneira quebrada a pessoa não faz, pede pra pintar uma parede, a pessoa não faz, eu acho que partiu da ideia que eles perguntam assim "lá no vosso país tem muito leão né, tem muitos animais, onde que vocês, dormem?", "vocês dormem na árvore, onde que vocês dormem, vocês vieram de barco?", essas coisas assim, parece que a pessoa está brincando, mas é uma pergunta bem frequente, mas aquela ideia de África que passa pela mídia de fome, de necessidade, eles acham que a gente não merece morar em casas com condições adequadas, porque no nosso país não tem condições melhores do que a gente tá vivendo, está morando, eles acabam que deixando assim*** **(**Adja Satú, grifos nossos).

Nas primeiras páginas da obra "Pele negra, máscaras brancas", a zona do não ser[66] é pensando por Franz Fanon (2008, p. 26) e pode ser conferido na narrativa de Adja Satú através das percepções sobre o continente africano pelos moradores brasileiros de Redenção-Acarape. São estereótipos, construções racistas e vinculadas a desumanização e animalização do continente, contudo compreendemos que a presença do corpo estudantil africano através da UNILAB "quebra as expectativas racistas", mas não necessariamente o conhecimento sobre estes sujeitos africanos demarcam a criação de olhares humanizados. Os relatos de Amílcar, Carmem e Adja Satú reforçam que a comunidade não foi preparada para receber estudantes estrangeiros africanos, conduzindo estas trajetórias universitárias às problemáticas que circundam o racismo e a xenofobia.

Contraditoriamente, apesar de Redenção como já mencionada neste trabalho, ter sido a primeira cidade do país a abolir a escravidão, de acordo com os relatos apresentados, o imaginário social em relação aos estudantes africanos perpetua um duplo fenômeno discriminatório: racismo e xenofobia.

Já para Maria Odília Teixeira e Virgínia Bicudo os desafios da permanência no ensino superior estão vinculadas á saúde mental:

> *[...] fiquei 3 anos no grupo de pesquisa, comparado com a graduação total é um tempo curto mas foi fundamental para me trazer qualidade de vida, então era o projeto que tinha bolsas melhores, e que além disso academicamente me ajudou muito, do ponto de vista de produção, a gente produziu livros, estatísticas, mas foi muito trabalho, muito trabalho e eu ficava nessa sempre ter que dá o máximo, as vezes competia com a graduação, e os professores não querem saber se você tem outras coisas,* ***então isso me gerou um estresse tão grande que hoje em dia eu to tratando tudo na terapia, como meu psicólogo falou "você precisa relaxar, você não está mais na universidade, não tem ninguém te cobrando, respire e relaxe", então o processo para estudantes negras e negros de baixa renda é sempre muito caótico, a gente nunca pode relaxar*** (Maria Odília Teixeira, grifos nossos).

> *[...] a UFRB ela me trouxe juntamente com a questão de saúde, em relação a quimioterapia e tudo, juntando com UFRB eu precisei reconhecer que tinha que ir para o psiquiatra porque as minhas crises de ansiedade estavam se intensificando demais e hoje eu tomo medicação né,* ***eu estou medicada e pra questão de ansiedade, desenvolvi um transtorno imersa ao tratamento, muita crise, momentos de choro, momentos de angústia, momentos de ficar nervosa, entrar em crises por falta entendimentos de algumas pessoas****, o DA mesmo foi muito desgastante, eu não sei onde eu estava com a*

[66] A zona de não ser de acordo com Frantz Fanon (2008, p. 26) é explicitado como "uma região extraordinariamente estéril e árida", na compreensão do autor o homem negro não é um homem, não é um ser, o olhar a ele é conferido pelo branco, estes sendo referências para a compreensão de humanidade.

> *cabeça de passar por um tratamento tão complicado da minha vida e fazer parte ainda de um diretório acadêmico, eu não sei que ponto eu tava da minha vida, que eu participei disso, caos puro que não tem entendimento, reitor, sabe, ter que bater de frente, eu acho assim que se você chegar no campus e perguntar a saúde mental das pessoas, de nós estudantes dentro da universidade lá você vai perceber, se você chegar no curso de psicologia, tem vários estudantes procurando o serviço de psicologia. Procurei no início da minha situação de doença porque eu tava angustiada, agoniada fazendo tudo ao mesmo tempo, então eu entrei no serviço de psicologia e estou no serviço até hoje, e aí ela precisou encerrar porque eu terminei o curso, então foi uma forma de cuidar da minha saúde mental, a saúde mental dentro da universidade é complicada, é muito difícil ter que manter a saúde mental de forma tranquila, sempre tem atrito com professores, embates dentro de sala de aula, você acaba atravessada pelo racismo dentro dos hospitais, então em conjunto é totalmente destruída, tanto que no final, nesses últimos seis meses de construção do meu TCC, eu achei que eu não ia conseguir terminar porque assim o TCC é sobre o atravessamento do racismo em alguns hospitais a partir da minha experiência, então foi uma escrevivência mesmo usando o conceito de Conceição Evaristo e ai foi um período muito complicado porque eu tinha que lidar com essa situação de racismo, e quando você para perceber todas as situações de racismo que você vivenciou, nossa, você fica assim* ***"-poxa, quando nós, pessoas pretas vamos ser valorizados", quando vai existir esse outro olhar pra gente, se não o olhar de gente preta que não é passível de cuidado, que não sabe, e falando especificamente da universidade, a gente estuda, a gente tem embasamentos para falar determinadas coisas, então porque não ter esse olhar pra gente sobre isso, então esse percurso de universidade e doença, saúde mental destruída,*** *e a gente tenta lidar ne, buscar questões simbólicas para fazer com que a gente permaneça, e não desista do curso, e não desista de estar ali, e não só foi, mas outras pessoas que dentro desse percurso pensaram em desistir várias vezes por conta de professores mesmo que chegaram* ***e falaram assim "vc é uma péssima psicóloga", então já tive uma colega que ela ia desistir do curso por causa deste discurso de professor e então assim há uma falta de cuidado com o estudante como se ele tivesse que aguentar tudo, é muito complexo*** (Virgínia Bicudo, grifos nossos).

É possível perceber que as sujeitas da pesquisa precisaram criar instrumentos para enfrentar as dificuldades que surgiram ao longo de suas trajetórias universitárias. Mesmo se tratando de projetos políticos que visam o combate ao racismo, machismo e xenofobia, a UFRB e a UNILAB, segundo as narrativas, precisam fomentar outras estratégias para superá-los de forma mais eficiente, à medida que garantam a permanência qualificada da classe estudantil.

3.3.3.4 Re (existir) nos cursos de Medicina, Psicologia e Enfermagem.

> *A gente sabe que os cursos da saúde aqui no Brasil são tidos como prêmio, de elite, classistas, eles tem muito disso de elitizar, então dentro da universidade eu pude sentir, não só eu, minhas colegas também, racismo e preconceito também dentro de salas de aulas, a gente via isso nítido [...]* (Carmem Pereira).

Os cursos de saúde no Brasil como salientados no Capítulo 2 desta pesquisa são compreendidos como as formações imperiais no país. Maria Odília Teixeira, Virginia Bicudo, Neusa Santos Souza, Carmem Pereira, Amílcar Cabral e Adja Satú relatam em suas narrativas as perspectivas e os desafios enfrentados nos cursos de saúde.

A formação em Medicina proporcionada pela UFRB, de acordo com Maria Odília Teixeira foi uma experiência de ampliação de possibilidades e a sua formação foi reconhecida durante a sua atuação profissional durante o estágio supervisionado obrigatório:

> *Falando da medicina tem muitos docentes que vem de uma formação tradicionalista e que cobra o dobro e o triplo, que gera um sofrimento muito maior para esses estudantes, as vezes eu conversava com outros colegas, inclusive no internato eu tive a possibilidade de estagiar em outros lugares e um deles era com outros internos em salvador, no roberto santos, e a dedicação entre o estudante da UFRB e os demais estudantes eram tão gritantes que todo mundo percebia, assim o coordenador da obstetrícia na época que fez o aceite da gente, ele falou como ele estava preocupado com o fato de estudantes do interior, ele foi muito honesto, em dizer, porque ele sabia que a gente não tinha o mesmo acesso às tecnologias, o mesmo acesso a estrutura que os estudantes da capital tem, ele falou o quanto ele foi bem surpreendido, ele chamava a gente de surpresa boa porque ele via o nível de dedicação, de comprometimento, de responsabilização que a gente tinha [...]* (Maria Odília Teixeira).

Adja Satú compreende que a sua formação na enfermagem foi interpelada pelas dinâmicas raciais e sociais comuns dentro do campo da saúde, evidenciando as dificuldades de integração com a sua turma de graduação e suas percepções sobre a conduta de docentes em relação a presença africana em sala de aula:

> *Na verdade as pessoas que eu estudei, que eu conheci, nestes anos ao longo da universidade, tanto brancas como pretas, eu vou ser bem sincera, não dava nem pra perceber se eram brancos pobres, brancos que tinham alguma condição, de certa forma foram parar na UNILAB, e a gente tem na enfermagem pouca representatividade, porque nenhum dos nossos professores são negros, tem mais em áreas de sociais, humanidades, BHU, essas outras áreas, no nosso curso não tem, só tem pessoas que são realmente brancas, ai de certa forma, a gente percebia* ***e era feito as vezes bem descaradamente na nossa cara***

> ***assim, a gente não era tipo capaz de aprender, de fazer certas coisas igual os outros alunos brancos, tem professoras explicando, falando para turma, que simplesmente ignorava a nossa existência, nem olhava para cara. Eu lembro que no nosso penúltimo semestre tivemos uma professora que simplesmente se recusou a ir no estágio com o nosso grupo*** (Adja Satú, grifos nossos).

Na psicologia a Virgínia Bicudo relata a presença massiva de pessoas brancas em sua turma e no próprio Centro de Ciências da Saúde:

> *Minha turma, tem muitas pessoas brancas na turma, são poucas pessoas negras, e assim eu considero o curso de psicologia um curso muito bom, claro que tem uma coisas que precisam melhorar em relação ao curso, mas eu acho que o curso de psicologia na universidade, na UFRB especificamente em Santo Antônio de Jesus, é o curso que tem mais pessoas negras, visualmente falando, porque quando você observa, você caminha dentro da universidade você não vê muito, e aí você tem as dificuldades de que as pessoas não conseguem compreender a sua situação,* ***foi dentro da universidade que chega pra mim o torna-se preta, foi o momento que eu me entendi, eu sabia que eu era negra, mas quando você de fato que é negro, você entende de fato os atravessamentos do racismo, aquelas coisas sutis de fato e dentro da universidade eu pude perceber algumas situações, porque tem gente que não consegue perceber esse detalhe que é importante*** *[...]* (Virgínia Bicudo, grifos nossos).

O torna-se negro dentro na universidade pode ser pensado de acordo com relato de Virginia Bicudo através de situações constrangedoras e sentimentos de inferioridade e violências, na qual há o entendimento que são ações e práticas que estão ocorrendo porque se trata de estudantes negras e negros naquele espaço. Da mesma forma que Adja Satú também informa, o racismo institucional está presente em suas experiências universitárias e por isso compreendia que havia um duplo processo de racismo: por ser negra e africana.

Para Maria Odília Teixeira, o racismo está presente através de sua formação construída com base em uma concepção de dedicação extrema em virtude das cobranças no ambiente universitário:

> *[...] mas porque nós somos cobrados em níveis absurdos, e isso gera sofrimento também, não é só romantizar também, eu acho que é uma faca de dois gumes, ao mesmo tempo que é muito potente você ter esse espaço enegrecido, quando você tenta fazer um processo de ressignificação junto com a síndrome de vira lata que acompanha vira um processo muito sofredor também, então eu acho que são duas coisas assim, a universidade precisa se ajustar para ser uma universidade tão negra como é* (Maria Odília Teixeira).

Tal dedicação excessiva que por muitas vezes é esperada de pessoas negras, lembra-se da música de Racionais Mc's "A vida é um desafio", na qual há um trecho que diz :

> Desde cedo a mãe da gente fala assim:
> 'filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor'.
> Aí passado alguns anos eu pensei:
> Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses... por tudo que aconteceu? Duas vezes melhor como? [...]

Caso as expectativas não sejam atendidas, a síndrome do vira lata mencionada pela Maria Odília Teixeira aparece. Também pode ser chamada de síndrome do impostor, que conforme discutido por Mariana Azevedo Alves, Eduardo Cotrim Ferreira e Mariana Pereira Bonfim (2019), a Síndrome do impostor é um fenômeno desenvolvido na década de 70 através do estudo sobre mulheres e os espaços de sucesso profissional e acadêmica, das autoras Pauline Clance e Suzanne Imes (1978). Além deste estudo, Vilmar Pereira de Oliveira (2020) em sua tese de doutorado intitulada "As audácias e as histórias: Análise psicossocial das Trajetórias de Negras/os Doutoras/es em Psicologia na interface dos estudos sobre carreiras", apresenta que este processo se estabelece quando:

> [...] o sujeito, mesmo com uma carreira bem-sucedida e reconhecida, não se sente merecedor das conquistas, dúvida do próprio conhecimento, não se sente bom e produtivo o suficiente – mesmo que os outros digam o contrário. Trata-se de uma autossabotagem, uma percepção que pode não corresponder à realidade, mas que tem o poder de provocar sofrimento [...] (OLIVEIRA, 2020, p. 127).

De um modo geral a síndrome do impostor se caracteriza pela sensação de fraude constante, sentimento de inferioridade ilusória, auto sabotagem e insegurança. Em um contexto de formação em saúde, se tratando de áreas elitizadas e que não são pensadas socialmente para a presença negra, esse sentimento impacta na permanência simbólica estudantil. A concepção institucional do racismo, evidenciado por Silvio Almeida considera que:

> [...] o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça [...] (ALMEIDA, 2017, p. 38)

José Jorge de Carvalho (2003) apresenta o chamado racismo acadêmico que se

caracteriza como uma a expressão que visa explicar sobre como o ethos acadêmico permeia um conjunto de ações e práticas que promovem desigualdades raciais e sociais. Este termo compreende o conjuntos de manifestações conscientes ou não, que são explicitas e/ou veladas possuem como objetivo hierarquizar as raças dentro do ambiente universitário e privilegiar a raça branca como superior. Grada Kilomba (2019) em "Memórias de uma Plantação: episódios de racismo cotidiano" também chama atenção para o racismo no ambiente universitário

> [...] o centro acadêmico, não é um local neutro. Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz [...] De ambos os modos, somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a (KILOMBA, 2019, p. 50-51).

Então, mesmo se tratando de dois projetos políticos que visem a promoção da diversidade, a presença de comportamentos excludentes é um elemento presente nas narrativas das sujeitas da pesquisa e se tornam mecanismos institucionais de manifestação do racismo. Logo, se tratando de um espaço social dominado por grupos sociais que historicamente são dominantes, por literaturas, referências bibliográficas, currículos eurocêntricos, pelas violências simbólicas decorrentes do racismo, sexismo, machismo e heteronormatividade, a classe estudantil neste campo precisam reivindicar suas identidades para conseguirem permanecer, ao mesmo tempo que precisam reagir às problemáticas criadas no cerne deste campo social, tornando suas vivências universitárias desafiadoras.

3.3.3.5 Eu sou porque nós somos: Aquilombamentos, afetos e coletividades.

> ***Eu criei uma família na UFRB, que é uma família mesmo***. *Recentemente eu passei por um momento muito difícil e quem me ajudou muito foram os laços que eu construí na UFRB. Então assim hoje em dia, eu consigo ver isso com muito mais clareza, de como esses afetos, esses laços foram fundamentais para que eu chegasse onde eu tô hoje, eu sou muito grata aos meus amigos, os meus amigos me seguraram financeiramente, afetivamente, que me tiravam desse lugar pra dá um respiro, outras coisas da vida, que construíram sonhos, aspirações, idealizações. Eles foram a cereja do bolo, foram a cereja do bolo não, foram a base do bolo, me levando assim, "vai, vai que vai*

dá certo" (Maria Odília Teixeira, grifos nossos).

Como explicitado anteriormente, a permanência simbólica irá nos apresentar estratégias para o pertencimento na universidade. Além de ser uma estratégia de permanência material, a entrada em grupos de pesquisa, extensão e demais coletivos de base acadêmica é considerada nesta pesquisa como a manifestação de aquilombamento. No caso de Virgínia Bicudo o processo de afiliação a um grupo de estudo e pesquisa foi importante para o reconhecimento da sua importância no ambiente universitário. Atravessando o tratamento de câncer, Virginia havia tentado ingressar em outros grupos de estudo e pesquisa, porém não conseguia a aprovação almejada, até que teve uma oportunidade no Grupo Reinventar:

> *Eu fiz parte do grupo Educação Inclusiva e era o grupo do meu amor, do meu acolhimento, do meu afeto, as pessoas ali, a gente não era simplesmente o grupo de extensão que estudava educação inclusiva, a gente era o grupo de extensão que a gente se acolhia, que a gente se dava a mão, que a gente tinha momento mesmo dos debates que a gente tinha, a gente parava pra falar como é que vocês estão, como é que a gente está, então vamos falar, então existia muita rede de apoio, uma paixão enorme por ele, justamente porque foi nele que eu podia deitar chorar, mas tipo parar assim e falar, que eu não tô me sentindo bem e chorar mesmo, e foi o grupo, e por exemplo o PET, teve a seleção pro PET, e muitas coisas que eu tentei quando eu dizia que estava em tratamento as pessoas descartavam, porque as pessoas dizias que eu ia faltar bastante, na cabeça (delas), e eu achei que eu não ia passar no projeto de extensão, e pelo contrário a professora foi lá e me acolheu e me falou "não tem motivos pra eu não te querer dentro do meu projeto", então começou a partir dali esse olhar dela de "você ter situação de doença, mas a gente tá aqui pra te acolher e fazer com que você aprenda", tenho uma paixão por esse grupo, o nome do grupo já é lindo né, Reinventar, então a gente se reinventava a todo momento e a todo instante* (Virginia Bicudo).

Como Virginia, Adja Satú também teve que passar por alguns processos seletivos para poder ingressar no grupo de pesquisa que ela se sentisse bem. O acolhimento é um elemento importante para ela:

> *Assim que eu cheguei eu precisava entrar num grupo, além de ter que aprender, produzir algumas coisas, participar de atividades, vai me ajudar também com questão de carga horária, tanto complementar tanto de extensão, então eu falei tá bom né, eu tentei participar numa primeira, quando eu cheguei aqui eu dizia que gostaria de me especializar na saúde da criança, ai a primeiro grupo que eu tentei entrar era sobre a saúde de criança e adolescente, mas eu não fiquei lá por muito tempo, não me sentia muito acolhida, justamente em relação a essa questão, aquela mesma professora que era coordenadora do*

> *curso, e ficava falando na turma e não olha nem na nossa cara, somente para os alunos brasileiros e brancos, é a que trocou de grupo também, eu não me senti muito bem acolhida e tive que sai de lá, não to dizendo que não é bom, de certa forma você acaba aprendendo né, acaba sendo um aprendizado. Eu não entrei com a finalidade de conseguir bolsa, mas se tivesse conseguido eu não negaria, assim, a bolsa de estudos parece que é por afinidade, eu vou falar e não to nem mentindo, eu não conheci nenhum africano que tinha bolsa de saúde mas quando é trabalho pra você ir em posto de saúde, pra hospital coletar dados, essas coisas assim, parece que eles nos veem assim como pessoas inocentes que não enxerga maldade, ai eu não gostei do grupo, não era pelo conteúdo porque eu gostava da área da criança, mas eu não me sentia bem, depois eu entrei num outro que eu fiquei até quando eu formei, que era uma professora muito gente boa, uma das melhores professoras que temos na enfermagem, pelo menos no tempo que eu estava na universidade não vi ninguém reclamando dela tratar alguém diferente, só que o grupo da área não era a área que eu gostava, mas com o tempo acabei gostando, era sobre saúde bucal, fazia atividades sobre saúde bucal com crianças [...].* (Adja Satú).

Na trajetória acadêmica de Amílcar Cabral, ele relata que participou de atividades vinculadas à docência, o que fez com que ele almejasse uma trajetória acadêmica na pós-graduação:

> *Desde que cheguei em 2015, eu estou no Projeto de Idiomas sem Fronteiras, ai eu dei aulas no idiomas sem fronteiras, dei aulas em outro projeto ainda de clube de francês, os três últimos anos eu dei aula no idioma sem fronteiras, aí eu tive grupo de pesquisa, tive dois grupos de pesquisa da minha própria orientadora também, teve outro grupo de pesquisa, que é de gestão em saúde o grupo de pesquisa, o grupo de pesquisa eu fiquei só como voluntário porque eu já tive bolsa no idiomas sem fronteiras, aí eu fiquei como voluntário* (Amílcar Cabral).

Ao chegarem na UNILAB, as sujeitas da pesquisa são recepcionadas pela Associação Estudantil da Guiné-Bissau. Amílcar Cabral, Carmem Pereira e Adja Satú relatam que neste primeiro momento o contato com os colegas e amigos é importante para que possam compreender melhor o funcionamento da universidade e as suas perspectivas para a permanência material e simbólica:

> *[...] Quando a gente chega aqui no Brasil graças a Deus as nossas associações, cada país tem a sua associação de estudantes , meu país, a Guiné tem faz a sua recepção né pra todos os calouros na universidade e depois os cursos, os alunos de enfermagem também faz, a gente recebe bastante ajuda nos primeiros meses, aquela ajuda básica pra se ingressar bem, se integrar, embora a gente vai aprendendo com o tempo, mas de certa forma já ajuda a se situar* (Adja Satú).

Da mesma forma que a participação nos movimentos sociais estudantis auxiliaram

Virgínia Bicudo e Carmem Pereira a entenderem o funcionamento institucional da universidade. No caso de Carmem Pereira, além de representante discente no Diretório Acadêmico Estudantil (DCE), também integrou o Movimento de Mulheres Africanas da UNILAB:

> *[...] então tinha um monte de atitudes de professoras ali presente, eu acho que isso é uma das coisas que me fez entrar no DCE, no movimento de estudantes, me levar também a participar dos debates do povo das humanas, da sociologia, da antropologia, eu acho que foi através deste processo ai, tinha muita injustiça, muito racismo ali que as pessoas estavam enfrentando ali e ninguém resolvia, então a gente fez barulho, a gente fez críticas, a gente fez marcha, gritamos, tivemos que brigar também, brigamos, fechamos a universidade, brigamos inclusive teve os próprios estudantes nos atacando, atacando mulheres, dizendo que a gente era submissa, então a gente teve que fazer para mostrar que a gente não estava lá de graça como a maioria diz né que "vocês estão aqui de graça então se coloque no seu lugar", a gente não está de graça, a gente sabe que tem a cooperação sul-sul que eu recomendo a leitura, vão ler, são os projetos que fizeram com que o Brasil ter voz, então algumas cooperações é pra isso, é troca, mas as pessoas não sabem, não estudam, ignorantes, então acabam proferindo "vocês estão aqui de graça", ai minha filha, a universidade fechada, a gente pixou, fez cartazes pra a gente ser respeitado e para as pessoas terem medo né, a polícia federal foi envolvida e tudo mais para que a população local começasse a pelo menos fingir que nos respeitavam, mas começaram a fingir e a gente se posicionou, pra eles verem também que a gente é a UNILAB, eu amo aquela universidade, mas é desse jeito* (Carmem Pereira).

O fato das estudantes egressas da UNILAB compreenderem que precisavam se unir em coletividade traz à luz a dimensão da interseccionalidade de raça, gênero e nacionalidade. As experiências das mulheres negras africanas na universidade vão se diferenciar completamente das demais narrativas dispostas nesta pesquisa justamente pelas categorias analíticas que perfazem as suas vidas. Então ao entenderem a xenofobia, o racismo e a discriminação de gênero no ambiente universitário elas também compreendem que as suas permanências estão condicionadas as suas ações frente estas violências.

Beatriz Nascimento (1989) elaborou o conceito de aquilombamento, que ao rememorar a experiência de quilombo compreende a práxis comunitária como um caminho possível para a construção de uma sociedade justa e igualitária nos âmbitos racial, social, cultural, econômico e educacional. A práxis comunitária disposta nas trajetórias universitárias é manifestada através da prática de união no interior dos grupos de pesquisa, estudos e coletivos na qual as estudantes podem discutir sobre temáticas que

muitas vezes não são abordados nos currículos formais dos cursos de saúde e por isso o letramento acadêmico, racial, identitária e o empoderamento nesta perspectiva também acontece nestes espaços. No caso dos movimentos sociais estudantis, elas constroem ações e práticas de enfrentamento, bem como experiências de afetos, amizades, cuidado e redes de solidariedade.

3.4 Atuação no mercado de Trabalho e a presença na Pós-Graduação.

> *No sábado eu fui convidada pra falar na rádio da cidade para falar do setembro amarelo e a questão da população negra e o suicídio da população, e ai quando o entrevistador ele falou "Neusa Santos Souza, Psicóloga" é tão estranho ainda [...] E assim tem horas que eu não acredito que eu consegui realizar meu sonho do terceiro ano, porque no terceiro ano pra mim foi o ano mais angustiante que é quando você não sabe como vai ser no seguinte,* ***você não sabe quando é que você vai passar e aí no terceiro ano, eles colocam na blusa o curso que você quer fazer, e quando eu vejo aquela a minha foto com o símbolo de psicologia e hoje psicóloga "meu deus eu consegui***" (Neusa Santos Souza, grifos nossos).

Ao terminarem as suas graduações Maria Odília Teixeira, Virginia Bicudo, Neusa Santos Souza e Carmem Pereira ingressaram no mercado de trabalho. As suas percepções sobre a pós-permanência vão se distinguir de acordo com as suas formações, contudo Maria Odília Teixeira e Virgínia Bicudo fazem referência a formação na UFRB como um ponto positivo para a atuação profissional:

> *A UFRB pelo menos em relação a isso ela consegue trazer esse olhar com um olhar 360, perceber as nuances, o território, saber todas as outras questões, olhar pra pessoa e entender todas as subjetividades, sabe o que vem representando ela, do que atravessa ela, então a psicologia precisa ser melhorada nesse sentido, eu acho que falta muito, tanto que no local onde estou trabalhando as pessoas são brancas, que não conseguem compreender que tal paciente precisa que a gente vá na escola fazer uma visita porque talvez o que ele está apresentando não seja simplesmente o que foi diagnosticado pela médica, pelo psiquiatra porque ele sobre bullying por ser uma pessoa preta, não é só a questão do transtorno que ele tem, são outros atravessamentos, então são outros cuidados que a psicologia deveria ter, a gente não precisa somente se pautar em diagnósticos em tudo mais porque às vezes são outras questões e a gente precisa ter aquele olhar minuciosos para poder entender, eu acho que falta muito da psicologia nesse sentido, mas eu acredito muito que estamos em mudanças, ainda bem que a gente tem a UFRB, tem déficit em várias coisas, mas enquanto estudante eu fui percebendo destas ditas minorias a gente tem um conhecimento muito legal* (Virginia Bicudo).

Maria Odília Teixeira relata a sua vivência como médica negra, ressaltado que o racismo atravessa a sua prática clínica e suas experiências no trabalho:

> *Lá no meu serviço tem outra médica negra e jovem, as pessoas inclusive se confundem, me chamam pelo nome dela, chamam ela pelo nome e é isso, mas é muita coisa, porque? Porque é a figura mais fácil de ser questionada, e aí as pessoas inclusive me colocam num lugar, porque eu sou muito jovem e aí, as pessoas acham que eu sou mais jovem, eu tenho 29 anos, que é jovem, eu entendo que é jovem, mas não é tão jovem assim, e as pessoas olham pra mim e elas me acham mais jovem do que eu realmente sou, mas nova do que eu realmente sou, e além disso sou mulher e negra, antes negra do que mulher, então é a figura mais fácil de ser questionada naquele espaço de poder, e as pessoas se sentem neste lugar, inclusive pacientes, eu já tive vários problemas no lugar que eu trabalho hoje, vários tensionamentos, várias questões em relação a isso.* ***Do meu primeiro serviço dias antes de eu sair eu sofri racismo por parte de uma paciente que gritava coisas horrorosas pra mim do corredor porque eu não quis dá o exame pra ela, e ela gritava coisas absurdas, dizendo que eu nem médica era, que eu era um monstro, que não era pra eu tá ali, que ali não era o meu lugar, gritava do corredor com outras pessoas do serviço*** (Maria Odília Teixeira, grifos nossos).

O relato de Maria Odília Teixeira revela que no imaginário social, a presença de uma mulher negra ocupando um espaço vinculado ao poder e ao prestígio é impensado, como bem ela destaca na sua fala "*sou mulher e negra, antes negra do que mulher, então é a figura mais fácil de ser questionada naquele espaço de poder [...]"*. A sua presença no ambiente hospitalar é uma quebra de paradigmas, a tal ponto que seu corpo é alvo de pacientes racistas.

Maria Odília continua discutindo em seu relato que também discorre já foi exposta em redes sociais por pacientes, sendo defendida por outros pacientes e colegas de profissão. Identificamos neste trabalho, que profissionais de saúde negros neste país, atuam como outsiders, conceito criado por Howard Becker (2008), que ao analisar a identidade desviante, o autor compreende que determinados sujeitos sociais não são reconhecidos como pertencentes ao espaço social que atuam:

> Ao analisar as consequências da adoção de uma identidade desviante, vamos fazer uso da distinção que Hughes estabelece entre traços de status principais e auxiliares. Hughes observa que a maioria dos status tem um traço-chave que serve para distinguir entre os que possuem ou não. Assim, o médico não importa o que mais possa ser, é alguém que tem um certificado afirmando que preencheu certos requisitos e está licenciado para praticar a medicina; esse é o traço principal. Como Hughes mostra, na sociedade norte-americana presume-se também informalmente que um médico tenha vários traços auxiliares: a maioria das pessoas espera que seja da classe média alta, branco, do sexo

> masculino e protestante. Se não for assim, tem-se a impressão de que certo modo não preencheu os requisitos. De maneira semelhante, embora a cor da pele seja o traço principal para determinar quem é negro e quem é branco, espera-se informalmente que os negros tenham certos traços de status, e não tenham outros; as pessoas ficam surpresas e veem como anomalia (BECKER, 2008, p. 42-43)

A surpresa descrita por Howard Becker (2008) está permeada de preconceitos, discrminações e estereótipos atribuídos aos corpos negros de forma imediata. O intelectual Du Bois (1999) ao caracterizar as vivências discriminatórias de pessoas negras no contexto norte-americano no início do século XX, traz a concepção de dupla consciência, na qual se estabelece como uma sensação do olhar sob as lentes dos outros, que neste caso se trata de um olhar externo (do branco) que constrói concepções sob os corpos negros (CARVALHO, 2002, p. 74). José Jorge de Carvalho (2002) realiza uma breve discussão sobre o racismo brasileiro como um sistema de duplo vínculo, trazendo a contribuição teórica e conceitual de Du Bois, na qual salienta "[...] O olhar do branco sobre o negro de que fala Du Bois é um olhar negativo, porém um olhar que o identifica como negro [...] (CARVALHO, 2002, p. 74).

Em seu relato sobre sua atuação profissional, Carmem Pereira que como demais colegas de profissão egressos da UNILAB, permaneceu no Brasil por causa do acometimento da Pandemia, também apresenta a presença do racismo na enfermagem:

> *Eu sai de lá como enfermeira, eu vinha embora, mas teve a pandemia, eu vinha pra Portugal, pra minha mãe, eu tava cansada do Brasil, 2018 eu voltei pra Guiné, mas desde então eu não tinha voltado, 2020 eu colei grau, ai eu pedi um visto pra ir, só que eu falei "vou curtir o carnaval de salvador ainda, ver como que é", então eu ia embora desse país, cansei, cansei, estava doida, ai chegou a pandemia, cancelou todos os meus planos, eu fiquei louca, consegui tirar meu COREN, trabalhei no hospital da campanha em Fortaleza, ai minha mãe ficou gritando "não vai" e eu falei "vou trabalhar", fora aquele medo do vírus desconhecido e tudo mais, mas eu resolvi trabalhar, eu trabalhei três meses no hospital de campanha, era num estádio de futebol, uma loucura, foi uma experiência muito boa, mas foi uma experiência muito pesada, era muita coisa, parece que passou anos ali, dia e noite, eram plantões de 24 horas, me inscrevi também no "Brasil conta comigo", mas eu não fui chamada graças a deus, não fui mandada pra lugar nenhum, eu acabei só ficando ali em Fortaleza naquele hospital de campanha, também ali* ***eu vivenciei racismo como sempre, preconceito, pessoas me olhavam, técnica, as pessoas me viam e vinham na cabeça deles que eu era técnica, ou que eu era da limpeza do hospital, me vinham e dizia "técnica o que?", e eu olhava assim " era técnica, técnica?" e sendo que tinha identificação, parece que tinha uma bolinha, porque a gente montava uma roupa de astronauta***

> ***e tinha bolinha verde de enfermeira, amarelo é técnico e vermelho é médico, mesmo assim a pessoa olhava pra mim "você é técnica?", eu só olhava pra pessoa assim e já desviada, então foi assim depois eu me tornei enfermeira chefe da enfermaria que eu tava, então eu sempre tomava a frente fazia as coisas, eu sou enfermeira, mas eu fazia tudo de técnica, então assim era uma dificuldade porque na pandemia tinha muitos profissionais que estavam começando, então eu virei enfermeira chefe e as pessoas não queriam fazer nada, e eu comecei a me impor*** (Carmem Pereira).

Destacamos o conceito *imagens de controle* da intelectual Patrícia Hill Collins (2019, p. 35) para dimensionarmos os relatos de Maria Odília Teixeira e Carmem Pereira. Trazendo tal contribuição para o pensamento feminista negro, a autora discorre que as imagens de controle são criadas no contexto de escravidão estadunidense, sendo aplicadas até os dias atuais. Caracterizadas como representações subalternizadas das mulheres negras, as imagens de controle tem como objetivo a opressão.

Como Carmem Pereira destaca foi preciso reagir se impondo enquanto enfermeira chefe e por isso relembramos que em sua obra "Pensamento Feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento", Patrícia Hill Collins (2019) também traz a importância a política do empoderamento como uma rejeição das dimensões de dominação que perpetuam a exploração, sexualização, objetivação e subalternização das mulheres negras. Por isso, as ações de empoderamento dentro de espaços de dominação branca é essencial para a existência dos corpos negros.

Maria Odília Teixeira também relata que no seu atual ambiente de trabalho, ela se sente acolhida. Se tratando de um contexto diferente do anterior, com a presença expressiva de pessoas negras, a sua a relação com seus colegas e pacientes é comunitária:

> *[...] mas também tem um lugar muito grande de acolhimento, hoje eu trabalho numa ilha que é majoritariamente de pessoas negras, e é muito engraçado porque as pessoas se sentem muito confortáveis comigo, de dizer "o que eu tô falando com você eu nunca falei com nenhum outro médico", tem pessoas que falam da alegria de uma médica negra, de uma médica de cor, de uma médica como a gente naquele espaço, e tem uma relação muito afetiva,* ***as pessoas da minha equipe às vezes falam "nem parece que você é médica****", nós que somos negros e que vivemos em comunidade a gente só sabe viver desse jeito, a gente não sabe viver de outro jeito e não é o que as pessoas costumam ter, principalmente na relação médica, principalmente porque eu sou muito impositiva, eu sou muito chata no meu trabalho, eu sei o que eu decido, eu tenho um jeito de conduzir as minhas práticas e eu coloco isso, mas ao mesmo tempo eu entendo que eu trabalho em equipe, eu não trabalho sozinha, porque a gente vem dessa perspectiva de comunidade, então por exemplo uma outra coisa assim, uma relação*

> *de afeto, alguns lugares de afeto, então, eu e a maior parte da equipe a gente cozinha junto, eu sou muito acolhida pela maior parte da equipe sabe, de quando tá bem e quando não tá, de quando precisar dá uma água, a mesma coisa com os pacientes, chegam e me abraçam, de trocar afeto, de ter espaço de acolhimento também,* ***ser essa figura de mulher negra que tá ali abre espaço pra isso também, pra ser espaço de afeto, então muitas vezes de mulheres conseguirem falar sobre as suas violências, eu tenho uma questão muito grande com gestantes, que a gente ter uma relação, um entrosamento, de conversar, tudo de uma forma muito fluida, muito afetuosa também, então ser uma pessoa negra, jovem, aproxima muitas delas, eu gosto muito de explicar, o porquê to fazendo as coisas, gosto de ser didática, exemplificar, de desenhar, de mostrar mesmo, de fazer com que a pessoa entenda o que fazer naquele espaço, e porque eu sei que a maioria de nós não entende, e ser uma mulher negra me coloca num lugar empático, e aí eu volto, ser uma mulher negra pobre me coloca num lugar empático, de troca, de partilha*** *e isso é muito potente, e dificilmente eu tenho problemas com relações interpessoais com meus pacientes* Odília Teixeira, grifos nossos).

O relato de Maria Odília Teixeira traz uma dupla concepção de consciência sobre a sua existência como médica negra, a primeira como destacado anteriormente é a manifestação do racismo de forma incisiva através de ações escancaradas, mas também a sua atuação profissional traz uma dimensão de fortalecimento de vínculos entre médica e pacientes, como bem ela destaca: '*gente ter uma relação, um entrosamento, de conversar, tudo de uma forma muito fluida, muito afetuosa também, então ser uma pessoa negra, jovem, aproxima muitas delas*'. Então a sua prática profissional será diferente do que é manifestado hegemonicamente e por isso seus colegas irão dizer '*as pessoas da minha equipe às vezes falam "nem parece que você é médica"*.

No início desta dissertação, salientei que Maria Odília havia sido uma das sujeitas da minha pesquisa de monografia, mesmo ainda enquanto residente médica ela era reconhecida através da representatividade:

> *[...], só a gente vai sentir assim, pacientes periféricos, mulheres negras que estavam se sentindo vulnerabilidades e quando te encontrar, só pra você ter noção eu já,* ***teve uma paciente quando era no posto de saúde, que ela fez vídeo chamada coma filha dela, pra mostrar quem era a médica do posto, ela o cabelo da minha filha é igual o seu, ela fez vídeo chamada para eu falar com a filha dela, pra filha dela ver que a médica do posto parecia com ela, então assim, você tá atendendo uma vez passando pelos corredores do hospital e uma mãe falar com a filha:-oh ela é médica, tá vendo, se você quiser, você também pode ser****, então é fundamental porque você constrói uma outra narrativa, uma narrativa que pôs mais que seja difícil, e eu sempre falo isso né, não é fácil, não é fácil entrar, não é fácil permanecer no curso né, mas que por mais que você tenha*

> *isso,* ***você tem a possibilidade de construir uma outra narrativa, de sei lá de, das outras pessoas olharem pro lugar do médico com uma outra visão né, porque isso tira um pouco, não que as pessoas não deixem, tirem o prestígio por exemplo assim****, não é isso assim né, que as pessoas tirarem o endeusamento, não é isso porque as pessoas continuam endeusando a sua figura né, mas para as pessoas entenderem que a relação com ela pode ser mais próxima né, você pode falar de igual pra igual, de que existe uma humanidade ali,* ***por mais que você não diga absolutamente nada assim, eu achava que eu ia ter muito mais contatos negativos com os pacientes ne, ia sofrer muito mais preconceito com os pacientes, tudo bem que eu falo de uma realidade de uma saúde pública, porque a gente atende na saúde pública*** (Maria Odília Teixeira, 2020, grifos nossos).

Para Neusa Santos Souza a sua pós-permanência tem sido um desafio visto que para atuar como psicóloga é necessário o credenciamento no Conselho Regional de Psicologia e custear uma supervisão para as suas sessões. Mesmo com essas dificuldades, ela conseguiu enfrentá-las e atua como psicóloga e educadora em uma escola particular de Cruz das Almas, Bahia:

> *Eu venho percebendo várias dificuldades, eu venho falando com amigos e familiares, "e agora", eu percebo que esse curso é feito para elite, porque quem não tem dinheiro não consegue, porque assim numa entrevista de emprego eles pedem pós, capacitações, quando você vai pesquisar uma pós é um absurdo, quando você sai pra fazer um mestrado, infelizmente nem todo mundo consegue bolsa hoje em dia, e tem outra questão, o curso de psicologia tem um diferencial, aliás o curso da área a saúde tem que se cadastrar no concelho, e é um valor altíssimo, no concelho foi quase 600 reais, e eu paguei esse valor porque a gente paga no meio do ano, se você pagar no início do ano, em janeiro vai ser mais caro, ai vai pagar de janeiro até dezembro. Quando você já tem um emprego, já tem uma renda, você consegue, mas quem não tem, agora mesmo eu tive que pedir ajuda até a minha família, eu to trabalhando no colégio, mas eu não recebo bem, eu tô dando aula, então eu recebo por hora-aula mas é péssimo, então eu não recebo nem um salário mínimo, recebo bem abaixo, e ai não dá pra viver só com esse dinheiro e ai eu moro com meus pais atualmente, então é o que consigo sabe, e ainda eu tenho que pedir ajuda porque tá tudo muito caro e ainda tem o CRP, ai agora eu to começando a atender e pra atender é indicado que você tenha o supervisor, você pague alguém principalmente um recém formado* (Neusa Santos Souza).

Após a sua atuação como enfermeira, Carmem Pereira decidiu também ingressar na Pós-Graduação mesmo que não quisesse na época:

> *[...] vi o edital do mestrado, a academia tinha me fodido tanto que eu*

> *tava com trauma né, mas eu falei "eu vou voltar, vou enfrentar as professoras brancas de novo, eu vou encarar porque eu não sei o que eu faço não", porque na eu não tava conseguindo viajar, só que eu precisaria de visto, porque eu não ia pra Guiné, mas a minha família agora não ta mais na Guiné [...] ai eu vou edital, mas eu queria residência, mas no período da pandemia só tinha 2, 3 vagas, era uma loucura, eu fui até Brasília fazer prova, eu não queria mestrado, eu não queria, aí eu entrei, eu fiz um projeto e eu entrei, até no meu projeto eu fiz um mega projeto, pelo amor de deus, eu fiz um projeto muito bom, uso de realidade virtual para aliviar a dor e a troca de curativo, e eu sempre gostei de tecnologia, eu tenho um artigo sobre aplicativos móveis e prevenção de pré-diabéticos* (Carmem Pereira).

Mesmo expressando o seu descontentamento com a enfermagem, ela admite que fez uma boa trajetória acadêmica:

> *Uns oito anos andando, apesar de hoje eu estar muito decepcionada com a enfermagem porque a gente não tem muita valorização como profissional, nem um piso a gente tem, isso me deixa muito triste, eu olho a minha trajetória como dizem, eu tenho orgulho da minha trajetória, não foi fácil apesar dos pesares, a gente reclama mas quando senta pra ver, eu costumo dizer que a gente também é privilegiados por estar neste espaço, porque muitas de nós não tiveram essa oportunidade que a gente teve de estar numa universidade e como mulheres pretas também a gente pode se considerar como privilegiadas, e eu como africana da guine também, tem pessoas lá do interior que são proibidas de estudar dado o casamento precoce, só que não ter uma família já estudada é dificil, a família do meu pai é mulçumana então é um escape atrás de escape, mas tudo foi bom, reconhecer este privilegio, reconhecer que foi tudo bom apesar dos pesares, está sendo muito bom, eu gosto do que eu faço, a minha pesquisa é lesioterapia, como eu gosto de lesão e feridas, eu faço atendimentos, eu estou bem, apesar que a academia também adoece, é muita cobrança e tudo mais,* ***eu to pensando no doutorado, enquanto for publica, enquanto não privatizarem tudo, aproveita, e isso se deve também a minha mãe que sempre me apoiou, a minha mãe sempre me ajudou aqui, as minhas irmãs também, não é uma coisa individual, ter pessoas colaborando, pessoas ajudando, a própria comunidade, é um processo coletivo e isso é importante*** **(**Carmem Pereira, grifos nossos).

Amílcar Cabral compreende que o Brasil é um espaço com muitas oportunidades educacionais e por isso escolheu permanecer. No solo brasileiro, ele realizou uma especialização, está finalizando o Mestrado Acadêmico em Educação e Saúde pela UFSC e atualmente atua como Professor de Enfermagem, contudo, ressalta que em algum momento almeja retornar para a Guiné Bissau para atuar como pesquisador:

> *Então eu fiquei quando eu terminei a graduação, decidir entrar pra o*

> *mestrado porque desde sempre eu vi que eu tenho essa vocação docente, então como eu gostaria de trabalhar com a pesquisa, docência, pra isso eu ingressei no mestrado para aprofundar o meu conhecimento, aprofundar o meu campo de pesquisa, e no futuro eu possa trabalhar como docente pesquisador,* ***porque o meu país com certeza precisa de mim e meu país é embrião em termo de pesquisa, então se eu me preparar direitinho pra voltar ao meu país, eu vou voltar pra fazer pesquisa****, fazer muitas publicações na área de saúde, que tem muito campo ainda pra explorar e isso é um dos fatores que motivou e eu escolhi educação e saúde porque eu quero trabalhar com docência educação e saúde é fundamental para me dá embasamento de educação e saúde, já que já estudei a saúde, agora a educação é fundamental quando se está atuando e posteriormente eu posso trabalhar no ministério da educação como no ministério da saúde* (Amílcar Cabral).

Apesar de não estar atuando como enfermeira e sonhar com o mestrado acadêmico no Brasil, Adja Satú revela que trabalha como atendente de caixa de um supermercado de Londrina, Paraná, mas que apesar de estar atravessando dificuldades financeiras, é grata pela sua formação na UNILAB:

> *Se fosse pra fazer tudo de novo eu faria, mas mudaria algumas coisas como por exemplo eu não me calar em algumas coisas, mas eu faria tudo, porque pra eu ser quem sou hoje ter essa certa maturidade, essa experiência, eu tive que passar por todos esses processos, seria bom não ter que passar por todos estes processos pra ter essa maturidade, mas de certa forma todos como momentos bons e ruins me formam hoje,* ***então não me arrependo de abrir mão de muita coisa assim, como momentos familiares. Eu só agradeço, agradeço a UNILAB por tudo isso*** (Adja Satú).

Maria Odília Teixeira, Neusa Souza Santos, Virginia Bicudo, Adja Satú, Carmem Pereira e Amílcar Cabral trilharam caminhos diferentes na área da saúde, rompendo lógicas, trilharam caminhos inimagináveis, acessando espaços que historicamente foram negados e invisibilizados, como Amílcar Cabral ressalta em sua trajetória que mesmo que o sonho de ser médico neurocirurgião não tenha sido alcançado, a enfermagem foi a possibilidade acolhida:

> *No início eu sempre quis fazer na minha mente fazer medicina e ser um neurocirurgião, na minha infância, ser um médico, neurocirurgião, quando eu cheguei no Brasil eu achei que minha universidade teria medicina e eu teria como fazer medicina, e quando eu cheguei vi que tinha enfermagem e fiz, e de lá veio me fazer outras ideias que não basicamente nem tudo que a gente quer é o que você vai realizar na vida, eu acho que tem outros caminhos, se fala né ninguém conduz o destino mas o destino nos conduz, mas você pode traçar o seu destino, mesmo que não seja o que é planejado por você,* ***você vai acabar***

> ***entrando na sua própria trajetória, então foi isso que aconteceu comigo e pra mim foi tranquilo, foi tranquilo e eu to trilhando o caminho, o caminho e a trajetória, mas eu tenho as minhas metas*** (Amílcar Cabral).

Ao longo destes 17 anos completados em 2022, a UFRB vem se consolidando através do ensino, pesquisa, extensão e das ações e práticas que visem o desenvolvimento regional, demonstrando ser juntamente com demais universidades do estado, uma instituição que visa a formação individual e coletiva, se comprometendo com a inclusão, emancipação e dialogicidade no território do Recôncavo da Bahia. Da mesma forma que a UNILAB em seus 12 anos presente no território do Recôncavo da Bahia e do Maciço de Baturité, se tornou a segunda melhor universidade do Ceará e está entre as 10 melhores do ensino superior nordestino (UNILAB, 2020), na qual vem promovendo um intercâmbio educacional, científico e cultural, se tornado uma referência nacional e internacional na construção de uma educação superior que vise a interculturalidade, produção de conhecimento plural e a cidadania.

As trajetórias negras descritas nesta dissertação são histórias de pessoas negras e negros que ao ingressarem na universidade e se tornaram referências para as suas famílias, comunidades e territórios. São pessoas que vestiram o jaleco branco e transgrediram a perpetuação racista “do não lugar” e “do não ser”. Maria Odília Teixeira, Virginia Bicudo, Neusa Santos Souza, Adja Satú Camara, Amílcar Cabral e Carmem Pereira desafiaram as estatísticas e formaram em cursos de prestígio social, mesmo se defrontaram em todo o percurso com os discursos meritocráticos e racistas, caminharam com suas cabeças erguidas em direção à um futuro melhor.

TECENDO CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições de educação superior têm a obrigação de escancarar suas portas.
Nelson Mandela, 2005

Nelson Mandela diz que a educação é um instrumento para as mudanças no mundo, por isso acreditamos que a promoção das Políticas de Ações Afirmativas e a Interiorização demarcam a importância fundamental do papel do Estado para que o país alcance mudanças consistentes vinculadas à democratização do Ensino superior. Além disso, refletirmos que mesmo que racismo e o preconceito persistam na sociedade, é imprescindível também destacar o Estado Brasileiro como promotor de políticas e ações que vislumbram o desenvolvimento de uma sociedade consciente de suas ações e práticas, a fim de garantir a igualdade racial e social.

Em relação ao processo de expansão e interiorização das universidades no Brasil, entendemos que além da relevância das transformações no espaço geográfico e político dos municípios escolhidos para a acolher as instituições de ensino superior, há também, os impactos das mudanças sobre a presença negra na universidade. Acreditamos que o acesso, a permanência e a pós-permanência no Ensino Superior para os profissionais negros da Medicina, Psicologia e Enfermagem demarcam: (I) as transformações sobre as representação raciais e identitárias na sociedade (II) a formação educacional que possibilite a reflexão sobre os desafios nas atuações profissionais (III) a oportunização do acesso ao mercado de trabalho, (IV) a compreensão de novos horizontes individuais e coletivos.

Portanto, apesar das dificuldades enfrentadas ao longo de suas formações nos cursos de saúde da UFRB e da UNILAB, entendemos que a diversidade das trajetórias negras universitárias rompem com a lógica da dominação do ser, do poder e do saber. Ao sonharem, reconhecem suas potencialidades intelectuais e profissionais, as sujeitas da pesquisa também auxiliam no fortalecimento dos discursos sobre a importância da representatividade negra na área da saúde e demais espaços de prestígio social.

PÓSFACIO: UMA CONVERSA COM JULIANO MOREIRA

Em 2021, através da pesquisa "Avaliação das políticas de ação afirmativa no ensino superior no Brasil: resultados e desafios futuros[67]", meus caminhos se entrecruzam com o de Juliano Moreira[68]. Ele é Bacharel em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e atualmente é graduando em Medicina pela mesma instituição. Ao longo da minha pesquisa, Juliano teve uma importante participação, visto que ele me auxiliou na busca por potenciais sujeitos e sujeitas da pesquisa. Neste sentido, realizei uma conversa ele com as seguintes palavras-chave: identidade, família e comunidade, educação e medicina, ingresso na universidade, racismo e saúde, trajetória acadêmica e jaleco branco.

Identidade

Sou preto, bissexual, quilombola, pernambucano, estudante de medicina e graduado em bacharel em saúde, eu me identifico mais como um ser negro do que um corpo preto, tenho 23 anos.

Família e Comunidade

A princípio minha família entende isso de uma forma revolucionária, eu sou a primeira pessoa negra da minha comunidade a fazer um curso elitizado, o curso de medicina, então isso já torna diferencial o olhar da comunidade em cima de mim, principalmente a minha comunidade quilombola, eu sou a primeira pessoa da minha localidade, Umãs, a ter o curso de medicina também, então isso pesa mais ainda, tem seus olhares positivos, negativos e olhares diversificados que são aqueles olhares de que mesmo que eu tenha acabado de chegar na medicina, eles já acham que sou médico, já me perguntam sobre algumas coisas, já querem fazer interconsultas ou uma teleconsulta, alguma coisa assim do tipo, e na maioria das vezes eu nego, as vezes eu falo o que tem que fazer, eu falo a

[67] A pesquisa "Avaliação das políticas de ação afirmativa no ensino superior no Brasil: resultados e desafios futuros" foi coordenada pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Lepes/UFRJ) e pela organização Ação Educativa. A referente pesquisa buscou contribuir para avaliar os efeitos e resultados da política de cotas implementada desde 2012. Participei como assistente de pesquisa no Estudo de Caso sobre a UFRB, coordenado pela Profa. Dra. Dyane Brito Reis e Prof. Dr José Raimundo Santos, e demais assistentes de pesquisa: Ruan Souza, Raissa Caldas e Rian Mota. Para consultar o Resumo Executivo em: https://pesquisaleidecotas.org.br/wp-content/uploads/2022/07/resumoexecutivo_OK.pdf.

[68] Juliano Moreira é o primeiro médico negro do Brasil, para mais informações, realizo a sua descrição no quadro 2 na página 44 desta dissertação.

quem procurar, mas quando nego as pessoas dizem "-você já tá negando a sua essência, já está mudando seu tipo de "vê", já tá se deixando corromper pelo sistema capitalista branco, elitista", e eu acho que não é bem assim, a gente tem que viajar nesse viés, nesses contextos, entender direito as relações, as inter relações [...].

Educação e Medicina

Eu comecei o meu ensino fundamental dizendo que eu queria fazer relações internacionais, eu amava outras línguas, eu amava outras questões, só que eu nunca esqueci a minha infância, quando eu fazia o ensino fundamental I, eu tive muitas complicações de saúde, quando tinha 9, 10 anos, eu tive apendicite, tive hepatomegalia, tive problemas renais, tive vários problemas respiratórios, então eu passei a maior parte da minha infância internado em hospitais, e eu sempre vi o médico, enfermeiro, o pessoal da saúde como herói pra mim, eu fui sempre alimentando essa questão de ser um herói, eu falava, eu dizia aos médicos que um dia eu estaria naquele local, teve um médico especifico que era o dono de um pronto socorro aonde moro, e eu sempre dizia a ele que um dia eu estaria no lugar que ele está e que ele esperasse por isso [...] eu sempre alimentei muito esta decisão de fazer medicina, até que eu fui pro ensino médio e a maioria dos meus professores, dos meus colegas, diziam que medicina não era um sonho pra mim, que era uma coisa muito longe, que eu tinha que ser professor ou que isso não era parte da minha realidade, foi até quando Eu fazia cursinho de línguas pela manhã, estudava ensino médio a tarde e fazia cursinho pré-vestibular a noite, e uma das minha professora (do ensino médio) falava aquela famosa frase "quem não pode com o pote, não coloca rodilha na cabeça", porque eu estava muito sonolento pela manhã e era uma aula de um tema que eu particularmente já sabia por conta do cursinho, então eu não tendia a prestar atenção, então a professora jogou essa porque me viu cochilando e eu mostrei a ela, lutei e foi a partir daquele momento que decidi que "eu vou fazer medicina sim!, porque tem muita gente branca achando que o meu lugar é num lugar que não é elitizado, então eu vou mostrar que não é", então eu me esforcei mais e mais, e mostrei que medicina não é só pra branco, preto também, principalmente o preto que quiser fazer, tem o direito de fazer e hoje essa minha professora, agora no novembro negro me chamou para fazer uma palestra na escola e eu disse a ela que eu iria fazer essa palestra e que eu iria mostrar que preto tem o lugar onde ele quiser, eu acho que ela não lembra da frase dela, mas ela disse que se orgulha muito de mim [...] Eu acho que o sonho de ser médico veio dessa essência,

de viver muito dentro do hospital, ver que quando não há mais nada, mais ninguém para cuidar de você, tem um médico lá cuidando.

Ingresso na Universidade

Eu escolhi a UFRB por dois pontos principais, um deles que é uma questão por nota mesmo como é Sisu, foi um ponto óbvio pra mim, porque a gente sabe que o Enem foi feito realmente para colocar pessoas sem renda em universidades públicas, mas ele não foi feito para fazer universidades públicas próximas delas, porque geralmente quanto mais perto de você, maior a nota de corte, então você tende a colocar pra mais longe e a nota de corte se torna menor, e os pesos mudaram muito a minha decisão, principalmente pra cá (UFRB), o peso de redação era muito alto, e era uma das minhas melhores notas, além da cota daqui, a cota quilombola e indígena e em Pernambuco só havia pra negro, e é essa questão só negro e não dividir com as comunidades tradicionais, então eu acho isso foi uma das vertentes, assim como uma vertente foi as diretrizes do curso, por ser um curso de sete anos com dois bacharéis, eu achava isso muito bom, porque eu iria terminar um bacharel, iria iniciar um mestrado e iniciando o outro bacharel, mas que já me deixaria com uma carta na manga, mesmo que eu não conseguisse terminar o segundo (curso de medicina), o primeiro eu já teria (BIS), então se eu precisasse trabalhar eu teria um diploma para utilizar como ferramenta de inserção no mercado de trabalho, e eu olhei todas diretrizes, as matérias e eu achei que me englobava muito por uma universidade majoritariamente negra e na Bahia, e esse é um dos meus preceitos muito massa, porque na Bahia eu me sinto livre pra usar meu cabelo do jeito que eu quero, eu me sinto livre pra ter a pele que eu quiser ter, usar a estampa que eu quiser usar, usar um turbante ou não usar, que isso aonde eu moro ainda é um tabu [...].

Permanência Material

Eu acho que no começo foi bem difícil [...] eu vinha de uma questão monetária que já estava fragilizada, tentei questões de bolsas e tudo, mas passei um semestre e meio só conciliando com o que meus pais poderiam me dá, passei um semestre e meio no esforço mesmo, na vontade, na garra porque financeiramente eu estava abaladíssimo, tinha dinheiro para não passar fome, mas não tinha dinheiro pra sair, pra comprar uma xerox, coisa que eu não sofria a muito tempo, depois de um semestre e meio eu consegui me inscrever em um dos projetos da universidade, foi o Programa de Permanência

Qualificada, pecuniária à moradia, essa pecuniária no tempo era 350 reais, e ela conseguiu manter meu aluguel [...] depois abriu o edital de bolsa permanência para estudantes quilombolas e indígenas e ai eu fiquei com essa bolsa de 900 reais, essa bolsa tende a ficar com você até o final do curso [...].

Racismo e Saúde

No contexto de estágio eu já encontrei o racismo de outra forma [...] foi um caso de uma senhora que chegou na emergência do regional e tinha que ser feito o atendimento e tudo, e um dos meus professores, médico residente e estava lá fazendo atendimento compartilhado [...], num desses contextos vem essa senhora que caiu da própria altura, e no meu ver clínico já dava pra perceber que tinha uma fratura Do colo anatômico e da cabeça do fêmur, dava pra perceber por causa da torsão do tornozelo e da coxa [...], eu fui até o paciente, a filha dela estava lá, só que a filha dela entrou pra fazer a consulta e eu fui ver como ela estava pra fazer exames e tudo, eu cheguei, me apresentei, disse que eu era Juliano, estudante de medicina, que estava lá pra ver como estava o estado dela, eu pedi licença e levantei o lençol pra ver como estava a perna, quando eu fui tocar na perna, ela disse que eu não tocasse nela, ai eu perguntei se ela tava com alguma dor e por isso ela não queria que eu tocasse, ela disse que preferia outro médico, um médico de verdade, uma médico bom, e eu disse que era total direito dela pedir pra outro médico, simplesmente sai, joguei minhas luvas fora e fui até a minha professora e eu falei "olha ela pediu pra um médico de verdade pra atender ela, não eu", minha professora é uma mulher branca, ela disse "não Pedro é porque você é homem", eu disse "não, a senhora vai ver que não é porque sou homem", e ai a professor disse "você vai fazer", coloquei minhas luvas de novo, e ela disse "não tem como ela me tocar não" [...] e ai ela disse "eu acho que ele não é muito bom no que ele faz não" [...] ai a filha dela me chamou de canto e disse que a mãe dela era desse jeito e que não gostava das pessoas de cor.

Trajetória Acadêmica e Jaleco Branco

Eu acho que minha trajetória até aqui, como uma frase de Paulo Freire que define muito a minha trajetória, que ele fala "ninguém caminha sem aprender a caminhar", sem fazer o caminho caminhando, refazendo, retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar", então minha trajetória é bem isso, vou caminhando, vou aprendendo, vou refazendo, vou

desfazendo, vou entendendo novamente porque estou atrás deste caminho, e o porquê deste sonho, então a minha trajetória tem seus pontos difíceis como toda trajetória de vida, mas eu acho que ela foi marcada mais pela alegria do que pela tristeza, Mas pelo explorar um sonho e viver aquele sonho pra você, mas pelo explorar um sonho do que viver aquele sonho era pra você [...] **Quando você fala jaleco branco, você fala sobre aquele ser detentor do poder, e que também é branco, você já imagina que primeiro é ele, e não ela, que é o médico, segundo, que é branco e não é preto, então quando você dá aquele baque na sociedade, de você ser uma pessoa negra, você usa um jaleco, que porta toda essa questão elitista, capitalista, machista, você já percebe por outros ângulos que você está sendo o diferencial, então portar esse jaleco pra mim é símbolo de resistência que ultrapassam as minhas gerações, que chega até a minha ancestralidade, que é mostrar que o preto pode estar onde ele quiser estar, e ele pode ser detentor do poder e do conhecimento, enquanto essa questão de idealização social, que acho que todo conhecimento ele é válido, sendo ele acadêmico ou não, então eu prezo muito por essas questões de transversalidade, entender e perceber que o jaleco parou de ter cor e começou a ter forma de sociedade, que realmente acredita no ser como um todo e não como um ser branco** (grifos nossos).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v.8, n.1, p. 229-236. Florianópolis, 2000.

ANDRADE JÚNIOR, Miguel de Jesus. **A contribuição da Medicina na construção do Racismo Científico no Brasil**: Um olhar sobre a Eugenia, 48 f. Monografia (Graduação em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ARRUDA, Ana Lúcia Borba de. **Expansão da Educação Superior:** uma análise do programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das Universidades Federais (REUNI) na Universidade Federal de Pernambuco. 215f. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2011.

ATCHE, Ana Cláudia dos Reis. **Política de Ações Afirmativas na Educação Superior:** a experiência da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) no período de 2006-2012. 142 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, Howard. **Outsiders**: Estudos de Sociologia do Desvio. Tradução Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos Narcísicos no Racismo**: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 169 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, Universidade de São Paulo, 2002.

BOARINI, Mária Lúcia. **Higienismo e Eugenismo**: discursos que não envelhecem. Psicologia Revista, v. 13, n.1, São Paulo, p.54-72, 2004.

BONINI, Bárbara Barrionuevo. **Ser enfermeiro negro na perspectiva da transculturalidade**. 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRASIL. Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância e Religiosa. **Declaração e Programa de Ação**, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

BRASIL. **Lei n. 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF., 26 jun 2014.

BRASIL. **Lei nº 6.096**, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2007.

BRITO, Leonardo Chagas de. A importância dos estudos sobre interiorização da universidade e reestruturação territorial. **Espaço e Economia**, n. 4, 2014.

CARDOSO, Maria Manuela Vila Nova; MIRANDA, Cristina, Maria Loyola. Anna Justina Ferreira Nery: um marco da história da enfermagem brasileira. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 52, n.3, p. 339-348, 1999.

CARVALHO, José Jorge de. **Uma Proposta de Cotas para Negros e Índios na Universidade de Brasília**. O público e o privado, n. 3, Janeiro/Junho, 2004

CARVALHO, José Jorge. **Ações Afirmativas como base para uma aliança negro-branco-indígena contra a discriminação étnica e racial no Brasil**. *In*: GOMES, Nilma Lino; MARTINS, Aracy Alves (orgs). Afirmando direitos: Acesso e permanência de jovens negros na universidade. 2 ed, Coleção Cultura Negra e Identidades. Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2006.

CASTRO, Rosana. **Pele negra, jalecos brancos**: racismo, cor(po) e (est)ética no trabalho de campo antropológico. Revista de Antropologia, v. 65, n. 1, São Paulo, USP, 2022.

COELHO, Edmundo. **As profissões imperiais**: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro: 1822-1930. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência a política do empoderamento. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

COULON, Alain. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Tradução Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

DIAS SOBRINHO, José. Avaliação da educação superior regulação e emancipação. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 8, n. 2, 2003. Disponível em: http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/1221. Acesso em: 8 dez. 2021.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERES JUNIOR, João; BESSA, Águida; MACHADO; Marcell (orgs.). **Levantamento das políticas de ação afirmativa (gemaa)**, 2017. Disponível em: http://gemaa.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2019/08/Lev-2017-Fed.pdf. Acesso em: 10. ago. 2022.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins; TELO, Florita Cuhanga António; CORDARO, Rosangela. A luta dos negros e das negras continua: entrevista com Kabengele Munanga. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 2, n. 2, jun/dez. 2016.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; SILVA, Fernanda Rodrigues da; GOMES,

Romeu. Rituais e símbolos na atenção formal à saúde: o caso do vestuário profissional, na ótica de pacientes da Atenção Básica. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, p. 507-525, 2012.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1992.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por Emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma, VIEIRA, Sofia Lerche. Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). **Revista Lusófona de Educação**, n. 24, p. 81-95, 2013.

GONÇALVES, Assis da Silva. **Eugenia em debate**: Medicina e Sociedade no I Congresso Brasileiro de Eugenia. In: XIV Encontro Regional ANHPU-RIO: Memória e Patrimônio. Anais. 2010.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo, Editora 34, 2002.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. São Paulo, Editora 34, 1999.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Olhares Negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2019**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021.

JESUS, Rita de Cássia Dias de; NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do. A 'condição do estudante' e a experiência de acesso e permanência qualificada na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. **Política & Trabalho**, n.33, p. 117-129, out. 2010.

JESUS, Rodrigo Ednilson. **Reafirmando direitos**: trajetórias de estudantes cotistas negros (as) no Ensino Superior Brasileiro. Belo Horizonte, 2019.

JINKINGS, Ivana. **O golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe**. *In*: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (orgs). Por que gritamos golpe?: para entender impeachent e a crise política no Brasil. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

JÚNIOR, Hilton Chaves. **Hipertensão do Jaleco Branco**. Arquelogia Brasileira Cardiologia, v. 67, n. 2, p. 139-142, 1996.

KILOMBA, Grada. **Memória das Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercados de letras, 2001.

LOMBARDI, Maria Rosa; CAMPOS, Veridiana Parahyba Campos. A Enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação do campo profissional. Revista da ABET, v. 17, n. 1, jan/jun, 2018, p. 22-46.

MACHADO, Maria Helena**. Perfil da enfermagem no Brasil**: relatório final: Brasil / coordenado por Maria Helena Machado. Rio de Janeiro: NERHUS - DAPS - ENSP/Fiocruz, 2017.

MACIEL, Daniel Alain Simões. **Políticas Públicas e Democratização Educacional**: acesso e permanência no Ensino Superior através do Programa Reuni. 119 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MACIEL, Maria Eunice de S. A Eugenia no Brasil. **Anos 90**, Porto Alegre, n.11, p. 121-190, 1999.

MANCEBO, Deise. Reforma da educação superior: o debate sobre a igualdade no acesso. *In*: BITTAR; Marluce.; OLIVEIRA, João Ferreira; MOROSINI, Marília Costa (orgs.). **Educação superior no Brasil**: 10 anos após LDB. Brasília: INEP. 2008. p. 55-70.

MARINHO; Maria Gabriela S.M.C. **Arnaldo Vieira de Carvalho**: um percurso pela formação intelectual e rede de sociabilidades (1880-1913). *In*: MARINHO, Maria Gabriela S.M.C.; MOTA, André (orgs). Medicina, Saúde e História: Textos Escolhidos & Outros Ensaios. Coleção Medicina, Saúde e História. São Paul : USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2014, p. 11-31.

MEIRELES, Jacqueline; FELDMANN, Mariana; CANTARES, Tamiris da Silva, NOGUEIRA, Simone Gibran, GUZZO, Raquel Souza Lobo. Psicólogas brancas e relações étnico-raciais: em busca de formação crítica sobre a branquitude. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, jul-set, 2019.

MENDES, Valdeci Silva; COSTA, Candida Soares da. Branquitude e Branquidade na Enfermagem Brasileira: **Racismo Sistêmico e Perverso a serviço de privilégios às mulheres brancas.** *In*: VI Congresso Nacional de Educação, 2019. Anais. Editora Realize, 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA6_ID941_21092019221517.pdf. Acesso em: 10.10.2022.

MOEHLECKE, Sabrina. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 197-217, nov. 2002.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 240-264, jan./jun. 2007.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

NASCIMENTO, Francivaldo dos Santos. **Expansão e Interiorização das Universidades Federais**: uma Análise do Processo de Implementação do Campus do Litoral Norte da Universidade Federal da Paraíba. 147 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal da Paraíba, 2013.

NASCIMENTO, Tiago Heliodoro. **Entre a medicina e a branquitude**: as políticas de ações afirmativas em um ambiente de formação médica em Belo Horizonte. 212 f. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em Antropologia, Universidade Fderal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. **Ensino Superior no Brasil**: expansão, diversificação e inclusão. *In*: Congresso de 2012 da LASA, São Francisco, Califórnia, 2012.

NOGUEIRA, Jaana Flávia Fernandes. **Reforma da educação superior no governo Lula**: debate sobre ampliação e democratização do acesso. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/1230. Acesso em: 20. dez. 2021.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto, quanto branco**: estudo de relações raciais. São Paulo: T.A Queiroz, 1985

OBSERVATÓRIO DO PNE. **Plano Nacional de Educação**: Meta 12-Educação Superior. Disponível em: https://www.observatoriodopne.org.br/meta/educacao-superior. Acesso em: 8 dez. 2021.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. **Revista Brasileira Psiquiatra**, n. 4, dez., 2000, p. 178-179.

OLIVEIRA, Vilmar Pereira de Oliveira. **As audácias e as histórias**: análise psicossocial das trajetórias de negras/os doutoras/es em Psicologia na interface dos estudos sobre carreiras. 171 f. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

PASSOS, Elizete. **De anjos a mulheres**: ideologias e valores na formação de enfermeiras, 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2012.

PAULA, Camila Henriques de. **A influência do REUNI sobre o desempenho das Institucionais Federais de Ensino Superior**, 112f. 2018. Dissertação (Mestrado em Administração) - Departamento de Administração Pública e Contabilidade, Universidade Federal de Viçosa, 2018.

PEREIRA, Juliana. **Continuidades, avanços e rupturas**: a construção da identidade profissional de enfermeiras da estratégia saúde da família. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, tese de doutorado, 2015.

PEREIRA, Rosana da Silva. **(Sobre) Vivências**: A Permanência de jovens mulheres

negras nos cursos de saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 98 f. 2020. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2020.

PEREIRA, Rosana da Silva; COSTA, Taís Lima. **UBUNTU**: Mulheres negras em cursos de alto prestígio do CAHL- UFRB na Era das Ações Afirmativas. In: Anais do Congresso de Pesquisadores/as Negros/as. Disponível em: https://www.copenenordeste2019.abpn.org.br/resources/anais/13/copenenordeste2019/1562331745_ARQUIVO_8ac2d672deebac722d446bdac1464d18.pdf. Acesso em: 20.set. 2022.

POSTORIVO, Raphaella. **Programa Mais Médicos**: análise da política e seus conflitos de interesse. 70 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2020.

REIS, Dyane Brito. **Continuar ou desistir? Reflexões sobre as condições de permanência de estudantes negr@s na UFRB**. *In*: SAMPAIO, Sônia M. R; GONÇALVES, Georgina (org.). Observatório da Vida Estudantil: estudos sobre a vida e cultura universitárias. Salvador: Edufba, 2012, p. 1-269.

REIS, Dyane Brito. **Do mito ao fato**: um apanhado histórico dos estudos sobre relações raciais e desigualdades educacionais. Cadernos ANPAE, v. 8, p. x/x, 2009.

CONCELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Entrevista Caminhos para o Futuro**. *In:* CONCELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (org). Revista Diálogos: 6 décadas da psicologia como profissão regulamentada no Brasil. Entrevista Caminhos para o Futuro. Ano 18, n. 13, out. 2022. Disponível em: https://site.cfp.org.br/publicacao/revista-dialogos-60-anos-da-psicologia/. Acesso em

RIBEIRO, Matilde. **Políticas de Igualdade Racial e Educação Superior**: Perspectivas e Desafios. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Socais, UFRB, Novos Olhares Sociais, v.1, n.1, 2018.

RIZZOTO, Maria Lúcia Frizon Rizzotto. **A origem da Enfermagem Profissional no Brasil**: determinantes históricos e conjunturais. Coleção "Navegando pela História da Educação Brasileira, 2006.

ROMANINI, Maria das Graças Rua; Roberta. **Para aprender políticas públicas**. Curso Online Políticas Públicas. Instituto de Gestão, Economia e Políticas Públicas. Brasília/DF, 2013.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos Santos; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. Psicologia: Ciência e Profissão, n. 32, 2012, p. 166-175.

SANTOS, Dyane Brito Reis. Curso de Branco: uma abordagem sobre acesso e permanência entre estudantes de origem popular nos cursos de saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 23, p. 31-50, abr. 2017, Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/3229. Acesso em: 20. jun. 2020.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Trajetórias negras importam**: histórias de nordestinas (os) egressas de Políticas de Cotas Raciais no Ensino Superior Público Brasileiro (2003-2018). Revista Humanidades e Inovação, v.7, n.25, p. 29-41. 2020.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas**: a permanência de estudantes negros no ensino superior. 2009. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SANTOS, José Raimundo de Jesus. **Juventude, Universidade e Conhecimento**: O agir prático das juventudes nos fazeres da Universidade. 274f. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SCHEFFER, Mário. *et al*., **Demografia Médica no Brasil 2020**. São Paulo: FMUSP, CFM, 2020. Dispomível em: https://www.fm.usp.br/fmusp/conteudo/DemografiaMedica2020_9DEZ.pdf. Acesso em: 10. jun. 2022.

SCHEFFER, Mário. *et al*. **Demografia Médica no Brasil 2018**. São Paulo: FMUSP, CFM, Cremesp, 2018. Disponível em: https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/DemografiaMedica2018.pdf. Acesso em: 10. jun. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEIXAS, André Augusto Anderson; MOTA, André; ZILBERMAN, Monica L. A origem da Liga Brasileira de Higiene Mental e seu contexto histórico. **Revista de Psiquiatria**, Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA. Ana Célia. **Retrospectiva de uma trajetória de ações afirmativas precursoras à Lei nº 10.639/03**. Salvador: Hetera, 2017.

SILVA, João Ítalo de Oliveira e**. Por uma eugenia latino-americana**: Victor Delfino e Renato Kehl. 179 f. 2008. Dissertação (Mestrado em História e Culturas Políticas) - Programa de Pós Graduação em História e Culturas Políticas. Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **O papel das ações afirmativas em contextos racializados**: algumas anotações sobre o debate brasileiro. *In*: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs). Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica, Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, p. 55-80, 2003.

STEPAN, Nancy Leys. **Eugenia no Brasil, 1917-1940**. *In*: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego., (orgs). Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

TEIXEIRA, Elisabeth; VALE, Eucléia Gomes; FERNANDES, Josicelia Dumêt; DE SORDI, Mara Regina Lemes Trajetória e tendências dos Cursos de Enfermagem no

Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, jul-ago, n. 59, v. 4, 2006.

TELLES, E. E. O significado da raça na sociedade brasileira. Princeton e Oxford: Princeton University Press. 2004. Versão divulgada na internet em Agosto de 2012

TISCHER, Wellington; ROCHA, Isa de Oliveira. **Novas Universidades Federais para o desenvolvimento regional**: Expansão do Ensino Superior público e a interiorização dos campis. Anais XVIII ENANPUR 2019. Disponível em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais. Acesso em: 11.10.2022.

TROMBINI, Michelle M. Semiguen Lima; ROCHA, Mônica Aparecida da; LIMA, Fernando Silva. Avaliação do Programa REUNI em Universidades Federais no Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.6, 2020.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL LUSÓFONA AFRO-BRASILEIRA. **Resolução CONSUNI/ UNILAB nº 78**, de 22 de Junho de 2022. Aprova o Regimento Interno da Pró-Reitora de Políticas Afirmativas e Estudantis (Propae) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira (Unilab). Disponível em: https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2022/08/Regimento-Interno-da-Propae.pdf. Acesso em: 16.12.2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. **Relatório de Autoavaliação Institucional: Relatório Parcial I e II do Quinto Ciclo Avaliativo 2021-2023**. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. **Relatório de Autoavaliação Institucional: Relatório Parcial I do Quarto Ciclo Avaliativo 2018-2020**, 2019.

VARGAS, Hustana Maria. Sem perder a majestade: “Profissões Imperiais" do Brasil. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 15, n. 28, p.107-124, 2010.

VIEIRA. Paulo Alberto de Souza. **Para além das cotas**: Contribuições Sociológicas para o estudo das Ações Afirmativas nas Universidades Brasileiras. São Paulo: Paco Editorial, 2016.

ANEXOS

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTAS DA PESQUISA

I- Perfil das (dos) sujeitas/sujeitos da pesquisa

1. Gostaria que você se apresentasse, nome, idade, origem, curso e semestre, como é a sua relação com sua família, quem são? Como era sua relação com a escola, como é a relação com a educação? Como foi construída esta relação?
2. Você ingressou pelas cotas ou pela ampla concorrência?
3. Você é a primeira da família a ingressar na universidade? Como foi para eles o seu ingresso na universidade?

II- Ingresso na Universidade

1. Por que a escolha desta universidade?
2. Por que optou pelas cotas? Por que optou pela ampla concorrência?
3. Como se deu o processo de declaração, em que momento você se identificou enquanto negra? Foi antes, ou após a universidade?
4. O que você pensa sobre as cotas?

III- Políticas Públicas de Ações Afirmativas e Interiorização no Ensino Superior

1. O que entende sobre as ações afirmativas? Conhece as ações afirmativas da UFRB /UNILAB?
2. Por que a escolha deste curso? Quais as razões da escolha?
3. Como enxerga sua universidade no interior do Estado?

IV- Permanência Material e Simbólica na Universidade e Relações Étnico-Raciais

1. Como faz para permanecer financeiramente na universidade?
2. Você já teve contato com a assistência estudantil? Já tentou alguma bolsa? Auxilio? Já utilizou algum tipo de atendimento na
3. Como é sua convivência com seus colegas, professores e servidores administrativos? Como se dá suas relações sociais na Universidade?
4. Como é fazer o curso de saúde? Como é o seu desempenho? Você tem acesso a livros, a curso de idiomas [...] ?
5. Você faz parte de algum grupo de pesquisa? Grupo de estudo? Se sim, sobre quais temas vocês discutem? Se não quais motivos você não faz? Gostaria de fazer?
6. Já participou de atividades de extensão?
7. Participa de atividades propostas por seu curso?
8. Você faz parte de movimento estudantil na Universidade?

9. Você considera o seu curso de alto prestigio social?
10. No momento que sentiu dificuldades no curso, obteve ajuda de professores, servidores, colegas e familiares?
11. Você possui debates sobre as questões raciais no seu curso? Questões que envolvem solidão, saúde mental e física da população negra?
12. Você já sofreu racismo no curso, ou qualquer discriminação?
13. Você conhece quantos profissionais negros da sua área?
14. Como se sente sendo uma pessoa negra na universidade, em um curso de alto prestigio social?
15. Você faz parte de algum grupo de pesquisa? Grupo de estudo? Se sim, sobre quais temas vocês discutem? Se não quais motivos você não faz? Gostaria de fazer?
16. Você faz parte de algum movimento social atuante na universidade?
17. Como para você o seu campus/centro de ensino/faculdade/departamento encara a presença de estudantes negros na Universidade?

V- Considerações sobre a Instituição

1. Você já pensou em evadir do curso? Se sim, quais motivos?
2. Permanece na Universidade com quais objetivos? O que quer fazer após a formatura?
3. Como define a sua trajetória até o presente momento na Universidade?

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO INDIVIDUAL – TCLE

Este é um convite para você participar voluntariamente, sem remuneração, da pesquisa: que tem como pesquisador responsável Rodrigo Ednilson de Jesus. Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós- Graduação – Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – FaE/UFMG.

Tendo como objetivo analisar as trajetórias dos egressos dos cursos de saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, a pesquisa pretende contribuir para (I) ampliar as discussões sobre as trajetórias de estudantes negros no ensino superior; (II) refletir sobre os impactos das políticas educacionais de ações afirmativas e promoção da expansão e interiorização da educação superior.

Neste sentido, caso você decida participar, você vai passar por uma entrevista semiestruturada com duração de até 60 minutos. As entrevistas, se você permitir, serão gravadas e, posteriormente, transcritas integralmente. Fica garantido, a cada uma, o acesso ao material transcrito e o direito ao veto de parte ou de toda a transcrição a qualquer momento da pesquisa. As entrevistas serão realizadas pelo plataforma Google Meet.

Rubricas:

_____

Participante

_____

Pesquisador

Os horários para os encontros serão combinados, respeitando sua disponibilidade e preferência. A sua participação não lhe causará nenhuma despesa, mas, caso isso ocorra, todos os gastos serão ressarcidos. Sobre o resultado do trabalho, ele será devolvido a cada um dos participantes. Esse material será devidamente arquivado e no caso dos arquivos eletrônicos armazenados através de criptografia, ficando sob a guarda

da pesquisadora e mestranda Rosana da Silva Pereira por 5 (cinco) anos. Após esse período, todo o material coletado será destruído.

Rubricas:

_____

Participante

`

Pesquisador

Gostaríamos de esclarecer que o uso do material coletado será destinado exclusivamente para a realização desta pesquisa e que sua identidade, nome, e dados pessoais serão preservados.

Pode acontecer algum desconforto durante a realização das entrevistas. Se houver qualquer situação de constrangimento de qualquer natureza, você tem o direito de se recusar a responder as perguntas ou de interromper a entrevista.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para os telefones e contatos que deixamos abaixo, estamos disponíveis para qualquer esclarecimento no decorrer da pesquisa.

Se assim julgar necessário, o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG também pode ser contatado pelo endereço eletrônico coep@prpq.ufmg.br ou pelo telefone 31 3409-4592, a fins de buscar informações sobre a ética da pesquisa.

Você também tem o direito de retirar seu consentimento em qualquer fase, sem que isso lhe acarrete quaisquer tipos de prejuízo a sua vida pessoal ou profissional. Caso se sinta prejudicado (a), ao participar da pesquisa, pode buscar indenização aos pesquisadores da pesquisa.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações ligadas à pesquisa, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você.

Se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra

com a pesquisadora Rosana da Silva Pereira.

Pesquisadora Responsável: Prof. Dr. /Orientador Rodrigo Ednilson de Jesus, vinculado ao Departamento de Administração Escolar/ Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Gabinete: (31) 3409-5325. . E-mail: rodrigoednilson@ufmg.br/

Pesquisadora Co-responsável: Rosana da Silva Pereira/ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: (31) .E-mail: rosanapereira@ufmg.br

Dados do Comitê de Ética em Pesquisa – COEP/UFMG

Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP.: 31270-901
Telefax: (31) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Rubricas:

_____

Participante

_____

Pesquisador

Diante dos esclarecimentos prestados e da garantia de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade, e que os dados de identificação e outros pessoais não relacionados a pesquisa serão tratados de forma confidencial, aceito participar da investigação intitulada "**ENEGRECENDO O JALECO BRANCO: TRAJETÓRIAS NEGRAS EM CURSOS DE SAÚDE DE UNIVERSIDADES NORDESTINAS INTERIORIZADAS".**

Como pesquisador responsável pelo estudo: "**ENEGRECENDO O JALECO BRANCO: TRAJETÓRIAS NEGRAS EM CURSOS DE SAÚDE DE UNIVERSIDADES NORDESTINAS INTERIORIZADAS**", declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e

confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Local e Data

Assinatura do(a) Participante

Prof. Dr. / Orientador Rodrigo Ednilson de Jesus

Mestranda: Rosana da Silva Pereira